

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LICENCIATURA – PORTUGUÊS E GREGO

Bruno Palavro

A *THEOGONIA* DE HESÍODO
traduzida & anotada pela mão de Bruno Palavro

Porto Alegre

2019

Bruno Palavro

A *THEOGONIA* DE HESÍODO
traduzida & anotada pela mão de Bruno Palavro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras, com ênfase em Português/Grego.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Leonardo Bonturim Antunes

Porto Alegre

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Palavro, Bruno

A Theogonia de Hesíodo, traduzida & anotada pela
mão de Bruno Palavro / Bruno Palavro. -- 2019.

133 f.

Orientador: Carlos Leonardo Bonturim Antunes.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e
Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Grega e
Literatura de Língua Grega, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Poesia grega. 2. Tradução. 3. Hexâmetro
datílico. 4. Teogonia. 5. Hesíodo. I. Bonturim
Antunes, Carlos Leonardo, orient. II. Título.

*a meu pai e minha mãe, pelos caminhos
a leonardo antunes e rafael brunhara, pelos caminhos
ao vulto anônimo dos aedos*

*à universidade federal do rio grande do sul
pela universidade pública desimpedida*

*o mestramigo leonardo
escandiu os dias da labuta
a ele: valeu & obrigado.*

RESUMO

Este trabalho propõe uma nova tradução poética para a *Theogonia* de Hesíodo, com ênfase na recriação rítmica do hexâmetro datílico para o vernáculo. Apresenta uma introdução concisa sobre a obra e o autor, seguida de uma exposição a respeito dos critérios que pautaram a tradução, a saber, a tomada de uma postura crítica e criativa frente ao original, as correspondências entre os sistemas quantitativo e qualitativo de medida silábica para a recriação do hexâmetro datílico, o artifício de vernaculização dos nomes gregos e um pendor estrangeirizante do texto de chegada como forma de potencializar uma erupção da alteridade. Seguem-se ao texto original e à tradução notas e comentários gerais sobre passagens obscuras, leituras canônicas e escolhas de tradução, bem como um apêndice de caráter instrumental para a elucidação de nomes e localidades integrantes da obra.

Palavras-chave: Teogonia, Hesíodo, tradução poética, hexâmetro datílico.

ABSTRACT

This work proposes a new poetic translation to Brazilian Portuguese of Hesiod's *Theogony*, emphasizing the vernacular rhythmical re-creation of the dactylic hexameter. It presents a concise introduction on the work and the author, followed by an exposition concerning the criteria that guided the translation, namely, a critical and creative approach to the original text, the correspondences between the quantitative and qualitative systems of syllabic measurement for the re-creation of the dactylic hexameter, the vernacularization of Greek names and the foreignization of the translated text as a means to potentiate an eruption of alterity. The original text and the translation are followed by notes and general comments on passages deemed obscure, canonical readings and translation choices, as well as an explanatory Appendix of names and locations found in the work.

Keywords: Theogony, Hesiod, poetic translation, dactylic hexameter.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	8
1.1 Obra e aedo.....	8
1.2 Tradução.....	12
2- ΘΕΟΓΟΝΙΑ.....	24
3- THEOGONIA.....	55
4- NOTAS E COMENTÁRIOS.....	86
5- APÊNDICE: OS NOMES DA <i>THEOGONIA</i>	110
6- REFERÊNCIAS.....	129

1- INTRODUÇÃO

1.1 Obra e aedo

A *Theogonia* é um poema épico de 1022 versos atribuído a Hesíodo, composto na Grécia Arcaica por volta de 750-650 a. C. O título indica diretamente o assunto: de *theós* (“deus”) e *génos* (“geração”), o poema trata da genealogia divina, desde o nascimento do mundo, passando pelas peripécias da progressão cosmogônica, até o estabelecimento de Zeus como ordenador último do cosmo. Entoar uma teogonia, portanto, significa entoar uma cosmogonia, uma vez que a potência do devir cosmogônico e a potência divina são uma e a mesma: os deuses são os inextricáveis filhos do mundo tanto quanto o mundo é regido por eles próprios, seja no domínio do manifesto, seja no do imanifesto, inexoravelmente influentes na vida dos mortais. Assim a terra (*gaíā*), o céu (*ouranós*), o mar (*póntos*), a noite (*nýx*), o abismo (*kháos*) etc., são todos eles os antepassados das divindades olímpicas ou ctônicas, e são todos eles mantidos por essas mesmas divindades.

De modo geral, Hesíodo organiza essa genealogia de duas maneiras: pela narração do chamado “mito de sucessão” e pelos trechos catalógicos, ambos intercalados. O mito de sucessão trata das peripécias que envolvem o primeiro reinado de Urano, seu destronamento pelo filho Krono, o destronamento deste pelo filho Zeus, bem como dos eventos que ressaltam a supremacia de Zeus: o jogo de astúcia contra Prometeu, a batalha contra os Titãs, a luta contra o monstro Typhéu¹ etc. Os catálogos, por sua vez, dão conta de assinalar a copiosidade de filhos e prodígios que constituem a grande genealogia divina; pela abundância de nomes e riqueza sonora, esses trechos se configuraram também como prodigioso artifício poético e atestado do poder mnemônico que o aedo, o poeta-cantor, detinha na performance de seu canto. Nas palavras do filólogo M. L. West, se o mito de sucessão é a coluna vertebral do poema, os catálogos genealógicos são sua carne e sangue (1966, p. 31).

Seria equivocados entender a *Theogonia* de Hesíodo como um escrito “bíblico”, no sentido de único e dogmático. Outras teogonias existiram no vasto período da Grécia Antiga (embora nenhuma delas tenha sobrevivido integralmente), sendo tão cultivadas quanto a épica heroica no Período Arcaico (WEST, 1966, p. 12-16). Mas talvez o dife-

¹ Esse emprego de uma grafia singular para os nomes das divindades faz parte de meu projeto de estrangeirização (entenda-se também: “estranhamento” arcaizante) e vocalização do poema. A questão é desenvolvida neste trabalho na seção 1.2.

rencial da *Theogonia* de Hesíodo esteja na sua aspiração pan-helênica: se, por conjectura, outras obras de mesma índole se ocupassem acima de tudo de mitos locais, então seria possível ver a “universalidade” da *Theogonia* como fruto de uma assimilação de tradições teogônicas locais (CLAY, 2003, p. 4), conjugadas à incorporação de mitos comuns e localidades importantes a mais ou menos todo o território que hoje conhecemos como Grécia. Ademais, vale notar que o dialeto empregado por Hesíodo não é o da Beócia, região onde o aedo viveu, mas sim o mesmo dos célebres poemas heroicos de Homero, a *Ilíada* e a *Odisseia*: trata-se, essencialmente, de uma forma arcaica do grego jônico (com alguma mistura do ático e eólico), dialeto não somente comum aos poemas compostos em sua região de origem, a Jônia, na Ásia Menor, mas uniformemente cultivado em todo o território da Grécia enquanto artifício poético, “dicção épica”, que prevaleceu nas composições em hexâmetro datílico (metro épico por excelência) até o Período Helenístico (WEST, 1966, p. 79-80). Além do dialeto e do metro, Hesíodo ainda compartilha com Homero muitos dos epítetos que recorrentemente designam deuses e seres no geral, fato que também contribui para inserir o aedo em uma tradição amplamente difundida pelo território helênico: *lato sensu*, a da poesia épica. Assim, mesmo que Hesíodo não fosse o único poeta teogônico, foi certamente uma figura central para a tradição helênica. Nas palavras de Heródoto, em *Histórias*, II, 53:

Hesíodo e Homero, quanto à idade, parece que foram mais velhos que eu em quatrocentos anos, e não mais: e são eles que compuseram teogonia para os helenos e que aos deuses deram nomes, bem como honras e artes lhes distinguiram e suas formas indicaram.²

Apesar de seu caráter algo religioso, a *Theogonia* muito provavelmente não se afirmava em nenhuma função estritamente ritualística; era, antes de tudo, uma obra voltada ao entretenimento e fruição (WEST, 1966, p. 16), embora seja coerente ver em sua índole um grande potencial para a experiência poética inspirada enquanto discurso sobre o sagrado. Difere dos épicos homéricos em extensão – a *Ilíada*, por exemplo, possui por volta de 15.000 versos –, em sua concepção – que muitas vezes mais se aproxima da poesia didática do que da narrativa heroica –, em seu estilo narrativo – que, diferentemente das detalhadas (quase cinematográficas) batalhas homéricas, propõe uma exposição mais genérica, dada a inefabilidade da ação divina. Era poesia enquanto composição

² Trecho original: “Ἡσίοδον γὰρ καὶ Ὅμηρον ἠλικίην τετρακοσίοισι ἔτεσι δοκέω μεν πρεσβυτέρους γενέσθαι καὶ οὐ πλέοσι: οὗτοι δὲ εἰσὶ οἱ ποιήσαντες θεογονίην Ἑλλήσι καὶ τοῖσι θεοῖσι τὰς ἐπωνυμίας δόντες καὶ τιμὰς τε καὶ τέχνας διελόντες καὶ εἶδεα αὐτῶν σημῖναντες”. Acesso em <<https://tinyurl.com/yxt5q2vk>>.

dotada de valor estético, ritmo e sonoridade, abundantes jogos de palavras, etimologias artificiosas, elaborações imagéticas, e de um assunto consoante a certa “convenção épica”; a fruição dessa obra, contudo, estava diretamente relacionada à oralidade e à situação de performance. Não sabemos exatamente em que período da história o alfabeto foi introduzido na Grécia Arcaica, mas, mesmo que Hesíodo tenha registrado sua obra por escrito (WEST, 1966, p. 48), é de suma importância compreender que a difusão da poesia antiga se dava oralmente. O poeta não era poeta, mas aedo, um poeta-cantor, que, geralmente acompanhado da lira, entoava suas canções para um público específico. A poesia, portanto, não tinha vida concreta dissociada da música ou da entoação.

Marcas dessa oralidade podem ser encontradas nos textos que nos chegaram, sobretudo no que se refere às fórmulas e epítetos comuns à épica. O leitor contemporâneo certamente estranhará a repetição de adjetivos, expressões, ou até mesmo de versos inteiros. Trata-se de uma técnica mnemônica recorrente: por ser o poema composto num metro fixo, o aedo podia se valer de expressões prontas, de determinada extensão, e encaixá-las na canção de acordo com sua necessidade, uma vez que não dispunha de nenhuma partitura e devia confiar à memória seu longo repertório. Assim, essa “técnica de encaixe” conjugada ao metro fixo (que, por sua vez, já encerra na cadência relativamente regular uma possibilidade mais efetiva de memorização) permitia que o aedo improvisasse muito de sua performance a partir de fórmulas predefinidas. É certo que, se cada reperformance atualizava a obra (por mínimo que fosse) e se toda a transmissão posterior pelos copistas estava sujeita a toda sorte de alteração, por equívoco ou interpolação deliberada, até os manuscritos medievais e renascentistas aos quais temos acesso, então a ideia de se acessar uma *Theogonia* “original” é no mínimo fugidia. O poema que nos chegou é um acúmulo de performances e reperformances, cópias e recópias, leituras e releituras, e de uma tradição cujo princípio só pode ser vislumbrado como fluxo contínuo: a poesia arcaica se concretizava máxima e exclusivamente na voz.

Além da *Theogonia*, há um consenso de que Hesíodo seja autor de pelo menos mais uma obra que chegou até nós: *Trabalhos e Dias*, poema didático de 828 versos hexamétricos que apresenta mitos etiológicos, conselhos morais/religiosos e instruções sobre a arte da agricultura. Também outras composições já foram atribuídas ao aedo durante a Antiguidade; delas, porém, apenas uma sobreviveu inteira, modernamente rejeitada como obra de Hesíodo de fato: trata-se de *O Escudo de Héracles*, poema de 480 versos hexamétricos que parte do nascimento de Hérakles e narra sua empreitada

contra Cykno, ímpio filho de Ares, intercalando uma descrição do prodigioso escudo do herói.

A principal questão que envolve a figura de Hesíodo é se de fato ele próprio existiu historicamente. Tal como ocorre com Homero, não há prova que assegure sua existência enquanto poeta-indivíduo. A começar pelo seu nome, uma situação inquietante se apresenta: dentre as etimologias possíveis, a mais interessante – embora não tão rigorosa – deriva “Hesíodo” da forma verbal *híesi* (“lança”) e do substantivo *aoidé* (“canção”); assim, o aedo seria ninguém menos que o “Lança-Canção” (MOST, in. HESIOD, 2006, p. xv). Nesse caso, quer se trate de uma reinterpretação do nome em função da atividade do aedo, quer fosse um heterônimo ou mesmo um *nomen omen*, temos um efeito em via dupla: se, por um lado, esse caráter ficcional ou coincidente do nome com a função de aedo tende, pelo menos à primeira vista, a fragilizar a materialidade histórica do indivíduo poeta, por outro, pode reforçar a autoridade poética do vulto que envolve o nome. Hesíodo bem pode jamais ter existido independentemente de seus poemas, mas sim subsistido como *persona* poética – uma função poética – na tradição viva, de modo que em cada voz e em cada reperformance diferentes aedos se proclamassem “Hesíodo” para garantir uma autoridade, no limiar do “ficcional”, e cantar uma poesia ao mesmo tempo estabelecida pela tradição e renovada pela nova voz que se sobrepunha.

Os dados mais sólidos que possuímos sobre o aedo vêm de sua própria boca: seu pai fugiu de Cime, na Ásia Menor, por conta da fome, e se estabeleceu no vilarejo de Ascra – “no inverno, ruim; no verão, aflitivo; bom, jamais!” –, na região da Beócia (*Trabalhos e Dias*, v. 633-640); Hesíodo, por sua vez, foi pastor de cordeiros até que as Musas o interpelassem ao pé do Monte Hélikon e lhe concedessem o dom do canto (*Theogonia*, v. 22-34); possuiu um irmão chamado Perses, que ilegalmente tentou se apropriar de uma parte maior da herança paterna e a quem Hesíodo passou a entoar o caminho da justiça (*Trabalhos e Dias*, v. 27-41); viajou apenas uma vez de navio, para a Eubeia, onde participou dos jogos funerais em honra de Anfidamas, performou uma de suas composições e recebeu uma trípole como prêmio, que dedicou às Musas do Hélikon (ibid., v. 646-662). Novamente, é preciso atentar para a suspeição sobre a factualidade desses dados – o que não significa, de forma alguma, negar seu fundamento empírico para a posterior derivação estética –, uma vez que esse tipo de especulação biográfica sobre obras ficcionais tende a violar a autonomia poética não somente das composições, mas também de uma tradição essencialmente difusa no espaço e no tempo.

1.2 Tradução

A retradução é sempre benéfica enquanto atualização/ampliação de leituras sobre uma obra, seja ela parte de um cânone prolífero, seja de um recanto secundário e ainda pouco explorado. Contanto que se entenda não como subserviente às traduções anteriores, mas, enquanto situada numa tradição com a qual dialoga, autônoma em sua proposta de ressignificação, uma nova tradução possibilita a exploração de novas potencialidades de sentido e apreciação estética de determinada obra, à medida que transita entre leituras anteriores e procura uma dicção própria dentro de um projeto estético maior. Isso só é possível a partir de uma concepção aberta do que vem a ser a tradução literária e seu potencial criativo.

Da euforia ao pessimismo – este que talvez seja o lugar-comum –, muito já foi dito sobre a natureza da prática tradutória: o tradutor já foi o portador da “revelação” na tradição bíblica, a “estrela da manhã” na exaltação romântica; em contraste, já fabricou lentes baças, foi taxidermista da poesia viva, o que remete à famosa frase de Robert Frost, de que “poesia é aquilo que se perde na tradução” (MILTON, 1998, p. 2-3). De todo modo, dando um salto abrupto para a teoria da tradução no Brasil, sublinho a grande relevância das reflexões de Haroldo Campos, pelas quais podemos rechaçar tanto uma visão determinística (no que se refere a uma pretensa correspondência biunívoca entre original e tradução) quanto pessimista (a recorrente ideia da “perda”) sobre a tradução literária frente à obra original, bem como reafirmar a intervenção criativa como eixo da prática em detrimento de um logocentrismo tradicional:

Então, para nós, tradução de textos criativos será sempre *recriação*, ou criação paralela, autônoma porém recíproca. Quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação. Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, *traduz-se o próprio signo*, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma (propriedades sonoras, de imagética visual, enfim tudo aquilo que forma, segundo Charles Morris, a *iconicidade* do signo estético, entendido por “signo icônico” aquele “que é de certa maneira similar àquilo que ele denota”). O significado, o parâmetro semântico, será apenas e tão-somente a baliza demarcatória do lugar da empresa recriadora. Está-se pois no avesso da chamada tradução literal (CAMPOS, 2011, p. 34).

Essa concepção fundamenta o projeto da tradução aqui apresentada.

Pensar uma tradução “autônoma, porém recíproca” em relação ao texto original parte da desgastante questão da “traduzibilidade *versus* intraduzibilidade”: a rigor, a “tradução íntegra” é impossível, uma vez que os termos de uma língua não podem ser integralmente reduzidos aos termos de outra. Quando se fala da tradução de textos cria-

tivos, a situação se complica ainda mais, porque é preciso também lidar com uma informação estética (CAMPOS, 2011, p. 32). Nesse sentido, transfigura-se numa solução a *recriação* desses textos, admitida a tese da impossibilidade, em princípio, de sua tradução íntegra, absoluta; melhor dizendo, tradução e recriação passam a ser sinônimos (pelo menos) quando tratamos do que está além da informação semântica de um texto: enfim, a materialidade do signo estético, infundida pelo modo de intencionar – que é também um *modo de formar* (p. 117-118) e que forma a iconicidade do signo em poesia. Desconsiderada a ideia de uma reprodução determinística ou servil ao significado estrito, a tradução de textos criativos se abre para uma possibilidade de recriação como outra informação estética, autônoma, mas relacionada ao original enquanto corpo isomorfo (ou “paramorfo”, para não se perder de vista o aspecto dialético do processo): “serão diferentes enquanto linguagem, mas, como os corpos isomorfos, cristalizar-se-ão dentro de um mesmo sistema” (p. 34).

Quando compete ao tradutor a tomada de uma posição crítica e criativa em seu exercício literário, não mais se está lidando com seu apagamento costumeiro diante da obra; antes, ele se coloca como “poeta do poeta” (CAMPOS, 2011, p. 60). Nesse projeto, está desonerado da busca por um sentido estritamente “literal” de um texto que transcende o aspecto comunicativo da linguagem, já que, como destaca Haroldo de Campos em sua releitura benjaminiana, cabe ao próprio original a tarefa de preconfigurar o conteúdo para efeito da tradução, podendo afinal o tradutor perseguir a expressão da mais íntima relação entre as línguas por meio de sua empreitada transcriadora, da “redução das formas significantes em convergência e tendendo à mútua complementação” (p. 23). Essa relação de paramorfia é totalmente dependente da atenção crítica dada pelo tradutor ao modo de formar da obra, o que inclusive potencializa a abertura da própria língua-alvo ao estranhamento, “ao impacto violento da obra alienígena” (p. 54).

Isso estabelecido, chegamos ao ponto em que cabe especificar o tratamento da tradução aqui apresentada no que se refere à iconicidade do signo – à forma significativa –, bem como à sua vinculação com a “obra alienígena” e à exploração de um “entre-línguas”. Em primeiro lugar, vale destacar o conceito de “melopeia” proposto por Ezra Pound para se referir ao domínio do ritmo e da sonoridade de determinado poema (POUND, 1976, p. 37-38). Do grego *mélōs* (“canção”) e *épos* (“palavra falada”), o termo pode ser entendido como “palavra cantada”, e foi a preocupação central deste projeto tradutório enquanto informação estética a ser radicalmente recriada, com destaque à incorporação do metro original à língua portuguesa.

O metro pelo qual foram compostos principalmente os poemas da épica grega é o hexâmetro datílico; daí, sua popularidade durante a Antiguidade Clássica (WEST, 1987, p. 19). A distinção mais notável entre o grego antigo e o português, no que concerne à métrica, é o modo como são contadas as sílabas poéticas: em vez do método qualitativo ao qual os falantes de português estão acostumados, em que se distinguem sílabas tônicas e átonas para marcar o andamento do verso fixo, o grego se valia de um critério quantitativo, que marcava a duração das sílabas (WEST, 1987, p. 12-13). Isso reflete uma característica própria do idioma, uma vez que no grego antigo não havia uma distinção entre sílabas átonas e tônicas, mas sim entre sílabas breves e longas (entre estas, vogais naturalmente longas ou anteriores a duas consoantes, vogais com acentuação específica e ditongos).

Ao pé da letra, o hexâmetro datílico é composto por “seis *metra*” de cadência datílica (longa-breve-breve). Desconsiderando-se as cesuras, o hexâmetro datílico padrão pode ser representado da seguinte maneira (em que “—” representa uma sílaba longa e “◡” uma breve):

— ◡ ◡ | — ◡ ◡ | — ◡ ◡ | — ◡ ◡ | — ◡ ◡ | — x

O “x” no último pé significa que a última sílaba pode ser longa ou breve, como forma de marcar o fim de verso. A variação hexamétrica, contudo, vai além; na verdade, é muito comum que as duas sílabas breves de um pé (embora mais raro no quinto) admitam a substituição por uma longa, de modo a se trocar o pé datílico por um espondeu. Assim, a duração do verso permanece a mesma (uma longa equivale em duração a duas breves), mas sua batida torna-se mais variada e menos monótona. Se simplificarmos o esquema de West (1987, p. 19), o hexâmetro datílico pode ser representado da seguinte forma (em que “— —” representa uma sequência contraível de sílabas breves):

— — | — — | — — | — — | — — | — x

Como exemplo de um hexâmetro datílico padrão, temos o segundo verso da *Theogonia*:

— ◡ ◡ | — ◡ ◡ | — ◡ ◡ | — ◡ ◡ | — ◡ ◡ | — ◡
αἴθ' Ἐ λι **κῶ** νος ἔ **χου** σιν ὄ **ρος** μέ **γα** **τε** ζά **θε** **όν** **τε**

O primeiro verso, porém, é um exemplo da recorrente variação hexamétrica:

— — | — — | — — | — — | — — | — —
Μου σά ων Ἐ λι κω νι ά δων άρ χώ μεθ' ά εί δειν

As primeiras tentativas de empregar o hexâmetro datílico em composições de língua portuguesa são compreendidas entre os séculos XVIII e XX, com nomes como José Anastácio da Cunha, Júlio de Castilho e Fernando Pessoa (NETO & NOGUEIRA, 2013). Nessas breves composições, os autores pareciam guiar-se majoritariamente por um princípio prosódico quantitativo, ou seja, supunham a existência de sílabas longas e breves no português. Já a partir dos anos 1940, com as traduções de Carlos Alberto Nunes para a *Ilíada* e a *Odisseia*, e posteriormente para a *Eneida*, o critério de vernaculização do hexâmetro datílico muda e é afirmado para as empreitadas posteriores: preza-se pelo aspecto qualitativo das sílabas poéticas, como é natural para todo ouvinte de português. Nunes, porém, não admite as substituições de dátilos por espondeus, tão comuns nos versos gregos; isso fica evidente sobretudo com a declaração de que seus versos são compostos por 16 sílabas poéticas (NETO, 2014, p. 194). Assim, seu método parte da forma padrão do hexâmetro datílico e estabelece uma relação de equivalência de sílabas longas por tônicas e breves por átonas³.

Como exemplo de tradução nunesca, segue o próêmio da *Odisseia* (v. 1-10). Apenas ressalto as sílabas tônicas:

Musa, reconta-me os feitos do herói astucioso que muito peregrinou, dêz que esfez as muralhas sagradas de Troia; muitas cidades dos homens viajou, conheceu seus costumes, como no mar padeceu sofrimentos inúmeros na alma, para que a vida salvasse e de seus companheiros a volta. Os companheiros, porém, não salvou, muito embora o tentasse, pois pereceram por culpa das próprias ações insensatas. Loucos! que as vacas sagradas do Sol Hiperiônio comeram. Ele, por isso, do dia feliz os privou do retorno. Deusa nascida de Zeus, de algum ponto nos conta o que queiras.

Vale mencionar, porém, que Nunes (assim como eu) toma a liberdade de dar a alguns de seus versos uma terminação aguda (com uma sílaba a menos do que o hexâmetro datílico padrão) ou esdrúxula (com uma sílaba a mais, o que tentei evitar ao máximo). Como exemplo do primeiro caso, *Odisseia*, canto I, verso 46:

Mui merecida é a desgraça que sobre o insensato caiu.

³ Leonardo Antunes mantém o método para a recriação de dísticos elegíacos (2009) e para a tradução dos Hinos Homéricos (2015).

E do segundo, *Odisseia*, canto I, verso 70:

sim, Polifemo, a um **deus** semelhante, de **força** enormíssima

Isso é recorrente na obra de Nunes, uma vez que o tradutor se serve da forma tradicional para a contagem de sílabas poéticas em língua portuguesa, ou seja, considera a última tônica como o fechamento definitivo do verso. No caso da *Theogonia*, o fiz por conveniência, embora julgue essa questão facilmente contornável em uma situação de performance: contanto que não seja recorrente (para se evitar um estranhamento indesejado) uma terminação aguda pode ser hiperalongada para preencher o metro padrão, assim como uma esdrúxula pode ser ritmicamente condensada no metro padrão. Por exemplo, a palavra “poder” (*Theogonia*, v. 49) em fim de verso bem poderia ser entoada como “pode-er”; “pai” (v. 40) como “pa-i”; “Hélikon” (v. 23), sem chegar a uma síncope do /i/, com um enfraquecimento da vogal, que permita uma pronúncia mais ágil. Além disso, terminações esdrúxulas como as dos versos 523 e 637 – nos quais são mencionados, respectivamente, a regeneração cíclica no fígado de Prometeu e o desenrolar ininterrupto da Titanomaquia – podem, no limite, acrescentar mais uma camada de sentido ao texto traduzido: a sucessão contínua desses eventos se materializa na própria cadência ininterrupta dos versos.

Nessa tentativa de “helenizar metricamente o português”, a beleza relativamente estranha da cadência datílica em língua portuguesa pode ter contribuído para um novo tipo de abordagem poética sobre os textos antigos; no entanto, é preciso reconhecer que levar a cabo uma leitura dos mais de 15.000 versos da *Ilíada* nessa cadência engessada pode dar, de fato, uma sensação espichada de certa monotonia. Tendo isso em vista, propostas alternativas de adaptação hexamétrica já foram feitas em prol de uma leitura mais ágil⁴.

Como forma de abrandar o sistema holodatílico de Nunes, o projeto desta tradução da *Theogonia* também se serviu diretamente do trabalho de Gonçalves (2016), que propõe um método alternativo para sua tradução hexamétrica de *De rerum natura*, de Lucrécio: trata-se de substituir dátilos por pés que lembrem espondeus em português (mas que são, na verdade, troqueus) a partir da possibilidade de reescrever como apenas uma as duas sílabas átonas que sucedem a tônica de cada pé, com exceção do quinto pé,

⁴ Para mais detalhes, indico o estudo criterioso de Marcelo Tápia (2014) sobre questões de equivalência métrica na tradução de poesia antiga.

para se preservar a cadência datílica (GONÇALVES, 2016, p. 188-189). Nesse sentido, um hexâmetro datílico vernáculo poderia se apresentar, num caso máximo de variação, da seguinte maneira:

— ◡ | — ◡ | — ◡ | — ◡ | — ◡ ◡ | — x

Como exemplo, sua tradução para os nove primeiros versos do poema (ressalto as sílabas tônicas e sublinho as contraídas):

Mãe dos enéades, **ó** volúpia dos **homens** e **deuses**,
alma **Vê**nus, **que** sob os **astros** nos **céus** deslizantes,
tu, que os **naví**geros **mares**, frugíferas **terras** celebra,
toda a **espécie** dos **animais** por **ti** no princípio
foi concebida e **avistou** os **luzeiros** do **sol** oriente:
ventos fogem de **ti**, ó **deusa**, e as **nuvens** celestes
fogem do **teu** advento e a **ti** a **terra** dedálea
flores suaves oferta, e **riem**-te as **ondas** dos **mares**
e também **plácido** em **lume** difuso o céu **vasto** alumia.

Apesar da variação, seu método de equivalência entre sílabas quantitativas e qualitativas é, ao menos em princípio, igual ao de Nunes; contudo, é importante destacar que a proposta de Gonçalves é também pensada para performance, quando a duração das sílabas reaparece na canção. De fato, quando cantada, uma sílaba naturalmente átona pode não somente se alongar, como também, embora menos naturalmente, receber acento (GONÇALVES, 2016, p. 187). Desse modo, se a variação é trocaica quando lida convencionalmente (i. e., no papel, sem atribuímos duração às sílabas, oposto do que acontece na música), os espondeus podem reaparecer quando o hexâmetro datílico for de fato cantado⁵.

Para finalmente elucidar essa abordagem em minha tradução da *Theogonia*, exemplifico mais pormenorizadamente com os versos 842-852:

Já sob os **pés** imortais estremece grandioso o **Olympo**
com o **senhor** irrompendo, e gema a **terra** em retorno.
Queima abaixo de ambos retém todo o **mar** violáceo,
vem do trovão e relâmpago e **fogo** a partir do portentoso
desses tornados e **ventos**, do **raio** também chamejante.
Ferve todo o chão, e o céu e os mares ainda:
ímpeto em torno das **praias**, em **volta** do **entorno** altas **ondas**
sob impulsões imortais – imparável **tremor** irrompia!
Tanto amedrontam-se **Hades**, **senhor** dos **defuntos** **abaixo**,
como os **Titãs** subtartáreos que **encontram**-se em **torno** de **Krono**,
com o **barulho** imparável, com **esse** **sinistro** conflito.

⁵ A performance do trecho torna a explicação mais concreta e deixa o projeto de tradução mais coerente com aquilo a que se propõe: <<https://tinyurl.com/ycbwjxqt>>.

Note-se que não somente a cadência datílica é predominante, como também a variação trocaica ocorre principalmente com a ditongação de finais de palavra (e muito mais moderadamente do que no texto original). Tais escolhas e restrições pretendem, sem necessariamente engessar demais o ritmo, preservar uma regularidade nitidamente datílica ao leitor/ouvinte, para o qual o hexâmetro datílico é, muito provavelmente – dada a relativa novidade que são as tentativas de vernaculização desse metro –, desconhecido. Assim, além de simular um efeito quase hipnótico em sua eventual monotonia – e, arrisco dizer, bastante solene em consonância ao assunto divino –, essa regularidade possibilita maior inteligibilidade ao metro estranho, tendo-se em conta o obscurecimento ao qual um hexâmetro datílico brasileiro pode se submeter. (Fora isso, acredito que na tradução hexamétrica de um poema mais moroso como *Trabalhos e Dias*, ou em descrições mais detalhadas de qualquer cena de luta, prezaria por uma variação mais acentuada.) De todo modo, a variação está presente na *Theogonia*, e a insistência em encontrar um meio-termo para os hexâmetros vernáculos se dá no limiar de um poema que será lido no papel (talvez escandido nos dedos), mas que, ao mesmo tempo, posto seu trabalho amplo com a sonoridade, reivindica uma voz.

Uma segunda questão, decorrente desse projeto de recriação rítmica, é o papel do texto enquanto poema “transcandido”: a que se propõe? Existe a pretensão de buscar uma verdade perdida no passado, de dar acesso a uma experiência *tal e qual* a suposta a partir do original? De fato, a empreitada pode sugerir-se reacionária enquanto “resgate” de uma beleza esquecida/corrompida – mas essa não precisa ser a mentalidade que envolve o projeto. Se pensarmos o ato de poesia ancorado na voz, no som e no corpo, e a tradução, por sua vez, enquanto momento criativo de realização, como uma troca radical que se efetiva no ato de “tradizer”, estamos sobretudo conjugando a obra ao presente e potencializando um alargamento de sua experiência:

Quando afirmamos a cada vez a potência inerente ao canto em tradução, à voz que se desdobra quando a ela algo é dado, ao transcandir, ao tradizer necessários da tradição; quando insistimos na força de recriar padrões rítmicos alheios, tal como fizeram os romanos a partir dos gregos, tal como era a prática do sirventes provençal, tal como fazem os Kîsêdjê a partir de tudo, tal como vemos espalhado nas criações da poética oral; quando, por fim, traçamos em nossa própria prática tradutória esse risco como baliza, não estamos na defesa da origem. Traduzir o ritmo do outro não é necessariamente buscar apaziguar os dilemas do presente no conforto originário do canto do passado, mas expor-se à alteridade, por vezes radical, desses ritmos que nos são alheios (FLORES & GONÇALVES, 2017, p. 339).

Antes de um ímpeto essencialista que conceba como infidelidade ou inferioridade até mesmo o uso de um metro diferente do original, esse projeto de vernaculização rítmica abre mão de formas tradicionais para enveredar-se com o outro, ao passo em que potencializa a reincorporação dos poemas no domínio da voz e da performance. Enquanto se pode projetar no canto uma “força de afecção”, no ritmo alheio pode-se ver uma possibilidade de estranhar-se e entranhar uma poética (FLORES & GONÇALVES, 2017, p. 261). Nesse sentido, esse amplo trabalho com a melopeia pode ser entendido como um convite implícito não só à vocalização, mas também a um exercício intenso de alteridade.

Há também um segundo aspecto de destaque nesta tradução da *Theogonia*, este que pode não parecer tão compulsório a uma tradução poética, mas está intimamente ligado à experiência de alteridade que tentei potencializar: diz respeito ao trato dos nomes divinos. Em resumo, optei por não traduzir os nomes de aspectos do mundo divinizados em determinados contextos; atente-se, porém, que minha preocupação é sobretudo de ordem estética, e que de modo algum acredito numa propriedade essencial do nome que pudesse, de forma mágica, estender para o presente uma experiência *tal qual* o que supomos da experiência arcaica.

A preservação do nome grego vernaculizado se deu a partir do critério de “personificação” dos aspectos do mundo. Nesse sentido, quando *gaia* e *ouranós* geram seus filhos, não são “Terra e Céu”, mas “Gaia e Urano” (embora haja algumas exceções, como quando digo que “a terra nasceu” para ressaltar o sentido cosmogônico da passagem, ou que “a terra grita” e “geme o céu estrelado” em prol de algum efeito poético mais gritante). Além de projetar um trabalho diferente do que foi feito até então em outras traduções da *Theogonia*, visto que o costume é traduzir esses nomes, a decisão se justifica, acima de tudo, porque de fato acredito em um poder do nome grego – esse poder, contudo, não decorre de uma essência intraduzível do sagrado, mas justamente de nossa perspectiva sobre esse algo outro que ali se manifesta. Se concebo uma “propriedade teofânica” desses nomes na tradução proposta, ela se sustenta na alteridade, numa fusão de horizontes: me aproveito da aura mítica que atribuímos a um passado longínquo e alheio, ele próprio quase mítico, para propor ao nosso presente uma canção que o evoque e o renove. O nome-simulacro, nesse sentido, relega a um segundo plano a divinização mítica dos aspectos do mundo que nos são familiares (“Gaia”, antes de ser “Terra”, se põe como “Gaia-divindade-grega-terra”), e mesmo assim, de modo diverso, propõe um mistério enquanto significante estranho ou mesmo desconhecido, embora

carregado de “valor mítico”; torna opaco o sentido e o abandona não à tradução, mas à tradição de nosso culto à antiguidade, à hermenêutica, ou mesmo a um assombro cego.

O mar se faz Ponto, a noite se faz Nyx, a morte (que é masculina) surge como Thâ nato e os sonhos como a tribo dos Oniros, a lua como Selene, etc. Certamente, quando digo que com isso pretendo abrir a obra a uma relação mais acentuada de alteridade, é preciso ter o cuidado de não essencializar esse outro também no sentido de não o propor como intocado por nossa cultura, não como “puramente outro” ou mesmo *inteiramente outro* de fato. Esse outro, o “mundo grego”, está em maior ou menor escala concebido já por nossas próprias lentes, de certa forma já inserido em nossa cultura de culto à antiguidade, reimaginado, relativamente domesticado, existindo sempre a possibilidade de nos soar mais ou menos familiar. No entanto, se isso já faz parte de uma tradição nossa, só o faz enquanto algo não inteiramente nosso, “outro o bastante” para propor um estranhamento que nos desestabiliza: mesmo se estivermos umbilicalmente ligados a esse outro, existe ainda uma distância tremenda de mundos. A aporia sempre existirá: *gaia* para os gregos era a terra, mas sua terra era muito mais potente e viva que nossa terra, pois era divina; nossa terra não é *gaia* nem Gaia, mas nossa Gaia se impõe como *outra* terra, numa fusão de horizontes com a dos gregos, e como portadora de algo mais que nossa terra. Por ter algum valor cultural já estabelecido por nós, por vivificar as coisas ou nosso próprio olhar sobre elas, é desse modo que vejo no nome grego uma potência de mistério e fascínio. Sem dúvida, esse tratamento impõe uma dificuldade que não está presente na obra original: em nível semântico, *gaia* era tão transparente quanto nos é a palavra “terra”; propor uma tradução como “Gaia”, esse nome-simulacro que estrangeiriza, que afirma o texto como tradução, travessia e vertigem, significa abandonar completamente uma ideia genérica de “equivalência”, de que uma tradução não deve soar como uma tradução, mas como um texto escrito na própria língua.

Faz parte dessa abordagem meu pendor arcaizante em relação à grafia dos nomes gregos, de modo a conferir um ar estrangeiro à tradução também nesse âmbito. Essa pequena extravagância – talvez não haja melhor termo para defini-la – se pretende exclusivamente ao domínio visual: Oceano não se torna *Okeanós*, Hephesto não é *Héphaistos* etc. A imagem acústica do nome vernaculizado pela tradição permanece inalterada, e é a partir dela que as alterações grafêmicas são feitas. Sonoramente, o nome permanece vernaculizado; graficamente, se encontra no limiar da transliteração e da vernaculização, tendo a tradição como baliza. Assim, as consoantes duplas podem ser lidas como simples, o /th/ como /t/, o /ph/ como /f/ etc., não havendo pretensão de se

subverter qualquer propriedade fonética do português (embora não se elimine a possibilidade). O único propósito desse artifício é causar um moderado estranhamento visual no leitor e impeli-lo, tanto quanto possível, a pronunciar esses nomes; nisso, há uma convergência com o trabalho melopeico desta tradução, que também se pretende um convite implícito à vocalização⁶. Ainda assim, meu sistema não foi tão rigoroso no que se refere aos derivados de tais nomes: temos, portanto, Thebas/tebano, Olympo/olímpico, Hérakles/heracleia etc. O mesmo se dá para o emprego da grafia alternativa e de maiúsculas no caso de grupos que se distinguem na unidade: as Nymphas/uma ninfa, os Titãs/um titã etc. Conste ainda que não fui tão servil à tradição vernaculizante no que concerne à acentuação dos nomes das Nereidas e das Oceaninas, para os quais me servi de inflexões agudas a fim de reproduzir as tão marcantes assonâncias abertas desses catálogos.

A partir da formação adjetival composta em grego, busquei também uma relativa extravagância para a recriação dos epítetos, que, via de regra – descontados os casos em que julguei excessivo e irremissivelmente feio o estranhamento –, foram traduzidos em compostos por aglutinação (ao modo do grego) ou justaposição (produtiva no português brasileiro, preservando-se a lógica adjetival composta), a fim de propor alguma convergência formal no plano do “entre-línguas” e ao mesmo tempo distinguir as entidades adjetivadas por eles com uma espécie de “identidade épica” no plano visual, sonoro e sintático. Exemplos dessa abordagem aglutinativa já estão presentes nas traduções da *Ilíada* de Haroldo de Campos e de Odorico Mendes; da justapositiva, em abundância nas de Christian Werner para os épicos homéricos e hesiódicos. Contudo, de minha parte, busquei uma dicção própria, vocabulário novo, e evitei ao máximo o emprego de palavras eruditas. A clareza dessas composições, tanto quanto me pareceu possível, foi um critério de peso. Um segundo ponto é meu trato sobre os epítetos que substituem nomes em determinados versos (v. 278, 381, 441, 579, 587): nesses casos, segui o que Odorico Mendes já propusera em sua *Ilíada*, quando admitiu termos como “Glaucópi-de” (“a dos olhos glaucos”) para a deusa Athena e observou que, tal como no italiano, “Enosigeu” (“o treme-terra”) cabe otimamente para Posêidon; ou seja, em vez de traduzir os epítetos isolados, os vernaculizei mais ou menos à minha moda, no intuito de enriquecer ainda mais nosso espólio de nomes gregos. Quando encontrei espaço e fluên-

⁶ Se bem notarmos, nomes enfeitados com toda sorte de encontros consonantais e letras estrangeiras não estão nem um pouco distantes do nosso cotidiano, nem são menos exigentes no que se refere à legibilidade.

cia, também os traduzi no mesmo verso (por exemplo, “cedo-nascente/Erigênia”, “ambicoxo/Amphigyeu”), tomando uma clara posição de “aedo do aedo”, um distanciamento que me permitisse tanto propor o estrangeirismo quando explicá-lo poeticamente. Ambas as formas couberam otimamente.

Ainda, essa abordagem estrangeirizante para os compostos gregos muitas vezes rendeu casos de hipertradução. Por exemplo, a expressão “presunção sobrearmada” para a palavra *hypéroplos* (v. 516), que dicionarescamente mantém o sentido de “presunçoso”, mas etimologicamente se forma com “super, sobre, acima de” e “arma”, i. e., “aquele que se enaltece em armas, violentamente”; a expressão “caçula bem-armado” para *hoplótatos* (v. 137), simplesmente “caçula”, mas etimologicamente “o mais armado, o mais capaz de pegar em armas”, numa relação intrínseca entre a juventude e a guerra; ou qualquer composto em que conste a palavra “entranhas” e derivados para o grego *phrénes* e derivados, cuja acepção menos fisiológica pode significar simplesmente “espírito, juízo, mente”. Temos aqui uma situação em que novamente se descarta a ideia genérica de “equivalência”, de que uma tradução deve soar como um texto escrito na própria língua: nos casos que apresentei, acontece de um socioleto ser convertido para um idioleto na língua de chegada. Contudo, isso não importa para este projeto, já que a língua de chegada é também uma língua de partida, pois se dispõe também sob o influxo violento da língua alheia com o fim de desdobrar as riquezas de sentido de um entre-línguas como matéria de recriação, como afirmação tanto de uma distância quanto de um potencial de contato – daí o esforço em “agregar” sentidos, com o perdão do trocadilho.

Estrangeirizar esteticamente a tradução é, portanto, a questão fundamental deste projeto. Longe da busca constante de uma naturalização na língua de chegada e da pretensão de uma experiência essencialmente equivalente à da “cultura de partida”, concebo uma tradução que *se afirme* como eco reimaginado; que, ao contrário do que costuma acontecer, saia mais de sua própria língua para a língua alheia (ORTEGA Y GASSET, 2013, p. 46-47). Não há dúvida: toda tradução demanda negociações, de modo que nenhuma postura dogmática instilaria no texto a vida e o movimento necessários à poesia; mais do que isso, a dicotomia simplista entre “domesticar” e “estrangeirizar” uma obra dilui-se completamente na prática. O que saliento aqui, contudo, antes de um método estrito, é um esforço e um pendor: não disfarçar a diferença, mas, pelo contrário, derivá-la e reforçá-la como mundo distinto impede que o sujeito tenha uma relação acomodada com a obra, esta que a todo tempo o desestabiliza e exige um envolvimento

ativo de sua parte. Para Flores & Gonçalves (2017, p. 23), se fazem promessas e contrapromessas:

A troca da poesia poderia ser uma troca de promessas: o poeta, o aedo, o bardo, o xamã, o exu, o performer entrega a obra e na obra uma promessa de mundo; nessa promessa o jogo se encena de ainda lançar mundos no mundo, abrir brechas no mundo dado; ao leitor, ouvinte, corpo que joga, caberia a contrapromessa interminável: interpretar, nos dois sentidos de uma interpretação, fazer o jogo da hermenêutica, fundar sentido nas promessas de mundo [...] pensar a obra-mundo e seu efeito-mundo [...] incorporar a obra no seu próprio mundo, dar um corpo à obra, dar-se corpo à obra, dar seu corpo à obra.

Espero que minha tradução soe sobretudo como um convite. Acredito que pelo esforço de compreender esse outro (o que resta dele, o que está plasmado por nós), pela insistência em contemplá-lo e falar *com* ele, somos ao mesmo tempo perpassados por ele: na erupção da alteridade, explicita-se uma porção nossa, e então, ao conhecermos algo, podemos também nos re-conhecer. Acontece que as relações se tornam inevitáveis com esses contatos: a partir de então, o que nossa terra tem de Gaia, o que nosso céu tem de Urano, que cadência alheia existe em nós, que comunicação potencial existe entre nós e esse (projeto de) “outro”? Até que ponto nos tornamos outro, até que ponto ele se renova em nós? O estranho se situa mais próximo de nós, intimamente outro.

Esta tradução foi realizada a partir do texto grego estabelecido por Martin Litchfield West (1966).

2- ΘΕΟΓΟΝΙΑ

- Μουσάων Ἐλικωνιάδων ἀρχώμεθ' αἰεΐειν,
αἴθ' Ἐλικῶνος ἔχουσιν ὄρος μέγα τε ζάθεόν τε,
καί τε περὶ κρήνην ἰοειδέα πόσσ' ἀπαλοῖσιν
ὄρχευνται καὶ βωμὸν ἐρισθενέος Κρονίωνος:
5 καί τε λοεσσάμεναι τέρενα χροά Περμησσοῖο
ἢ Ἴππου κρήνης ἢ Ὀλμειοῦ ζαθέοιο
ἀκροτάτῳ Ἐλικῶνι χοροῦς ἐνεποιήσαντο,
καλοῦς ἱμερόεντας, ἐπερρώσαντο δὲ ποσσίν.
ἔνθεν ἀπορνύμεναι κεκαλυμμέναι ἠέρι πολλῶ,
10 ἐννύχαι στεῖχον περικαλλέα ὄσσαν ἰεῖσαι,
ὕμνευσαι Δία τ' αἰγίοχον καὶ πότνιαν Ἥρην
Ἄργεῖην, χρυσεοῖσι πεδίλοις ἐμβεβαυῖαν,
κούρην τ' αἰγίοχοιο Διὸς γλαυκῶπιν Ἀθήνην
Φοῖβόν τ' Ἀπόλλωνα καὶ Ἄρτεμιν ἰοχέαιραν
15 ἠδὲ Ποσειδάωνα γαίηοχον ἐννοσίγαιον,
καὶ Θέμιν αἰδοίην ἐλικοβλέφαρόν τ' Ἀφροδίτην
Ἥβην τε χρυσοστέφανον καλήν τε Διώνην
Λητώ τ' Ἰαπετόν τε ἰδὲ Κρόνον ἀγκυλομήτην
Ἥῳ τ' Ἡελίον τε μέγαν λαμπράν τε Σελήνην
20 Γαῖάν τ' Ὠκεανόν τε μέγαν καὶ Νύκτα μέλαιναν
ἄλλων τ' ἀθανάτων ἱερὸν γένος αἰὲν ἐόντων.
αἶ νύ ποθ' Ἡσίοδον καλήν ἐδίδαξαν ἀοιδήν,
ἄρνας ποιμαίνονθ' Ἐλικῶνος ὑπο ζαθέοιο.
τόνδε δέ με πρότιστα θεαὶ πρὸς μῦθον ἔειπον,
25 Μοῦσαι Ὀλυμπιάδες, κοῦραι Διὸς αἰγίοχοιο:
“ποιμένες ἄγραυλοι, κάκ' ἐλέγχεα, γαστέρες οἶον,
ἴδμεν ψεύδεα πολλὰ λέγειν ἐτύμοισιν ὁμοῖα,
ἴδμεν δ' εὖτ' ἐθέλωμεν ἀληθέα γηρύσασθαι.”
ὧς ἔφασαν κοῦραι μεγάλου Διὸς ἀρτιέπειαι,
30 καί μοι σκῆπτρον ἔδον δάφνης ἐριθηλέος ὄζον
δρέψασαι, θηητόν: ἐνέπνευσαν δέ μοι αὐδὴν
θέσπιν, ἵνα κλείοιμι τά τ' ἐσόμενα πρό τ' ἐόντα,

καί μ' ἐκέλονθ' ὑμνεῖν μακάρων γένος αἰὲν ἐόντων,
σφᾶς δ' αὐτὰς πρῶτόν τε καὶ ὕστατον αἰὲν ἀείδειν.

35 ἀλλὰ τίη μοι ταῦτα περὶ δρῦν ἢ περὶ πέτρην;
τύνη, Μουσάων ἀρχώμεθα, ταὶ Διὶ πατρὶ
ὑμνεῦσαι τέρπουσι μέγαν νόον ἐντὸς Ὀλύμπου,
εἴρουσαι τὰ τ' ἐόντα τὰ τ' ἐσσόμενα πρό τ' ἐόντα,
φωνῇ ὁμηρεῦσαι, τῶν δ' ἀκάματος ῥέει αὐδῆ

40 ἐκ στομάτων ἠδεῖα: γελᾶ δέ τε δώματα πατρὸς
Ζηνὸς ἐριγδούποιο θεᾶν ὅπι λειριοέσση
σκιδναμένη, ἠχεῖ δὲ κάρη νιφόντος Ὀλύμπου
δώματά τ' ἀθανάτων: αἱ δ' ἄμβροτον ὄσσαν ἰεῖσαι
θεῶν γένος αἰδοῖον πρῶτον κλείουσιν ἀοιδῆ

45 ἐξ ἀρχῆς, οὐς Γαῖα καὶ Οὐρανὸς εὐρύς ἔτικτεν,
οἳ τ' ἐκ τῶν ἐγένοντο, θεοὶ δωτῆρες ἐάων.
δεύτερον αὖτε Ζῆνα θεῶν πατέρ' ἠδὲ καὶ ἀνδρῶν,
[ἀρχόμεναί θ' ὑμνεῦσι θεαὶ λήγουσαι τ' ἀοιδῆς,]
ὄσσον φέρτατός ἐστι θεῶν κράτει τε μέγιστος:

50 αὐτίς δ' ἀνθρώπων τε γένος κρατερῶν τε Γιγάντων
ὑμνεῦσαι τέρπουσι Διὸς νόον ἐντὸς Ὀλύμπου
Μοῦσαι Ὀλυμπιάδες, κοῦραι Διὸς αἰγιόχοιο.
τὰς ἐν Πιερίῃ Κρονίδῃ τέκε πατρὶ μιγεῖσα
Μνημοσύνη, γουνοῖσιν Ἐλευθῆρος μεδέουσα,

55 λησμοσύνην τε κακῶν ἄμπαυμά τε μερμηράων.
ἐννέα γάρ οἱ νυκτας ἐμίσγετο μητίετα Ζεὺς
νόσφιν ἀπ' ἀθανάτων ἱερὸν λέχος εἰσαναβαίνων:
ἀλλ' ὅτε δὴ ῥ' ἐνιαυτὸς ἔην, περὶ δ' ἔτραπον ὄραι
μηνῶν φθινόντων, περὶ δ' ἤματα πόλλ' ἔτελέσθη,

60 ἢ δ' ἔτεκ' ἐννέα κούρας ὁμόφρονας, ἧσιν ἀοιδῆ
μέμβλεται ἐν στήθεσσι, ἀκηδέα θυμὸν ἐχούσας,
τυτθὸν ἀπ' ἀκροτάτης κορυφῆς νιφόντος Ὀλύμπου:
ἐνθα σφιν λιπαροὶ τε χοροὶ καὶ δώματα καλά,
πάρ δ' αὐτῆς Χάριτες τε καὶ Ἴμερος οἰκί' ἔχουσιν

65 ἐν θαλίῃς: ἐρατὴν δὲ διὰ στόμα ὄσσαν ἰεῖσαι
μέλπονται, πάντων τε νόμους καὶ ἦθεα κεδνὰ

ἀθανάτων κλείουσιν, ἐπήρατον ὄσσαν ἰεῖσαι.
 αἱ τότ' ἴσαν πρὸς Ὀλυμπον, ἀγαλλόμεναι ὀπί καλῆ,
 ἀμβροσίη μολπῆ: περι δ' ἴαχε γαῖα μέλαινα
 70 ὑμνεύσαις, ἐρατὸς δὲ ποδῶν ὑπο δοῦπος ὀρώρει
 νισομένων πατέρ' εἰς ὄν: ὃ δ' οὐρανῶ ἐμβασιλεύει,
 αὐτὸς ἔχων βροντὴν ἠδ' αἰθαλόεντα κεραυνόν,
 κάρτει νικήσας πατέρα Κρόνον: εὖ δὲ ἕκαστα
 ἀθανάτοις διέταξε νόμους καὶ ἐπέφραδε τιμάς.
 75 ταῦτ' ἄρα Μοῦσαι ἄειδον, Ὀλύμπια δώματ' ἔχουσαι,
 ἐννέα θυγατέρες μεγάλου Διὸς ἐκγεγαυῖαι,
 Κλειώ τ' Εὐτέρπη τε Θάλειά τε Μελπομένη τε
 Τερψιχόρη τ' Ἐρατώ τε Πολύμνιά τ' Οὐρανίη τε
 Καλλιόπη θ': ἥ δὲ προφερεστάτη ἐστὶν ἀπασέων.
 80 ἥ γὰρ καὶ βασιλεῦσιν ἅμ' αἰδοίοισιν ὀπηδεῖ.
 ὄντινα τιμήσουσι Διὸς κοῦραι μέγαλοιο
 γεινόμενόν τε ἴδωσι διοτρεφέων βασιλῆων,
 τῶ μὲν ἐπὶ γλώσση γλυκερὴν χεῖουσιν ἐέρσην,
 τοῦ δ' ἔπε' ἐκ στόματος ῥεῖ μείλιχα: οἱ δὲ νυ λαοὶ
 85 πάντες ἐς αὐτὸν ὀρώσι διακρίνοντα θέμιστας
 ἰθειῆσι δίκησιν: ὃ δ' ἀσφαλέως ἀγορεύων
 αἰψά τι καὶ μέγα νεῖκος ἐπισταμένως κατέπαυσε:
 τούνεκα γὰρ βασιλῆες ἐχέφρονες, οὔνεκα λαοῖς
 βλαπτομένοις ἀγορῆφι μετὰτροπα ἔργα τελεῦσι
 90 ῥηιδίως, μαλακοῖσι παραιφάμενοι ἐπέεσσιν:
 ἐρχόμενον δ' ἀν' ἀγῶνα θεὸν ὧς ἰλάσκονται
 αἰδοῖ μείλιχῆ, μετὰ δὲ πρέπει ἀγρομένοισι.
 τοίη Μουσάων ἱερὴ δόσις ἀνθρώποισιν.
 ἐκ γάρ τοι Μουσέων καὶ ἐκηβόλου Ἀπόλλωνος
 95 ἄνδρες ἀοιδοὶ ἔασιν ἐπὶ χθόνα καὶ κιθαρισταί,
 ἐκ δὲ Διὸς βασιλῆες: ὃ δ' ὄλβιος, ὄντινα Μοῦσαι
 φίλωνται: γλυκερὴ οἱ ἀπὸ στόματος ῥέει αὐδή.
 εἰ γὰρ τις καὶ πένθος ἔχων νεοκηδέϊ θυμῶ
 ἄζηται κραδίην ἀκαχήμενος, αὐτὰρ ἀοιδὸς
 100 Μουσάων θεράπων κλέεα προτέρων ἀνθρώπων

ὕμνησει μάκαράς τε θεούς οἳ Ὀλυμπον ἔχουσιν,
αἴψ' ὃ γε δυσφροσυνέων ἐπιλήθεται οὐδέ τι κηδέων
μέμνηται: ταχέως δὲ παρέτραπε δῶρα θεάων.

χαίρετε τέκνα Διός, δότε δ' ἱμερόεσσαν ἀοιδήν:

105 κλείετε δ' ἀθανάτων ἱερὸν γένος αἰὲν ἐόντων,
οἳ Γῆς τ' ἐξεγένοντο καὶ Οὐρανοῦ ἀστερόεντος,
Νυκτὸς τε δνοφερῆς, οὗς θ' ἄλμυρὸς ἔτρεφε Πόντος.
εἶπατε δ' ὡς τὰ πρῶτα θεοὶ καὶ γαῖα γέγοντο
καὶ ποταμοὶ καὶ πόντος ἀπείριτος οἴδατι θυῖων,
110 ἄστρά τε λαμπετόωντα καὶ οὐρανὸς εὐρύς ὑπερθεν:
[οἳ τ' ἐκ τῶν ἐγένοντο, θεοὶ δωτῆρες ἑάων:]
ὡς τ' ἄφενος δάσσαντο καὶ ὡς τιμὰς διέλοντο,
ἦδὲ καὶ ὡς τὰ πρῶτα πολύπτυχον ἔσχον Ὀλυμπον.
ταῦτά μοι ἔσπετε Μοῦσαι, Ὀλύμπια δώματ' ἔχουσαι
115 ἐξ ἀρχῆς, καὶ εἶπαθ', ὃ τι πρῶτον γένητ' αὐτῶν.

ἦτοι μὲν πρότιστα Χάος γένητ': αὐτὰρ ἔπειτα

Γαῖ' εὐρύστερνος, πάντων ἕδος ἀσφαλὲς αἰεὶ
ἀθανάτων, οἳ ἔχουσι κάρη νιφόεντος Ὀλύμπου,
Τάρταρά τ' ἠερόεντα μυχῶ χθονὸς εὐρυοδείης,
120 ἦδ' Ἔρος, ὃς κάλλιστος ἐν ἀθανάτοισι θεοῖσι,
λυσιμελής, πάντων δὲ θεῶν πάντων τ' ἀνθρώπων
δάμναται ἐν στήθεσσι νόον καὶ ἐπίφρονα βουλήν.

ἐκ Χάεος δ' Ἐρεβὸς τε μέλαινά τε Νύξ ἐγένοντο:

Νυκτὸς δ' αὐτ' Αἰθήρ τε καὶ Ἡμέρη ἐξεγένοντο,
125 οὗς τέκε κυσαμένη Ἐρέβει φιλότητι μιγεῖσα.
Γαῖα δέ τοι πρῶτον μὲν ἐγείνατο ἴσον ἑωυτῇ
Οὐρανὸν ἀστερόενθ', ἵνα μιν περὶ πάντα καλύπτοι,
ὄφρ' εἴη μακάρεσσι θεοῖς ἕδος ἀσφαλὲς αἰεὶ,
γείνατο δ' οὔρεα μακρά, θεῶν χαρίεντας ἐναύλους,
130 Νυμφέων, αἳ ναίουσιν ἀν' οὔρεα βησσήεντα,
ἦδὲ καὶ ἀτρύγετον πέλαγος τέκεν οἴδατι θυῖον,
Πόντον, ἄτερ φιλότητος ἐφίμερου: αὐτὰρ ἔπειτα
Οὐρανῶ εὐνηθεῖσα τέκ' Ὠκεανὸν βαθυδίνην,
Κοῖόν τε Κρεῖόν θ' Ὑπερίονά τ' Ἰαπετόν τε

135 Θείαν τε Ῥεΐαν τε Θέμιν τε Μνημοσύνην τε
 Φοίβην τε χρυσοστέφανον Τηθύν τ' ἐρατεινήν.
 τοὺς δὲ μέθ' ὀπλότατος γένετο Κρόνος ἀγκυλομήτης,
 δεινότατος παίδων, θαλερόν δ' ἤχθηρε τοκῆα.
 γεΐνατο δ' αὖ Κύκλωπας ὑπέρβιον ἦτορ ἔχοντας,
 140 Βρόντην τε Στερόπην τε καὶ Ἄργην ὄβριμόθυμον,
 οἱ Ζηνὶ βροντήν τ' ἔδóσαν τεῦξάν τε κεραυνόν.
 οἱ δ' ἦτοι τὰ μὲν ἄλλα θεοῖς ἐναλίγκιοι ἦσαν,
 μοῦνος δ' ὀφθαλμὸς μέσσω ἐνέκειτο μετώπῳ:
 Κύκλωπες δ' ὄνομ' ἦσαν ἐπώνυμον, οὐνεκ' ἄρα σφέων
 145 κυκλοτερῆς ὀφθαλμὸς ἔεις ἐνέκειτο μετώπῳ:
 ἰσχὺς δ' ἠδὲ βίη καὶ μηχαναὶ ἦσαν ἐπ' ἔργοις.
 ἄλλοι δ' αὖ Γαίης τε καὶ Οὐρανοῦ ἐξεγένοντο
 τρεῖς παῖδες μεγάλοι τε καὶ ὄβριμοι, οὐκ ὀνομαστοί,
 Κόττος τε Βριάρεώς τε Γύγης θ', ὑπερήφανα τέκνα.
 150 τῶν ἑκατὸν μὲν χεῖρες ἀπ' ὤμων αἴσسونτο,
 ἄπλαστοι, κεφαλαὶ δὲ ἐκάστῳ πενήκοντα
 ἐξ ὤμων ἐπέφυκον ἐπὶ στιβαροῖσι μέλεσσιν:
 ἰσχὺς δ' ἄπλητος κρατερὴ μέγαλῳ ἐπὶ εἶδει.
 ὅσσοι γὰρ Γαίης τε καὶ Οὐρανοῦ ἐξεγένοντο,
 155 δεινότατοι παίδων, σφετέρῳ δ' ἤχθοντο τοκῆι
 ἐξ ἀρχῆς: καὶ τῶν μὲν ὅπως τις πρῶτα γένοιτο,
 πάντας ἀποκρύπτασκε καὶ ἐς φάος οὐκ ἀνίσσκε
 Γαίης ἐν κευθμῶνι, κακῶ δ' ἐπετέρπετο ἔργῳ,
 Οὐρανός: ἠ δ' ἐντὸς στοναχίζετο Γαῖα πελώρη
 160 στενωμένη, δολίην δὲ κακὴν τ' ἐπεφράσσατο τέχνην.
 αἶψα δὲ ποιήσασα γένος πολιοῦ ἀδάμαντος
 τεῦξε μέγα δρέπανον καὶ ἐπέφραδε παισὶ φίλοισιν:
 εἶπε δὲ θαρσύνουσα, φίλον τετιμημένη ἦτορ:
 “παῖδες ἐμοὶ καὶ πατρὸς ἀτασθάλου, αἶ κ' ἐθέλητε
 165 πείθεσθαι: πατρός κε κακὴν τισαίμεθα λώβην
 ὑμετέρου: πρότερος γὰρ ἀεικέα μῆσατο ἔργα.”
 ὧς φάτο: τοὺς δ' ἄρα πάντας ἔλεν δέος, οὐδέ τις αὐτῶν
 φθέγγετο. θαρσήσας δὲ μέγας Κρόνος ἀγκυλομήτης

αἶψ' αὖτις μύθοισι προσηύδα μητέρα κεδνήν:
 170 “μητηρ, ἐγὼ κεν τοῦτό γ' ὑποσχόμενος τελέσαιμι
 ἔργον, ἐπεὶ πατρός γε δυσωνύμου οὐκ ἀλεγίζω
 ἡμετέρου: πρότερος γὰρ ἀεικέα μήσατο ἔργα.”
 ὧς φάτο: γήθησεν δὲ μέγα φρεσὶ Γαῖα πελώρη:
 εἶσε δὲ μιν κρύψασα λόχῳ, ἐνέθηκε δὲ χερσὶν
 175 ἄρπην καρχαρόδοντα, δόλον δ' ὑπεθήκατο πάντα.
 ἦλθε δὲ νύκτ' ἐπάγων μέγας Οὐρανός, ἀμφὶ δὲ Γαίῃ
 ἰμείρων φιλότητος ἐπέσχετο καὶ ῥ' ἐτανύσθη
 πάντη: ὃ δ' ἐκ λοχέοιο πάϊς ὠρέξατο χειρὶ
 σκαιῆ, δεξιτερῆ δὲ πελώριον ἔλλαβεν ἄρπην
 180 μακρὴν καρχαρόδοντα, φίλου δ' ἀπὸ μήδεα πατρὸς
 ἐσσυμένως ἤμησε, πάλιν δ' ἔρριψε φέρεσθαι
 ἐξοπίσω. τὰ μὲν οὐ τι ἐτώσια ἔκφυγε χειρός:
 ὄσσαι γὰρ ῥαθάμιγγες ἀπέσσυθεν αἱματόεσσαι,
 πάσας δέξατο Γαῖα: περιπλομένων δ' ἐνιαυτῶν
 185 γείνατ' Ἐρινῦς τε κρατερὰς μεγάλους τε Γίγαντας,
 τεύχεσι λαμπομένους, δολίχ' ἔγχεα χερσὶν ἔχοντας,
 Νύμφας θ' ἄς Μελίας καλέουσ' ἐπ' ἀπείρονα γαῖαν.
 μήδεα δ' ὡς τὸ πρῶτον ἀποτμήξας ἀδάμαντι
 κάββαλ' ἀπ' ἠπείροιο πολυκλύστῳ ἐνὶ πόντῳ,
 190 ὧς φέρετ' ἄμ πέλαιγος πουλὸν χρόνον, ἀμφὶ δὲ λευκὸς
 ἀφρὸς ἀπ' ἀθανάτου χροὸς ὄρνυτο: τῷ δ' ἐνὶ κούρῃ
 ἐθρέφθη: πρῶτον δὲ Κυθήροισι ζαθέοισιν
 ἔπλητ', ἐνθεν ἔπειτα περίρρυτον ἵκετο Κύπρον.
 ἐκ δ' ἔβη αἰδοίη καλὴ θεός, ἀμφὶ δὲ ποίη
 195 ποσσὶν ὑπο ῥαδινοῖσιν ἀέξετο: τὴν δ' Ἀφροδίτην
 [ἀφρογενέα τε θεὰν καὶ εὐστέφανον Κυθήρειαν]
 κικλήσκουσι θεοὶ τε καὶ ἄνδρες, οὐνεκ' ἐν ἀφρῶ
 θρέφθη: ἀτὰρ Κυθήρειαν, ὅτι προσέκυρσε Κυθήροις:
 Κυπρογενέα δ', ὅτι γέντο περικλύστῳ ἐνὶ Κύπρῳ:
 200 ἠδὲ φιλομμειδέα, ὅτι μηδέων ἐξεφαάνθη.
 τῇ δ' Ἴμερος ὠμάρτησε καὶ Ἴμερος ἔσπετο καλὸς
 γεινομένη τὰ πρῶτα θεῶν τ' ἐς φῦλον ἰούση:

ταύτην δ' ἐξ ἀρχῆς τιμὴν ἔχει ἠδὲ λέλογχε
 μοῖραν ἐν ἀνθρώποισι καὶ ἀθανάτοισι θεοῖσι,
 205 παρθενίους τ' ὄαρους μειδήματά τ' ἐξαπάτας τε
 τέρψιν τε γλυκερὴν φιλότητά τε μελιχίην τε.
 τοὺς δὲ πατὴρ Τιτῆνας ἐπὶ κλησιν καλέεσκε
 παῖδας νεκειῶν μέγας Οὐρανός, οὗς τέκεν αὐτός:
 φάσκε δὲ τιταίνοντας ἀτασθαλίη μέγα ῥέξαι
 210 ἔργον, τοῖο δ' ἔπειτα τίσιν μετόπισθεν ἔσεσθαι.
 Νυξ δ' ἔτεκε στυγερὸν τε Μόρον καὶ Κῆρα μέλαιναν
 καὶ Θάνατον, τέκε δ' Ὕπνον, ἔτικτε δὲ φύλον Ὀνειρίων.
 δεύτερον αὖ Μῶμον καὶ Ὀϊζὺν ἀλγινόεσσαν 214
 οὐ τινη κοιμηθεῖσα θεὰ τέκε Νυξ ἔρεβεννή, 213
 215 Ἐσπερίδας θ', αἷς μῆλα πέρην κλυτοῦ Ὠκεανοῖο
 χρύσεια καλὰ μέλουσι φέροντά τε δένδρεα καρπόν:
 καὶ Μοίρας καὶ Κῆρας ἐγείνατο νηλεοποίνους,
 [Κλωθὴ τε Λάχεσιν τε καὶ Ἄτροπον, αἷ τε βροτοῖσι
 γεινομένοισι διδοῦσιν ἔχειν ἀγαθὸν τε κακὸν τε,]
 220 αἷτ' ἀνδρῶν τε θεῶν τε παραιβασίας ἐφέπουσιν,
 οὐδέ ποτε λήγουσι θεαὶ δεινοῖο χόλοιο,
 πρὶν γ' ἀπὸ τῶ δώωσι κακὴν ὄπιν, ὅστις ἀμάρτη.
 τίκτε δὲ καὶ Νέμεσιν πῆμα θνητοῖσι βροτοῖσι
 Νυξ ὀλοή: μετὰ τὴν δ' Ἀπάτην τέκε καὶ Φιλότητα
 225 Γῆρας τ' οὐλόμενον, καὶ Ἔριν τέκε καρτερόθυμον.
 αὐτὰρ Ἔρις στυγερὴ τέκε μὲν Πόνον ἀλγινόεντα
 Λήθην τε Λιμόν τε καὶ Ἄλγεα δακρυόεντα
 Ὑσμίνας τε Μάχας τε Φόνους τ' Ἀνδροκτασίας τε
 Νεϊκεά τε Ψεύδεά τε Λόγους Ἀμφιλλογίας τε
 230 Δυσνομίην τ' Ἄτην τε, συνήθεας ἀλλήλησιν,
 Ὅρκον θ', ὃς δὴ πλεῖστον ἐπιχθονίους ἀνθρώπους
 πημαίνει, ὅτε κέν τις ἐκὼν ἐπίορκον ὁμόσση:
 Νηρέα δ' ἀψευδέα καὶ ἀληθέα γείνατο Πόντος
 πρεσβύτατον παίδων: αὐτὰρ καλέουσι γέροντα,
 235 οὐνεκα νημερτής τε καὶ ἥπιος, οὐδὲ θεμίστων
 λήθεται, ἀλλὰ δίκαια καὶ ἥπια δήνεα οἶδεν:

αὔτις δ' αὖ Θαύμαντα μέγαν καὶ ἀγήνορα Φόρκυν
Γαίη μισγόμενος καὶ Κητώ καλλιπάρηον
Εὐρυβίην τ' ἀδάμαντος ἐνὶ φρεσὶ θυμὸν ἔχουσιν.

- 240 Νηρῆος δ' ἐγένοντο μεγέριτα τέκνα θεάων
πόντῳ ἐν ἀτρυγέτῳ καὶ Δωρίδος ἠυκόμοιο,
κούρης Ὠκεανοῖο τελήεντος ποταμοῖο,
Πρωθῷ τ' Εὐκράντη τε Σαῶ τ' Ἀμφιτρίτη τε
Εὐδώρη τε Θέτις τε Γαλήνη τε Γλαύκη τε,
245 Κυμοθόη Σπειῶ τε θοῇ Θαλίη τ' ἐρόεσσα
Πασιθέη τ' Ἐρατῶ τε καὶ Εὐνίκη ῥοδόπηχυς
καὶ Μελίτη χαρίεσσα καὶ Εὐλιμένη καὶ Ἄγαυή
Δωτῶ τε Πρωτῶ τε Φέρουσά τε Δυναμένη τε
Νησαίη τε καὶ Ἀκταίη καὶ Πρωτομέδεια
250 Δωρίς καὶ Πανόπη καὶ εὐειδῆς Γαλάτεια
Ἴπποθόη τ' ἐρόεσσα καὶ Ἴππονόη ῥοδόπηχυς
Κυμοδόκη θ', ἥ κύματ' ἐν ἠεροειδέϊ πόντῳ
πνοιᾶς τε ζαέων ἀνέμων σὺν Κυματολήγῃ
ῥεῖα πρηῦνει καὶ ἐυσφύρῳ Ἀμφιτρίτη,
255 Κυμῶ τ' Ἡϊόνη τε εὐστέφανός θ' Ἀλιμήδη
Γλαυκονόμη τε φιλομμειδῆς καὶ Ποντοπόρεια
Λειαγόρη τε καὶ Εὐαγόρη καὶ Λαομέδεια
Πουλυνόη τε καὶ Αὐτονόη καὶ Λυσιάνασσα
Εὐάρνη τε φυήν τ' ἐρατὴ καὶ εἶδος ἄμωμος
260 καὶ Ψαμάθη χαρίεσσα δέμας δίη τε Μενίππη
Νησῶ τ' Εὐπόμπη τε Θεμιστῶ τε Προνόη τε
Νημερτής θ', ἥ πατρὸς ἔχει νόον ἀθανάτιο.
αὗται μὲν Νηρῆος ἀμύμονος ἐξεγένοντο
κοῦραι πεντήκοντα, ἀμύμονα ἔργ' εἰδυῖαι:
265 Θαύμας δ' Ὠκεανοῖο βαθυρρεῖταιο θύγατρα
ἠγάγετ' Ἠλέκτρην: ἥ δ' ὠκεῖαν τέκεν Ἴριν
ἠυκόμους θ' Ἀρπυίας, Ἀελλῶ τ' Ὠκυπέτην τε,
αἱ ῥ' ἀνέμων πνοιῆσι καὶ οἰωνοῖς ἅμ' ἔπονται
ὠκεῖης πτερύγεσσι: μεταχρόνιαι γὰρ ἴαλλον.

270 Φόρκυϊ δ' αὖ Κητώ γραίας τέκε καλλιπαρήους
 ἐκ γενετῆς πολιάς, τὰς δὴ Γραίας καλέουσιν
 ἀθάνατοί τε θεοὶ χαμαὶ ἐρχόμενοί τ' ἄνθρωποι,
 Πεμφρηδῶ τ' ἐπέπλον Ἐνυώ τε κροκόπεπλον,
 Γοργούς θ', αἷ ναίουσι πέρην κλυτοῦ Ὠκεανοῖο
 275 ἐσχατιῇ πρὸς νυκτός, ἴν' Ἑσπερίδες λιγύφωνοι,
 Σθεννώ τ' Εὐρύαλη τε Μέδουσά τε λυγρὰ παθοῦσα:
 ἦ μὲν ἔην θνητή, αἷ δ' ἀθάνατοι καὶ ἀγήρω,
 αἷ δύο: τῇ δὲ μῆ παρελέξατο Κυανοχαίτης
 ἐν μαλακῷ λειμῶνι καὶ ἄνθεσιν εἰαρινοῖσιν.
 280 τῆς δ' ὅτε δὴ Περσεὺς κεφαλὴν ἀπεδειροτόμησεν,
 ἐξέθορε Χρυσάωρ τε μέγας καὶ Πήγασος ἵππος.
 τῷ μὲν ἐπόνυμον ἦν, ὅτ' ἄρ' Ὠκεανοῦ παρὰ πηγὰς
 γένθ', ὃ δ' ἄορ χρύσειον ἔχων μετὰ χερσὶ φίλησι.
 χῶ μὲν ἀποπτάμενος, προλιπὼν χθόνα μητέρα μήλων,
 285 ἵκετ' ἐς ἀθανάτους: Ζηνὸς δ' ἐν δώμασι ναίει
 βροντὴν τε στεροπὴν τε φέρων Διὶ μητιόεντι:
 Χρυσάωρ δ' ἔτεκε τρικέφαλον Γηρυονῆα
 μιχθεὶς Καλλιρόῃ κούρῃ κλυτοῦ Ὠκεανοῖο:
 τὸν μὲν ἄρ' ἐξενάριξε βίῃ Ἡρακληεῖη
 290 βουσί παρ' εἰλιπόδεσσι περιρρύτῳ εἰν Ἐρυθείῃ
 ἤματι τῷ, ὅτε περ βοῦς ἤλασεν εὐρυμετώπους
 Τίρυνθ' εἰς ἱερὴν, διαβὰς πόρον Ὠκεανοῖο,
 Ὅρθον τε κτείνας καὶ βουκόλον Εὐρυτίωνα
 σταθμῷ ἐν ἠερόεντι πέρην κλυτοῦ Ὠκεανοῖο.
 295 ἦ δ' ἔτεκ' ἄλλο πέλωρον ἀμήχανον, οὐδὲν εἰκοδὸς
 θνητοῖς ἀνθρώποις οὐδ' ἀθανάτοισι θεοῖσι,
 σπῆι ἐνὶ γλαφυρῷ θεῖην κρατερόφρον' Ἐχιδναν,
 ἥμισυ μὲν νύμφην ἐλικώπιδα καλλιπάρηον,
 ἥμισυ δ' αὖτε πέλωρον ὄφιν δεινόν τε μέγαν τε
 300 αἰόλον ὠμηστήν, ζαθέης ὑπὸ κεύθεσι γαίης.
 ἔνθα δὲ οἱ σπέος ἐστὶ κάτω κοίλη ὑπὸ πέτρῃ
 τηλοῦ ἀπ' ἀθανάτων τε θεῶν θνητῶν τ' ἀνθρώπων:
 ἔνθ' ἄρα οἱ δάσσαντο θεοὶ κλυτὰ δώματα ναίειν.

ἦ δ' ἔρυτ' εἰν Ἀρίμοισιν ὑπὸ χθόνα λυγρῆ Ἔχιδνα,
 305 ἀθάνατος νύμφη καὶ ἀγήραος ἤματα πάντα.
 τῇ δὲ Τυφάονά φασι μιγήμεναι ἐν φιλότῃτι
 δεινὸν θ' ὕβριστὴν τ' ἄνομόν θ' ἐλικώπιδι κούρη:
 ἦ δ' ὑποκυσαμένη τέκετο κρατερόφρονα τέκνα.
 Ὅρθον μὲν πρῶτον κύνα γείνατο Γηρυονῆ:
 310 δεύτερον αὖτις ἔτικτεν ἀμήχανον, οὗ τι φατειὸν,
 Κέρβερον ὠμηστήν, Αἶδεω κύνα χαλκεόφωνον,
 πεντηκοντακέφαλον, ἀναιδέα τε κρατερόν τε:
 τὸ τρίτον Ὑδρην αὖτις ἐγείνατο λυγρὰ ἰδυῖαν
 Λερναίην, ἣν θρέψε θεὰ λευκώλενος Ἥρη
 315 ἄπλητον κοτέουσα βίη Ἡρακληεῖη.
 καὶ τὴν μὲν Διὸς υἱὸς ἐνήρατο νηλεῖ χαλκῷ
 Ἀμφιτρωνιάδης σὺν ἀρηιφίλῳ Ἴολάῳ
 Ἡρακλῆος βουλῆσιν Ἀθηναίης ἀγγελείης:
 ἦ δὲ Χίμαιραν ἔτικτε πνέουσαν ἀμαιμάκετον πῦρ,
 320 δεινὴν τε μεγάλην τε ποδώκεά τε κρατερὴν τε.
 τῆς ἦν τρεῖς κεφαλαί: μία μὲν χαροποῖο λέοντος,
 ἦ δὲ χιμαίρης, ἦ δ' ὄφις, κρατεροῖο δράκοντος.
 [πρόσθε λέων, ὄπιθεν δὲ δράκων, μέσση δὲ χίμαιρα,
 δεινὸν ἀποπνεύουσα πυρὸς μένος αἶθομένοιο.]
 325 τὴν μὲν Πήγασος εἴλε καὶ ἐσθλὸς Βελλεροφόντης:
 ἦ δ' ἄρα Φῆκ' ὀλοὴν τέκε Καδμείοισιν ὄλεθρον
 Ὅρθῳ ὑποδηθεῖσα, Νεμειᾶϊόν τε λέοντα,
 τὸν ῥ' Ἥρη θρέψασα Διὸς κυδρὴ παράκοιτις
 γουνοῖσιν κατένασσε Νεμείης, πῆμ' ἀνθρώποις.
 330 ἔνθ' ἄρ' ὁ γ' οἰκείων ἐλεφαίρετο φύλ' ἀνθρώπων,
 κοιρανέων Τρητοῖο Νεμείης ἠδ' Ἀπέσαντος:
 ἀλλὰ ἐῖς ἐδάμασσε βίης Ἡρακληεῖης.
 Κητῷ δ' ὀπλότατον Φόρκυι φιλότῃτι μιγεῖσα
 γείνατο δεινὸν ὄφιν, ὃς ἐρεμνῆς κεύθεσι γαίης
 335 πείρασιν ἐν μεγάλοις παγχρύσεια μῆλα φυλάσσει.
 τοῦτο μὲν ἐκ Κητοῦς καὶ Φόρκυος γένος ἐστί.

Τηθύς δ' Ὠκεανῷ ποταμούς τέκε δινήεντας,
 Νειλόν τ' Ἀλφειόν τε καὶ Ἑριδανὸν βαθυδίνην,
 Στρυμόνα Μαίανδρόν τε καὶ Ἴστρον καλλιρέεθρον
 340 Φᾶσίν τε Ῥῆσόν τ' Ἀχελωῖόν τ' ἀργυροδίνην
 Νέσσον τε Ῥοδίον θ' Ἀλιάκμονά θ' Ἐπτάπορόν τε
 Γρήνικόν τε καὶ Αἴσηπον θεῖόν τε Σιμοῦντα
 Πηνειόν τε καὶ Ἑρμον ἑυρρείτην τε Κάικον
 Σαγγάριον τε μέγαν Λάδωνά τε Παρθενίον τε
 345 Εὐνήν τε καὶ Ἀλδησκον θεῖόν τε Σκάμανδρον:
 τίκτε δὲ Κουράων ἱερὸν γένος, αἱ κατὰ γαῖαν
 ἄνδρας κουρίζουσι σὺν Ἀπόλλωνι ἄνακτι
 καὶ ποταμοῖς, ταύτην δὲ Διὸς πάρα μοῖραν ἔχουσι,
 Πειθῷ τ' Ἀδμήτη τε Ἰάνθη τ' Ἥλέκτρῃ τε
 350 Δωρίς τε Πρυμνῷ τε καὶ Οὐρανίῃ θεοειδῆς
 Ἴππῳ τε Κλυμένη τε Ῥόδειά τε Καλλιρόῃ τε
 Ζευξῷ τε Κλυτῇ τε Ἰδυῖά τε Πασιθόῃ τε
 Πληξαύρῃ τε Γαλαξαύρῃ τ' ἐρατῇ τε Διώνῃ
 Μηλόβοσίς τε Θόῃ τε καὶ εὐειδῆς Πολυδώρῃ
 355 Κερκηίς τε φυὴν ἐρατῇ Πλουτώ τε βοῶπις
 Περσηίς τ' Ἰάνειρά τ' Ἀκάστη τε Ξάνθη τε
 Πετραίῃ τ' ἐρόεσσα Μενεσθῷ τ' Εὐρώπῃ τε
 Μῆτις τ' Εὐρυνόμῃ τε Τελεστώ τε κροκοπεπλος
 Χρυσήϊς τ' Ἀσίῃ τε καὶ ἱμερόεσσα Καλυψῷ
 360 Εὐδώρῃ τε Τύχῃ τε καὶ Ἀμφιρῷ Ὠκυρόῃ τε
 καὶ Στύξ, ἣ δὴ σφεων προφερεστάτη ἐστὶν ἀπασέων.
 αὗται δ' Ὠκεανοῦ καὶ Τηθύος ἐξεγένοντο
 πρεσβύταται κοῦραι: πολλαὶ γε μὲν εἰσι καὶ ἄλλαι:
 τρὶς γὰρ χίλιαί εἰσι τανύσφυροι Ὠκεανῖναι,
 365 αἱ ῥα πολυσπερές γαῖαν καὶ βένθεα λίμνης
 πάντῃ ὁμῶς ἐφέπουσι, θεάων ἀγλαὰ τέκνα.
 τόσσοι δ' αὖθ' ἕτεροι ποταμοὶ καναχηδὰ ῥέοντες,
 υἱέες Ὠκεανοῦ, τοὺς γείνατο πότνια Τηθύς:
 τῶν ὄνομ' ἀργαλέον πάντων βροτὸν ἀνὲρ' ἐνισπεῖν,
 370 οἱ δὲ ἕκαστοι ἴσασιν, ὅσοι περὶ ναιετάουσι.

Θεία δ' Ἡέλιόν τε μέγαν λαμπράν τε Σελήνην
 Ἡῶ θ', ἥ πάντεσσι ἐπιχθονίοισι φαίνει
 ἀθανάτοις τε θεοῖσι τοὶ οὐρανὸν εὐρὺν ἔχουσι,
 γείναθ' ὑποδηθεῖσ' Ὑπερίονος ἐν φιλότητι.
 375 Κρίω δ' Εὐρυβὶν τέκεν ἐν φιλότητι μιγεῖσα
 Ἀστραῖόν τε μέγαν Πάλλαντά τε διὰ θεάων
 Πέρσην θ', ὃς καὶ πᾶσι μετέπρεπεν ἰδοσύνησιν.
 Ἀστραίω δ' Ἡὼς ἀνέμους τέκε καρτεροθύμους,
 ἀργέστην Ζέφυρον Βορέην τ' αἰψηροκέλευθον
 380 καὶ Νότον, ἐν φιλότητι θεὰ θεῶ εὐνηθεῖσα.
 τοὺς δὲ μέτ' ἀστέρα τίκτεν Ἐωσφόρον Ἡριγένεια
 ἄστρα τε λαμπετόωντα, τὰ τ' οὐρανὸς ἐστεφάνωται.
 Στυξὶ δ' ἔτεκ' Ὠκεανοῦ θυγάτηρ Πάλλαντι μιγεῖσα
 Ζῆλον καὶ Νίκην καλλίσφυρον ἐν μεγάροισι
 385 καὶ Κράτος ἠδὲ Βίην ἀριδείκετα γείνατο τέκνα.
 τῶν οὐκ ἔστ' ἀπάνευθε Διὸς δόμος, οὐδέ τις ἔδρη,
 οὐδ' ὁδός, ὅππῃ μὴ κείνοισ θεὸς ἡγεμονεύει,
 ἀλλ' αἰεὶ παρ Ζηνὶ βαρυκτύπῳ ἐδριόωνται.
 ὧς γὰρ ἐβούλευσεν Στυξὶ ἄφθιτος Ὠκεανίνη
 390 ἥματι τῷ, ὅτε πάντας Ὀλύμπιος ἀστεροπητῆς
 ἀθανάτους ἐκάλεσσε θεοὺς ἐς μακρὸν Ὀλυμπον,
 εἶπε δ', ὃς ἂν μετὰ εἶο θεῶν Τιτῆσι μάχοιτο,
 μὴ τιν' ἀπορραΐσειν γεράων, τιμὴν δὲ ἕκαστον
 ἐξέμεν ἦν τὸ πάρος γε μετ' ἀθανάτοισι θεοῖσι.
 395 τὸν δ' ἔφαθ', ὅστις ἄτιμος ὑπὸ Κρόνου ἠδ' ἀγέραστος,
 τιμῆς καὶ γεράων ἐπιβησέμεν, ἧ θέμις ἐστίν.
 ἦλθε δ' ἄρα πρώτη Στυξὶ ἄφθιτος Οὐλυμπόνδε
 σὺν σφοῖσιν παίδεσσι φίλου διὰ μήδεα πατρός:
 τὴν δὲ Ζεὺς τίμησε, περισσὰ δὲ δῶρα ἔδωκεν.
 400 αὐτὴν μὲν γὰρ ἔθηκε θεῶν μέγαν ἔμμεναι ὄρκον,
 παῖδας δ' ἥματα πάντα ἐοῦ μεταναιέτας εἶναι.
 ὧς δ' αὐτῶς πάντεσσι διαμπερές, ὧς περ ὑπέστη,
 ἐξετέλεσσ': αὐτὸς δὲ μέγα κρατεῖ ἠδὲ ἀνάσσει.

νικήσας δὲ βίη καὶ κάρτεϊ καλὸν ἄθλον 437
 ῥεῖα φέρει χαίρων τε, τοκεῦσι δὲ κῦδος ὀπάξει. 438
 440 καὶ τοῖς, οἳ γλαυκὴν δυσπέμφελον ἐργάζονται,
 εὐχονται δ' Ἐκάτη καὶ ἐρικτύπῳ Ἐννοσιγαίῳ,
 ῥηιδίως ἄγρην κυδρὴ θεὸς ὄπασε πολλήν,
 ῥεῖα δ' ἀφείλετο φαινομένην, ἐθέλουσά γε θυμῷ.
 ἐσθλή δ' ἐν σταθμοῖσι σὺν Ἑρμῇ ληΐδ' ἀέξειν:
 445 βουκολίας δὲ βοῶν τε καὶ αἰπόλια πλατέ' αἰγῶν
 ποιμένας τ' εἰροπόκων οἴων, θυμῷ γ' ἐθέλουσα,
 ἐξ ὀλίγων βριάει κάκ πολλῶν μείονα θῆκεν.
 οὕτω τοι καὶ μουνογενῆς ἐκ μητρὸς ἐοῦσα
 πᾶσι μετ' ἀθανάτοισι τετίμηται γεράεσσι.
 450 θῆκε δέ μιν Κρονίδης κουροτρόφον, οἳ μετ' ἐκείνην
 ὀφθαλμοῖσιν ἴδοντο φάος πολυδερκέος Ἡοῦς.
 οὕτως ἐξ ἀρχῆς κουροτρόφος, αἱ δέ τε τιμαί.
 Ῥεῖη δὲ δμηθεῖσα Κρόνῳ τέκε φαίδιμα τέκνα,
 Ἴστίην Δήμητρα καὶ Ἥρην χρυσοπέδιλον
 455 ἴφθιμόν τ' Αἴδην, ὃς ὑπὸ χθονὶ δώματα ναίει
 νηλεὲς ἦτορ ἔχων, καὶ ἐρίκτυπον Ἐννοσίγαιον,
 Ζῆνά τε μητιόεντα, θεῶν πατέρ' ἠδὲ καὶ ἀνδρῶν,
 τοῦ καὶ ὑπὸ βροντῆς πελεμίζεται εὐρεῖα χθών.
 καὶ τοὺς μὲν κατέπινε μέγας Κρόνος, ὥς τις ἕκαστος
 460 νηδύος ἐξ ἱερῆς μητρὸς πρὸς γούναθ' ἴκοιτο,
 τὰ φρονέων, ἵνα μή τις ἀγαυῶν Οὐρανίωνων
 ἄλλος ἐν ἀθανάτοισιν ἔχοι βασιληίδα τιμήν.
 πεύθετο γὰρ Γαίης τε καὶ Οὐρανοῦ ἀστερόεντος
 οὔνεκά οἱ πέπρωτο ἐῷ ὑπὸ παιδὶ δαμῆναι,
 465 καὶ κρατερῷ περ ἐόντι, Διὸς μεγάλου διὰ βουλάς.
 τῷ ὅ γ' ἄρ' οὐκ ἀλαοσκοπιὴν ἔχεν, ἀλλὰ δοκεύων
 παῖδας εὐὸς κατέπινε: Ῥεῖην δ' ἔχε πένθος ἄλαστον.
 ἀλλ' ὅτε δὴ Δί' ἔμελλε θεῶν πατέρ' ἠδὲ καὶ ἀνδρῶν
 τέξεσθαι, τότε ἔπειτα φίλους λιτάνευε τοκῆας
 470 τοὺς αὐτῆς, Γαῖάν τε καὶ Οὐρανὸν ἀστερόεντα,
 μῆτιν συμφράσσασθαι, ὅπως λελάθοιτο τεκοῦσα

παῖδα φίλον, τίσαιτο δ' ἔρινυς πατρὸς ἐοῖο
 παίδων θ', οὓς κατέπινε μέγας Κρόνος ἀγκυλομήτης.
 οἱ δὲ θυγατρὶ φίλῃ μάλα μὲν κλύον ἠδ' ἐπίθοντο,
 475 καὶ οἱ πεφραδέτην, ὅσα περ πέπρωτο γενέσθαι
 ἀμφὶ Κρόνω βασιλῆι καὶ υἱεὶ καρτεροθύμῳ:
 πέμψαν δ' ἐς Λύκτον, Κρήτης ἐς πίονα δῆμον,
 ὀππότε ἄρ' ὀπλότατον παίδων ἤμελλε τεκέσθαι,
 Ζῆνα μέγαν: τὸν μὲν οἱ ἐδέξατο Γαῖα πελώρη
 480 Κρήτη ἐν εὐρείῃ τραφόμεν ἀτιταλλέμεναί τε.
 ἔνθα μιν ἴκτο φέρουσα θοῆν διὰ νύκτα μέλαιναν,
 πρώτην ἐς Λύκτον: κρύψεν δέ ἐ χειρσὶ λαβοῦσα
 ἄντρῳ ἐν ἠλιβάτῳ, ζαθέης ὑπὸ κεύθεσι γαίης,
 Αἰγαίῳ ἐν ὄρει πεπυκασμένῳ ὑλήεντι.
 485 τῷ δὲ σπαργανίσασα μέγαν λίθον ἐγγυάλιξεν
 Οὐρανίδῃ μέγ' ἄνακτι, θεῶν προτέρων βασιλῆι.
 τὸν τόθ' ἔλῶν χεῖρεςσιν ἔην ἐσκάτθετο νηδὺν,
 σχέτλιος, οὐδ' ἐνόησε μετὰ φρεσίν, ὥς οἱ ὀπίσσω
 ἀντὶ λίθου ἐὸς υἱὸς ἀνίκητος καὶ ἀκηδῆς
 490 λείπεθ', ὃ μιν τάχ' ἔμελλε βίη καὶ χειρσὶ δαμάσσας
 τιμῆς ἐξελάαν, ὃ δ' ἐν ἀθανάτοισι ἀνάξιν.
 καρπαλίμως δ' ἄρ' ἔπειτα μένος καὶ φαίδιμα γυῖα
 ἠὔξετο τοῖο ἄνακτος: ἐπιπλομένου δ' ἐνιαυτοῦ,
 Γαίης ἐννεσίησι πολυφραδέεσσι δολωθεῖς,
 495 ὄν γόνον ἄψ ἀνέηκε μέγας Κρόνος ἀγκυλομήτης
 νικηθεὶς τέχνησι βίηφί τε παιδὸς ἐοῖο.
 πρῶτον δ' ἐξήμησε λίθον, πύματον καταπίνων:
 τὸν μὲν Ζεὺς στήριξε κατὰ χθονὸς εὐρυοδείης
 Πυθοῖ ἐν ἠγαθέῃ, γυάλοις ὑπο Παρνησσοῖο,
 500 σῆμ' ἔμεν ἐξοπίσω, θαῦμα θνητοῖσι βροτοῖσι.
 λῦσε δὲ πατροκασιγνήτους ὄλοων ὑπὸ δεσμῶν,
 Οὐρανίδας, οὓς δῆσε πατῆρ ἀεσιφροσύνησιν:
 οἱ οἱ ἀπεμνήσαντο χάριν ἐνεργεσιάων,
 δῶκαν δὲ βροντὴν ἠδ' αἰθαλόεντα κεραυνὸν

505 καὶ στεροπὴν: τὸ πρὶν δὲ πελώρη Γαῖα κεκεύθει:
 τοῖς πίσυρος θνητοῖσι καὶ ἀθανάτοισιν ἀνάσσει.
 κούρην δ' Ἰαπετὸς καλλίσφυρον Ὠκεανίην
 ἠγάγετο Κλυμένην καὶ ὁμὸν λέχος εἰσανέβαιεν.
 ἦ δέ οἱ Ἄτλαντα κρατερόφρονα γείνατο παῖδα,
 510 τίκτε δ' ὑπερκύδαντα Μεινοίτιον ἠδὲ Προμηθέα,
 ποικίλον αἰολόμητιν, ἀμαρτίνοόν τ' Ἐπιμηθέα:
 ὃς κακὸν ἐξ ἀρχῆς γένητ' ἀνδράσιν ἀλφηστῆσι:
 πρῶτος γάρ ῥα Διὸς πλαστὴν ὑπέδεκτο γυναῖκα
 παρθένον. ὑβριστὴν δὲ Μεινοίτιον εὐρύοπα Ζεὺς
 515 εἰς ἔρεβος κατέπεμψε βαλὼν ψολόεντι κεραυνῷ
 εἵνεκ' ἀτασθαλίας τε καὶ ἠνορέης ὑπερόπλου.
 Ἄτλας δ' οὐρανὸν εὐρὺν ἔχει κρατερῆς ὑπ' ἀνάγκης,
 πείρασιν ἐν γαίης πρόπαρ Ἑσπερίδων λιγυφώνων
 ἐστηῶς, κεφαλῇ τε καὶ ἀκαμάτησι χέρεσσι:
 520 ταύτην γάρ οἱ μοῖραν ἐδάσσατο μητίετα Ζεὺς.
 δῆσε δ' ἀλυκτοπέδησι Προμηθέα ποικιλόβουλον,
 δεσμοῖς ἀργαλέοισι μέσον διὰ κίων' ἐλάσσας:
 καὶ οἱ ἐπ' αἰετὸν ὄρσε τανύπτερον: αὐτὰρ ὁ γ' ἦπαρ
 ἦσθιεν ἀθάνατον, τὸ δ' ἀέξετο ἴσον ἀπάντη
 525 νυκτός, ὅσον πρόπαν ἦμαρ ἔδοι τανυσίπτερος ὄρνις.
 τὸν μὲν ἄρ' Ἄλκμήνης καλλισφύρου ἄλκιμος υἱὸς
 Ἡρακλῆς ἔκτεινε, κακὴν δ' ἀπὸ νοῦσον ἄλαλκεν
 Ἰαπετιονίδη καὶ ἐλύσατο δυσφροσυνάων
 οὐκ ἀέκητι Ζηνὸς Ὀλυμπίου ὑψι μέδοντος,
 530 ὄφρ' Ἡρακλῆος Θηβαγενέος κλέος εἶη
 πλεῖον ἔτ' ἢ τὸ πάροιθεν ἐπὶ χθόνα πουλυβότειραν.
 ταῦτ' ἄρα ἀζόμενος τίμα ἀριδείκετον υἱόν:
 καὶ περ χωόμενος παύθη χόλου, ὃν πρὶν ἔχεσκεν,
 οὐνεκ' ἐρίζετο βουλὰς ὑπερμενεί Κρονίῳ.
 535 καὶ γὰρ ὅτ' ἐκρίνοντο θεοὶ θνητοὶ τ' ἄνθρωποι
 Μηκῶνῃ, τότε ἔπειτα μέγαν βοῦν πρόφρονι θυμῷ
 δασσάμενος προύθηκε, Διὸς νόον ἐξαπαφίσκων.
 τῷ μὲν γὰρ σάρκας τε καὶ ἔγκατα πίονα δημῷ

ἐν ῥινῷ κατέθηκε, καλύψας γαστρὶ βοεΐη.
 540 τοῖς δ' αὖτ' ὅστέα λευκὰ βοὸς δολίῃ ἐπὶ τέχνῃ
 εὐθετίσας κατέθηκε, καλύψας ἀργέτι δημῷ.
 δὴ τότε μιν προσέειπε πατὴρ ἀνδρῶν τε θεῶν τε:
 “Ἰαπετιονίδη, πάντων ἀριδείκετ' ἀνάκτων,
 ὧ πέπον, ὡς ἑτεροζήλως διεδάσσαο μοίρας.”
 545 ὧς φάτο κερτομέων Ζεὺς ἄφθιτα μῆδεα εἰδῶς.
 τὸν δ' αὖτε προσέειπε Προμηθεὺς ἀγκυλομήτης,
 ἦκ' ἐπιμειδήσας, δολίης δ' οὐ λήθετο τέχνης:
 “Ζεῦ κύδιστε μέγιστε θεῶν αἰειγενετῶν,
 τῶν δ' ἔλευ ὀπποτέρην σε ἐνὶ φρεσὶ θυμὸς ἀνώγει.”
 550 φῆ ῥα δολοφρονέων: Ζεὺς δ' ἄφθιτα μῆδεα εἰδῶς
 γνῶ ῥ' οὐδ' ἠγνοίησε δόλον: κακὰ δ' ὄσσετο θυμῷ
 θνητοῖς ἀνθρώποισι, τὰ καὶ τελέεσθαι ἔμελλε.
 χερσὶ δ' ὅ γ' ἀμφοτέρησιν ἀνεΐλετο λευκὸν ἄλειφαρ,
 χῶσατο δὲ φρένας ἀμφί, χόλος δὲ μιν ἴκετο θυμόν,
 555 ὡς ἴδεν ὅστέα λευκὰ βοὸς δολίῃ ἐπὶ τέχνῃ.
 ἐκ τοῦ δ' ἀθανάτοισιν ἐπὶ χθονὶ φύλ' ἀνθρώπων
 καίουσ' ὅστέα λευκὰ θυθέντων ἐπὶ βωμῶν.
 τὸν δὲ μέγ' ὀχθήσας προσέφη νεφεληγερέτα Ζεὺς:
 “Ἰαπετιονίδη, πάντων πέρι μῆδεα εἰδῶς,
 560 ὧ πέπον, οὐκ ἄρα πω δολίης ἐπιλήθεο τέχνης.”
 ὧς φάτο χωόμενος Ζεὺς ἄφθιτα μῆδεα εἰδῶς.
 ἐκ τούτου δῆπειτα χόλου μεμνημένος αἰεὶ
 οὐκ ἐδίδου μελήσιν πυρὸς μένος ἀκαμάτιο
 θνητοῖς ἀνθρώποις οἳ ἐπὶ χθονὶ ναιετάουσιν:
 565 ἀλλὰ μιν ἐξαπάτησεν εὐς πάϊς Ἰαπετοῖο
 κλέψας ἀκαμάτιο πυρὸς τηλέσκοπον αὐγὴν
 ἐν κοῖλῳ νάρθηκι: δάκεν δ' ἄρα νειόθι θυμόν
 Ζῆν' ὑπιβρεμέτην, ἐχόλωσε δὲ μιν φίλον ἦτορ,
 ὡς ἴδ' ἐν ἀνθρώποισι πυρὸς τηλέσκοπον αὐγὴν.
 570 αὐτίκα δ' ἀντὶ πυρὸς τεῦξεν κακὸν ἀνθρώποισι:
 γαίης γὰρ σύμπλασσε περικλυτὸς Ἀμφιγυήεις
 παρθένῳ αἰδοίῃ ἴκελον Κρονίδεω διὰ βουλᾶς:

ζῶσε δὲ καὶ κόσμησε θεὰ γλαυκῶπις Ἀθήνη
ἀργυφῆ ἐσθῆτι: κατὰ κρήθην δὲ καλύπτρην
575 δαιδαλέην χεῖρεςσι κατέσχεθε, θαῦμα ιδέσθαι:
[ἀμφὶ δὲ οἱ στεφάνους νεοθηλέας, ἄνθεα ποίης,
ἰμερτοὺς περίθηκε καρήατι Παλλὰς Ἀθήνη:]
ἀμφὶ δὲ οἱ στεφάνην χρυσέην κεφαλῆφιν ἔθηκε,
τὴν αὐτὸς ποίησε περικλυτὸς Ἀμφιγυήεις
580 ἀσκήσας παλάμησι, χαριζόμενος Διὶ πατρί.
τῇ δ' ἐνὶ δαίδαλα πολλὰ τετεύχαστο, θαῦμα ιδέσθαι,
κνώδαλ' ὅσ' ἥπειρος δεινὰ τρέφει ἠδὲ θάλασσα:
τῶν ὅ γε πόλλ' ἐνέθηκε, χάρις δ' ἐπὶ πᾶσιν ἄητο,
θαυμάσια, ζωοῖσιν ἐοικότα φωνήεσσιν.
585 αὐτὰρ ἐπεὶ δὴ τεῦξε καλὸν κακὸν ἀντ' ἀγαθοῖο,
ἐξάγαγ' ἐνθά περ ἄλλοι ἔσαν θεοὶ ἠδ' ἄνθρωποι,
κόσμφ' ἀγαλλομένην γλαυκώπιδος Ὀβριμοπάτρης
θαῦμα δ' ἔχ' ἀθανάτους τε θεοὺς θνητοὺς τ' ἀνθρώπους,
ὡς εἶδον δόλον αἰπὺν, ἀμήχανον ἀνθρώποισιν.
590 ἐκ τῆς γὰρ γένος ἐστὶ γυναικῶν θηλυτεράων,
[τῆς γὰρ ὀλοῖόν ἐστι γένος καὶ φύλα γυναικῶν,]
πῆμα μέγα θνητοῖσι, σὺν ἀνδράσι ναιετάουσαι,
οὐλομένης Πενίης οὐ σύμφοροι, ἀλλὰ Κόροιο.
ὡς δ' ὀπότεν ἐν σμήγεσσι κατηρέφεσσι μέλισσαι
595 κηφῆνας βόσκωσι, κακῶν ξυνήονας ἔργων:
αἰ μὲν τε πρόπαν ἦμαρ ἐς ἠέλιον καταδύντα
ἡμάτια σπεύδουσι τιθεῖσιν τε κηρία λευκά,
οἱ δ' ἐντοσθε μένοντες ἐπηρεφέας κατὰ σίμβλους
ἀλλότριον κάματον σφετέρην ἐς γαστέρ' ἀμῶνται:
600 ὡς δ' αὐτῶς ἀνδρεςσι κακὸν θνητοῖσι γυναῖκας
Ζεὺς ὑπιβρεμέτης θῆκε, ξυνήονας ἔργων
ἀργαλέων. ἕτερον δὲ πόρεν κακὸν ἀντ' ἀγαθοῖο,
ὅς κε γάμον φεύγων καὶ μέρμερα ἔργα γυναικῶν
μὴ γῆμαι ἐθέλη, ὀλοὸν δ' ἐπὶ γῆρας ἵκηται
605 χήτεϊ γηροκόμοιο: ὃ δ' οὐ βίότου γ' ἐπιδευῆς
ζῶει, ἀποφθιμένου δὲ διὰ ζωῆν δατέονται

χηρωσταί. ᾧ δ' αὖτε γάμου μετὰ μοῖρα γένηται,
κεδνήν δ' ἔσχεν ἄκοιτιν, ἀρηρυῖαν πραπίδεςσι,
τῷ δέ τ' ἀπ' αἰῶνος κακὸν ἐσθλῷ ἀντιφερίζει
610 ἐμμενές: ὃς δέ κε τέτμη ἀταρτηροῖο γενέθλης,
ζῶει ἐνὶ στήθεσσιν ἔχων ἀλίσστον ἀνίην
θυμῷ καὶ κραδίῃ, καὶ ἀνήκεστον κακὸν ἐστίν.
ὧς οὐκ ἔστι Διὸς κλέψαι νόον οὐδὲ παρελθεῖν.
οὐδὲ γὰρ Ἰαπετιονίδης ἀκάκητα Προμηθεὺς
615 τοῖό γ' ὑπεξήλυξε βαρὺν χόλον, ἀλλ' ὑπ' ἀνάγκης
καὶ πολυίδριν ἐόντα μέγας κατὰ δεσμὸς ἐρύκει.

Ὀβριάρεω δ' ὡς πρῶτα πατὴρ ὠδύσσατο θυμῷ
Κόττω τ' ἠδὲ Γύγῃ, δῆσεν κρατερῷ ἐνὶ δεσμῷ,
ἠγορέην ὑπέροπλον ἀγώμενος ἠδὲ καὶ εἶδος
620 καὶ μέγεθος: κατένασσε δ' ὑπὸ χθονὸς εὐρυοδείης.
ἐνθ' οἳ γ' ἄλγε' ἔχοντες ὑπὸ χθονὶ ναιετάοντες
ἦατ' ἐπ' ἐσχατιῇ μεγάλης ἐν πείρασι γαίης,
δηθὰ μάλ' ἀχνύμενοι, κραδίῃ μέγα πένθος ἔχοντες.
ἀλλὰ σφεας Κρονίδης τε καὶ ἀθάνατοι θεοὶ ἄλλοι
625 οὓς τέκεν ἠύκομος Ῥεῖη Κρόνου ἐν φιλότῃτι
Γαίης φραδομοσύνησιν ἀνήγαγον ἐς φάος αὖτις:
αὐτὴ γὰρ σφιν ἅπαντα διηνεκέως κατέλεξε,
σὺν κείνοις νίκην τε καὶ ἀγλαὸν εὖχος ἀρέσθαι.
δηρὸν γὰρ μάρναντο πόνον θυμαλγέ' ἔχοντες
630 ἀντίον ἀλλήλοισι διὰ κρατερὰς ὑσμίνας 631
Τιτῆνές τε θεοὶ καὶ ὅσοι Κρόνου ἐξεγένοντο, 630
οἳ μὲν ἀφ' ὑψηλῆς Ὀθρυος Τιτῆνες ἀγαυοί, 632
οἳ δ' ἄρ' ἀπ' Οὐλύμποιο θεοὶ δωτῆρες ἐάων
οὓς τέκεν ἠύκομος Ῥεῖη Κρόνω εὐνηθεῖσα.
635 οἳ ῥα τότε ἀλλήλοισι μάχην θυμαλγέ' ἔχοντες
συνεχέως ἐμάχοντο δέκα πλείους ἐνιαυτούς:
οὐδέ τις ἦν ἔριδος χαλεπῆς λύσις οὐδὲ τελευτὴ
οὐδετέροις, ἴσον δὲ τέλος τέτατο πτολέμοιο.
ἀλλ' ὅτε δὴ κείνοισι παρέσχεθεν ἄρμενα πάντα,
640 νέκταρ τ' ἀμβροσίην τε, τά περ θεοὶ αὐτοὶ ἔδουσι,

πάντων τ' ἐν στήθεσσι ἀέξετο θυμὸς ἀγῆνωρ,
[ὡς νέκταρ τ' ἐπάσαντο καὶ ἀμβροσίην ἐρατεινήν,]
δὴ τότε τοῖς μετέειπε πατὴρ ἀνδρῶν τε θεῶν τε:

“κέκλυτέ μευ Γαίης τε καὶ Οὐρανοῦ ἀγλαὰ τέκνα,
645 ὄφρ' εἶπω τά με θυμὸς ἐνὶ στήθεσσι κελεύει.
ἤδη γὰρ μάλα δηρὸν ἐναντίοι ἀλλήλοισι
νίκης καὶ κάρτεως πέρι μαρνάμεθ' ἤματα πάντα,
Τιτῆνές τε θεοὶ καὶ ὅσοι Κρόνου ἐκγενόμεσθα.
ὕμεῖς δὲ μεγάλην τε βίην καὶ χεῖρας ἀάπτους
650 φαίνετε Τιτήνεσσι ἐναντίον ἐν δαῖ λυγρῇ,
μνησάμενοι φιλότητος ἐνηέος, ὅσσα παθόντες
ἐς φάος ἄψ ἀφίκεσθε δυσηλεγέος ὑπὸ δεσμοῦ
ἡμετέρας διὰ βουλάς ὑπὸ ζόφου ἠερόεντος.”

ὧς φάτο: τὸν δ' αἴψ' αὖτις ἀμείβετο Κόττος ἀμύμων:
655 “δαιμόνι', οὐκ ἀδάητα πιφαύσκεαι, ἀλλὰ καὶ αὐτοὶ
ἴδμεν ὅ τοι περὶ μὲν πραπίδες, περὶ δ' ἐστὶ νόημα,
ἀλκτῆρ δ' ἀθανάτοισιν ἀρῆς γένεο κρυεροῖο,
σῆσι δ' ἐπιφροσύνησιν ὑπὸ ζόφου ἠερόεντος
ἄψορρον ἐξαῦτις ἀμειλίκτων ὑπὸ δεσμῶν
660 ἠλύθομεν, Κρόνου υἱὲ ἄναξ, ἀνάελπτα παθόντες.
τῷ καὶ νῦν ἀτενεῖ τε νόῳ καὶ πρόφρονι θυμῷ
ῥυσόμεθα κράτος ὑμὸν ἐν αἰνῇ δηιοτῆτι,
μαρνάμενοι Τιτῆσιν ἀνά κρατερὰς ὑσμίνας.”

ὧς φάτ': ἐπήνησαν δὲ θεοὶ δωτῆρες ἐάων
665 μῦθον ἀκούσαντες; πολέμου δ' ἐλιλαίετο θυμὸς
μᾶλλον ἔτ' ἢ τὸ πάροιθε; μάχην δ' ἀμέγαρτον ἔγειραν
πάντες, θήλειαι τε καὶ ἄρσενες, ἤματι κείνῳ,
Τιτῆνές τε θεοὶ καὶ ὅσοι Κρόνου ἐξεγένοντο,
οὓς τε Ζεὺς ἐρέβεσφιν ὑπὸ χθονὸς ἦκε φόωσδε,
670 δεινοὶ τε κρατεροὶ τε, βίην ὑπέροπλον ἔχοντες.
τῶν ἑκατὸν μὲν χεῖρες ἀπ' ὤμων αἴσσοντο
πᾶσιν ὁμῶς, κεφαλαὶ δὲ ἐκάστῳ πεντήκοντα
ἐξ ὤμων ἐπέφυκον ἐπὶ στιβαροῖσι μέλεσσι.
οἱ τότε Τιτήνεσσι κατέσταθεν ἐν δαῖ λυγρῇ

675 πέτρας ἠλιβάτους στιβαρῆς ἐν χερσὶν ἔχοντες:
 Τιτῆνες δ' ἐτέρωθεν ἐκαρτύναντο φάλαγγας
 προφρονέως: χειρῶν τε βίης θ' ἅμα ἔργον ἔφαινον
 ἀμφοτέροι, δεινὸν δὲ περίαχε πόντος ἀπείρων,
 γῆ δὲ μέγ' ἐσμαράγησεν, ἐπέστενε δ' οὐρανὸς εὐρύς
 680 σεϊόμενος, πεδόθεν δὲ τινάσσετο μακρὸς Ὀλυμπος
 ῥιπῆ ὑπ' ἀθανάτων, ἔνοσις δ' ἴκανε βαρεῖα
 τάρταρον ἠερόεντα ποδῶν, αἰπεῖα τ' ἰωῆ
 ἀσπέτου ἰωχοῖο βολάων τε κρατεράων.
 ὧς ἄρ' ἐπ' ἀλλήλοις ἴεσαν βέλεα στονόεντα:
 685 φωνὴ δ' ἀμφοτέρων ἴκετ' οὐρανὸν ἀστερόεντα
 κεκλομένων: οἳ δὲ ξύνισαν μεγάλῳ ἀλαλητῶ.
 οὐδ' ἄρ' ἔτι Ζεὺς ἴσχευ ἐὼν μένος, ἀλλά νυ τοῦ γε
 εἶθαρ μὲν μένεος πληντο φρένες, ἐκ δέ τε πᾶσαν
 φαῖνε βίην: ἄμυδις δ' ἄρ' ἀπ' οὐρανοῦ ἠδ' ἀπ' Ὀλύμπου
 690 ἀστράπτων ἔστειχε συνωχαδόν, οἳ δὲ κεραυνοὶ
 ἴκταρ ἅμα βροντῆ τε καὶ ἀστεροπῆ ποτέοντο
 χειρὸς ἄπο στιβαρῆς, ἱερὴν φλόγα εἰλυφόωντες,
 ταρφέες: ἀμφὶ δὲ γαῖα φερέσβιος ἐσμαράγιζε
 καιομένη, λάκε δ' ἀμφὶ περὶ μεγάλ' ἄσπετος ὕλη:
 695 ἔζεε δὲ χθῶν πᾶσα καὶ Ὠκεανοῖο ῥέεθρα
 πόντός τ' ἀτρύγετος: τοὺς δ' ἄμφεπε θερμὸς ἀντμῆ
 Τιτῆνας χθονίους, φλόξ δ' αἰθέρα διὰν ἴκανε
 ἄσπετος, ὅσσε δ' ἄμερδε καὶ ἰφθίμων περ ἐόντων
 αὐγὴ μαρμαίρουσα κεραυνοῦ τε στεροπῆς τε.
 700 καῦμα δὲ θεσπέσιον κάτεχεν χάος: εἴσατο δ' ἄντα
 ὀφθαλμοῖσιν ἰδεῖν ἠδ' οὐασιν ὅσσαν ἀκοῦσαι
 αὐτως, ὡς ὅτε γαῖα καὶ οὐρανὸς εὐρύς ὑπερθε
 πίλνατο: τοῖος γάρ κε μέγας ὑπὸ δοῦπος ὀρώρει,
 τῆς μὲν ἐρειπομένης, τοῦ δ' ὑψόθεν ἐξεριπόντος:
 705 τόσσοις δοῦπος ἔγεντο θεῶν ἔριδι ξυνιόντων.
 σὺν δ' ἄνεμοι ἔνοσιν τε κονίην τ' ἐσφαράγιζον
 βροντῆν τε στεροπῆν τε καὶ αἰθαλόεντα κεραυνόν,
 κῆλα Διὸς μεγάλιο, φέρον δ' ἰαχὴν τ' ἐνοπήν τε

- ἐς μέσον ἀμφοτέρων: ὄτοβος δ' ἄπλητος ὀρώρει
 710 σμερδαλέης ἔριδος, κάρτευσ δ' ἀνεφαίνετο ἔργον.
 ἐκλίνθη δὲ μάχη: πρὶν δ' ἀλλήλοισ ἐπέχοντες
 ἐμμενέως ἐμάχοντο διὰ κρατερὰς ὑσμίνας.
 οἱ δ' ἄρ' ἐνὶ πρώτοισι μάχην δριμεῖαν ἔγειραν,
 Κόττος τε Βριάρεώς τε Γύγης τ' ἄατος πολέμοιο:
 715 οἷ ῥα τριηκοσίας πέτρας στιβαρέων ἀπὸ χειρῶν
 πέμπον ἐπασσυτέρας, κατὰ δ' ἐσκίασαν βελέεσσι
 Τιτῆνας: καὶ τοὺς μὲν ὑπὸ χθονὸς εὐρυοδείης
 πέμψαν καὶ δεσμοῖσιν ἐν ἀργαλείοισιν ἔδησαν,
 νικήσαντες χερσὶν ὑπερθύμους περ ἐόντας,
 720 τόσσον ἔνερθ' ὑπὸ γῆς ὅσον οὐρανός ἐστ' ἀπὸ γαίης:
 τόσσον γάρ τ' ἀπὸ γῆς ἐς τάρταρον ἠερόεντα.
 ἐννέα γὰρ νύκτας τε καὶ ἤματα χάλκεος ἄκμων
 οὐρανόθεν κατιῶν, δεκάτη κ' ἐς γαῖαν ἵκοιτο:
 [ἴσον δ' αὖτ' ἀπὸ γῆς ἐς τάρταρον ἠερόεντα:] 723a
 ἐννέα δ' αὖ νύκτας τε καὶ ἤματα χάλκεος ἄκμων
 725 ἐκ γαίης κατιῶν, δεκάτη κ' ἐς τάρταρον ἵκοι.
 τὸν πέρι χάλκεον ἔρκος ἐλήλαται: ἀμφὶ δέ μιν νύξ
 τριστοιχὶ κέχυται περὶ δειρήν: αὐτὰρ ὑπερθε
 γῆς ρίζαι πεφύασι καὶ ἀτρυγέτοιο θαλάσσης.
 ἔνθα θεοὶ Τιτῆνες ὑπὸ ζόφῳ ἠερόεντι
 730 κεκρύφαται βουλῆσι Διὸς νεφεληγερέταο,
 χώρῳ ἐν εὐρώεντι, πελώρης ἔσχατα γαίης.
 τοῖς οὐκ ἐξιτόν ἐστι, θύρας δ' ἐπέθηκε Ποσειδέων
 χαλκείας, τεῖχος δ' ἐπελήλαται ἀμφοτέρωθεν.
 [ἔνθα Γύγης Κόττος τε καὶ Ὀβριάρεως μεγάθυμος
 735 ναίουσιν, φύλακες πιστοὶ Διὸς αἰγιόχοιο.
 ἔνθα δὲ γῆς δνοφερῆς καὶ ταρτάρου ἠερόεντος
 πόντου τ' ἀτρυγέτοιο καὶ οὐρανοῦ ἀστερόεντος
 ἐξείης πάντων πηγαὶ καὶ πείρατ' ἔασιν,
 ἀργαλέ' εὐρώεντα, τά τε στυγέουσι θεοὶ περ:
 740 χάσμα μέγ', οὐδέ κε πάντα τελεσφόρον εἰς ἐνιαυτὸν
 οὕδας ἵκοιτ', εἰ πρῶτα πυλέων ἔντοσθε γένοιτο,

ἀλλά κεν ἔνθα καὶ ἔνθα φέροι πρὸ θύελλα θυέλλης
ἀργαλέη: δεινὸν δὲ καὶ ἀθανάτοισι θεοῖσι.]

[τοῦτο τέρας: καὶ Νυκτὸς ἐρεμνῆς οἰκία δεινὰ

745 ἔστηκεν νεφέλης κεκαλυμμένα κυανέησι.]

τῶν πρόσθ' Ἴαπετοῖο πάϊς ἔχει οὐρανὸν εὐρὺν
ἔστηὼς κεφαλῇ τε καὶ ἀκαμάτησι χέρεσσιν

ἀστεμφέως, ὅθι Νύξ τε καὶ Ἡμέρη ἄσσον ἰοῦσαι
ἀλλήλας προσέειπον ἀμειβόμεναι μέγαν οὐδὸν

750 χάλκεον: ἦ μὲν ἔσω καταβήσεται, ἦ δὲ θύραζε
ἔρχεται, οὐδέ ποτ' ἀμφοτέρας δόμος ἐντὸς ἐέργει,

ἀλλ' αἰεὶ ἐτέρη γε δόμων ἔκτοσθεν ἐοῦσα

γαῖαν ἐπιστρέφεται, ἦ δ' αὖ δόμου ἐντὸς ἐοῦσα

μίμνει τὴν αὐτῆς ὄρην ὁδοῦ, ἔστ' ἂν ἴκηται:

755 ἦ μὲν ἐπιχθονίοισι φάος πολυδερκές ἔχουσα,

ἦ δ' Ὑπνον μετὰ χερσὶ, κασίγητον Θανάτοιο,

Νύξ ὀλοή, νεφέλη κεκαλυμμένη ἠεροειδεῖ.

ἔνθα δὲ Νυκτὸς παῖδες ἐρεμνῆς οἰκί' ἔχουσιν,

Ὑπνος καὶ Θάνατος, δεινοὶ θεοί: οὐδέ ποτ' αὐτοῦς

760 Ἡέλιος φαέθων ἐπιδέρκεται ἀκτίνεσσιν

οὐρανὸν εἰσάνιων οὐδ' οὐρανόθεν καταβαίνων.

τῶν ἕτερος μὲν γῆν τε καὶ εὐρέα νῶτα θαλάσσης

ἥσυχος ἀνστρέφεται καὶ μείλιχος ἀνθρώποισι,

τοῦ δὲ σιδηρῆ μὲν κραδίη, χάλκεον δὲ οἱ ἦτορ

765 νηλεές ἐν στήθεσσιν: ἔχει δ' ὄν πρῶτα λάβησιν

ἀνθρώπων: ἐχθρὸς δὲ καὶ ἀθανάτοισι θεοῖσιν.

ἔνθα θεοῦ χθονίου πρόσθεν δόμοι ἠχήμεντες

[ἰφθίμου τ' Αἰδεω καὶ ἐπαινῆς Περσεφονείης]

ἔστᾱσιν, δεινὸς δὲ κύων προπάροιθε φυλάσσει,

770 νηλειῆς, τέχνην δὲ κακὴν ἔχει: ἐς μὲν ἰόντας

σαίνει ὁμῶς οὐρῇ τε καὶ οὔασιν ἀμφοτέροισιν,

ἐξελεθεῖν δ' οὐκ αὖτις ἐᾷ πάλιν, ἀλλὰ δοκεύων

ἔσθιει, ὄν κε λάβησι πυλέων ἔκτοσθεν ἰόντα.

[ἰφθίμου τ' Αἰδεω καὶ ἐπαινῆς Περσεφονείης.]

775 ἔνθα δὲ ναιετάει στυγερὴ θεὸς ἀθανάτοισι,

δεινὴ Στύξ, θυγάτηρ ἄψορρόου Ὠκεανοῖο
πρεσβυτάτη: νόσφιν δὲ θεῶν κλυτὰ δώματα ναίει
μακρῆσιν πέτρῃσι κατηρεφέ': ἀμφὶ δὲ πάντῃ
κίουσιν ἀργυρέοισι πρὸς οὐρανὸν ἐστήρικται.
780 παῦρα δὲ Θαύμαντος θυγάτηρ πόδας ὠκέα Ἴρις
ἀγγελίῃ πωλεῖται ἐπ' εὐρέα νῶτα θαλάσσης.
ὀππότε ἔρις καὶ νεῖκος ἐν ἀθανάτοισιν ὄρηται,
καὶ ῥ' ὅστις ψεύδεται Ὀλύμπια δώματ' ἐχόντων,
Ζεὺς δὲ τε Ἴριν ἔπεμψε θεῶν μέγαν ὄρκον ἐνεῖκαι
785 τηλόθεν ἐν χρυσέῃ προχόῳ πολυώνυμον ὕδωρ,
ψυχρόν, ὃ τ' ἐκ πέτρης καταλείβεται ἠλιβάτοιο
ὑψηλῆς: πολλὸν δὲ ὑπὸ χθονὸς εὐρυοδείης
ἐξ ἱεροῦ ποταμοῖο ῥέει διὰ νύκτα μέλαιναν:
Ὠκεανοῖο κέρας, δεκάτη δ' ἐπὶ μοῖρα δέδασται:
790 ἐννέα μὲν περὶ γῆν τε καὶ εὐρέα νῶτα θαλάσσης
δίνης ἀργυρέης εἰλιγμένος εἰς ἄλα πίπτει,
ἦ δὲ μί' ἐκ πέτρης προρέει μέγα πῆμα θεοῖσιν.
ὅς κεν τὴν ἐπίορκον ἀπολλείψας ἐπομόσση
ἀθανάτων οἱ ἔχουσι κάρη νιφόεντος Ὀλύμπου,
795 κεῖται νήυτμος τετελεσμένον εἰς ἐνιαυτόν:
οὐδέ ποτ' ἀμβροσίης καὶ νέκταρος ἔρχεται ἄσσον
βρώσιος, ἀλλὰ τε κεῖται ἀνάπνευστος καὶ ἀναυδος
στρωτοῖς ἐν λεχέεσσι, κακὸν δ' ἐπὶ κῶμα καλύπτει.
αὐτὰρ ἐπὶν νοῦσον τελέσει μέγαν εἰς ἐνιαυτόν,
800 ἄλλος γ' ἐξ ἄλλου δέχεται χαλεπώτερος ἄεθλος:
εἰνάετες δὲ θεῶν ἀπαμείρεται αἰὲν ἐόντων,
οὐδέ ποτ' ἐς βουλὴν ἐπιμίσγεται οὐδ' ἐπὶ δαΐτας
ἐννέα πάντα ἔτεα: δεκάτῳ δ' ἐπιμίσγεται αὖτις
εἰρέας ἀθανάτων οἱ Ὀλύμπια δώματ' ἔχουσι.
805 τοῖον ἄρ' ὄρκον ἔθεντο θεοὶ Στυγὸς ἄφθιτον ὕδωρ,
ὠγύγιον: τὸ δ' ἴησι καταστυφέλου διὰ χάρου.
ἐνθα δὲ γῆς δνοφερῆς καὶ ταρτάρου ἠερόεντος
πόντου τ' ἀτρυγέτοιο καὶ οὐρανοῦ ἀστερόεντος
ἐξείης πάντων πηγαὶ καὶ πείρατ' ἔασιν,

810 ἀργαλέ' εὐρώεντα, τά τε στυγέουσι θεοί περ.
 ἔνθα δὲ μαρμάρεαί τε πύλαι καὶ χάλκεος οὐδὸς,
 ἀστεμφὲς ῥίζησι διηνεκέεσσιν ἀρηρώς,
 αὐτοφυής: πρόσθεν δὲ θεῶν ἔκτοσθεν ἀπάντων
 Τιτῆνες ναίουσι, πέρην χάεος ζοφεροῖο.

815 αὐτὰρ ἐρισμαράγοιο Διὸς κλειτοὶ ἐπίκουροι
 δώματα ναιετάουσιν ἐπ' Ὠκεανοῖο θεμέθλοις,
 Κόττος τ' ἠδὲ Γύγης: Βριάρεών γε μὲν ἦν ἐόντα
 γαμβρόν ἐδὸν ποίησε βαρύκτυπος Ἐννοσίγαιος,
 δῶκε δὲ Κυμοπόλειαν ὀπυίειν, θυγατέρα ἦν.

820 αὐτὰρ ἐπεὶ Τιτῆνας ἀπ' οὐρανοῦ ἐξέλασεν Ζεὺς,
 ὀπλότατον τέκε παῖδα Τυφωέα Γαῖα πελώρη
 Ταρτάρου ἐν φιλότητι διὰ χρυσῆν Ἀφροδίτην:
 οὗ χεῖρες μὲν ἔασιν ἐπ' ἰσχύι ἔργματ' ἔχουσαι,
 καὶ πόδες ἀκάματοι κρατεροῦ θεοῦ: ἐκ δὲ οἱ ὤμων

825 ἦν ἑκατὸν κεφαλαὶ ὄφις δεινοῖο δράκοντος,
 γλώσσησιν δνοφερῆσι λελιχμότες: ἐν δὲ οἱ ὄσσε
 θεσπεσίης κεφαλῆσιν ὑπ' ὀφρύσι πῦρ ἀμάρυσσεν:
 [πασέων δ' ἐκ κεφαλέων πῦρ καίετο δερκομένοιο·]
 φωναὶ δ' ἐν πάσῃσιν ἔσαν δεινῆς κεφαλῆσι,

830 παντοίην ὅπ' ἰεῖσαι ἀθέσφατον: ἄλλοτε μὲν γὰρ
 φθέγγονθ' ὥσ τε θεοῖσι συνιέμεν, ἄλλοτε δ' αὔτε
 ταύρου ἐριβρύχεω μένος ἀσχέτου ὄσσαν ἀγαύρου,
 ἄλλοτε δ' αὔτε λέοντος ἀναιδέα θυμὸν ἔχοντος,
 ἄλλοτε δ' αὔτε σκυλάκεσσιν ἐοικότα, θαύματ' ἀκοῦσαι,

835 ἄλλοτε δ' αὔτε ῥοίζεσχ', ὑπὸ δ' ἤχεεν οὔρεα μακρά.
 καὶ νῦ κεν ἔπλετο ἔργον ἀμήχανον ἥματι κείνῳ,
 καὶ κεν ὃ γε θνητοῖσι καὶ ἀθανάτοισιν ἀναξεν,
 εἰ μὴ ἄρ' ὄξυ νόησε πατήρ ἀνδρῶν τε θεῶν τε:
 σκληρόν δ' ἐβρόντησε καὶ ὄβριμον, ἀμφὶ δὲ γαῖα

840 σμερδαλέον κονάβησε καὶ οὐρανὸς εὐρύς ὑπερθε
 πόντος τ' Ὠκεανοῦ τε ῥοαὶ καὶ τάρταρα γαίης.
 ποσσὶ δ' ὑπ' ἀθανάτοισι μέγας πελεμίζετ' Ὀλυμπος
 ὀρρυμένοιο ἄνακτος: ἐπεστενάχιζε δὲ γαῖα.

αἰ δ' αὖ καὶ κατὰ γαῖαν ἀπείριτον ἀνθεμόεσσαν
 ἔργ' ἔρατὰ φθείρουσι χαμαιγενέων ἀνθρώπων,
 880 πιμπλεῖσαι κόνιός τε καὶ ἀργαλέου κολοσυρτοῦ.
 αὐτὰρ ἐπεὶ ῥα πόνον μάκαρες θεοὶ ἐξετέλεσσαν,
 Τιτήνεσσι δὲ τιμῶν κρίναντο βίηφι,
 δὴ ῥα τότε ὄτρυνον βασιλευμένῃ δὲ ἀνάσσειν
 Γαίης φραδμοσύνησιν Ὀλύμπιον εὐρύοπα Ζῆν
 885 ἀθανάτων· ὃ δὲ τοῖσιν ἐὰς διεδάσσατο τιμᾶς.
 Ζεὺς δὲ θεῶν βασιλεὺς πρώτην ἄλοχον θέτο Μῆτιν,
 πλεῖστα θεῶν εἰδυῖαν ἰδὲ θνητῶν ἀνθρώπων.
 ἀλλ' ὅτε δὴ ἄρ' ἔμελλε θεὰν γλαυκῶπιν Ἀθήνην
 τέξεσθαι, τότε ἔπειτα δόλω φρένας ἐξαπατήσας
 890 αἰμυλίοισι λόγοισιν ἐὴν ἐσκάτθετο νηδύν,
 Γαίης φραδμοσύνησι καὶ Οὐρανοῦ ἀστερόεντος·
 τὼς γὰρ οἱ φρασάτην, ἵνα μὴ βασιληίδα τιμῆν
 ἄλλος ἔχοι Διὸς ἀντι θεῶν αἰεγενετάων.
 ἐκ γὰρ τῆς εἵμαρτο περίφρονα τέκνα γενέσθαι·
 895 πρώτην μὲν κούρην γλαυκῶπιδα Τριτογένειαν,
 ἴσον ἔχουσαν πατρὶ μένος καὶ ἐπίφρονα βουλήν,
 αὐτὰρ ἔπειτ' ἄρα παῖδα θεῶν βασιλῆα καὶ ἀνδρῶν
 ἤμελλεν τέξεσθαι, ὑπέρβιον ἦτορ ἔχοντα·
 ἀλλ' ἄρα μιν Ζεὺς πρόσθεν ἐὴν ἐσκάτθετο νηδύν,
 900 ὧς οἱ συμφράσσαιτο θεὰ ἀγαθόν τε κακόν τε.
 δεύτερον ἠγάγετο λιπαρὴν Θέμιν, ἣ τέκεν Ὠρας,
 Εὐνουμῖν τε Δίκην τε καὶ Εἰρήνην τεθαλυῖαν,
 αἰ τ' ἔργ' ὠρεύουσι καταθνητοῖσι βροτοῖσι,
 Μοίρας θ', ἧς πλείστην τιμὴν πόρε μητίετα Ζεὺς,
 905 Κλωθῶ τε Λάχεσιν τε καὶ Ἄτροπον, αἶ τε διδοῦσι
 θνητοῖς ἀνθρώποισιν ἔχειν ἀγαθόν τε κακόν τε.
 τρεῖς δὲ οἱ Εὐρυνόμη Χάριτας τέκε καλλιπαρήους,
 Ὠκεανοῦ κούρη πολυήρατον εἶδος ἔχουσα,
 Ἀγλαΐην τε καὶ Εὐφροσύνην Θαλίην τ' ἔρατεινήν·
 910 τῶν καὶ ἀπὸ βλεφάρων ἔρος εἶβετο δερκομενάων
 λυσιμελής· καλὸν δέ θ' ὑπ' ὀφρύσι δερκιδιώνται.

αὐτὰρ ὁ Δῆμητρος πολυφόρβης ἐς λέχος ἦλθεν:
 ἦ τέκε Περσεφόνην λευκώλενον, ἦν Αἰδωνεὺς
 ἦρπασεν ἧς παρὰ μητρός, ἔδωκε δὲ μητίετα Ζεὺς.
 915 Μνημοσύνης δ' ἐξαῦτις ἐράσσατο καλλικόμοιο,
 ἐξ ἧς οἱ Μοῦσαι χρυσάμπυκες ἐξεγένοντο
 ἐννέα, τῆσιν ἄδον θαλῖαι καὶ τέρψις ἀοιδῆς.
 Λητὼ δ' Ἀπόλλωνα καὶ Ἄρτεμιν ἰοχέαιραν
 ἱμερόεντα γόνον περὶ πάντων Οὐρανιῶνων
 920 γείνατ' ἄρ' αἰγιόχοιο Διὸς φιλότῃτι μιγεῖσα.
 λιοισθοτάτην δ' Ἥρην θαλερὴν ποιήσατ' ἄκοιτιν:
 ἦ δ' Ἥβην καὶ Ἄρηα καὶ Εἰλείθυιαν ἔτικτε
 μιχθεῖσ' ἐν φιλότῃτι θεῶν βασιλῆι καὶ ἀνδρῶν.
 αὐτὸς δ' ἐκ κεφαλῆς γλαυκώπιδα γείνατ' Ἀθήνην,
 925 δεινὴν ἐγρεκύδοιμον ἀγέστρατον ἀτρυτώνην,
 πότνιαν, ἧ κέλαδοί τε ἄδον πόλεμοί τε μάχαι τε:
 Ἥρη δ' Ἥφαιστον κλυτὸν οὐ φιλότῃτι μιγεῖσα
 γείνατο, καὶ ζαμένησε καὶ ἦρισε ᾧ παρακοίτη,
 ἐκ πάντων τέχνησι κεκασμένον Οὐρανιῶνων.
 930 ἐκ δ' Ἀμφιτρίτης καὶ ἐρικτύπου Ἐννοσιγαίου
 Τρίτων εὐρυβίης γένετο μέγας, ὅς τε θαλάσσης
 πυθμέν' ἔχων παρὰ μητρὶ φίλῃ καὶ πατρὶ ἄνακτι
 ναίει χρύσεια δῶ, δεινὸς θεός. αὐτὰρ Ἄρηι
 ῥινοτόρῳ Κυθέρεια Φόβον καὶ Δεῖμον ἔτικτε,
 935 δεινοῦς, οἳ τ' ἀνδρῶν πυκινὰς κλονέουσι φάλαγγας
 ἐν πολέμῳ κρυόεντι σὺν Ἄρηι πτολιπόρθῳ,
 Ἄρμονίην θ', ἦν Κάδμος ὑπέρθυμος θέτ' ἄκοιτιν.
 Ζηνὶ δ' ἄρ' Ἀτλαντὶς Μαίη τέκε κύδιμον Ἑρμῆν,
 κήρυκ' ἀθανάτων, ἱερὸν λέχος εἰσαναβᾶσα.
 940 Καδμηὶς δ' ἄρα οἱ Σεμέλη τέκε φαίδιμον υἱὸν
 μιχθεῖσ' ἐν φιλότῃτι, Διώνυσον πολυγηθέα,
 ἀθάνατον θνητῆ: νῦν δ' ἀμφοτέρωι θεοὶ εἰσιν.
 Ἀλκμήνῃ δ' ἄρ' ἔτικτε βίην Ἡρακληεῖν
 μιχθεῖσ' ἐν φιλότῃτι Διὸς νεφεληγερέταο.
 945 Ἀγλαίῃ δ' Ἥφαιστος ἀγακλυτὸς ἀμφιγυήεις

όπλοτάτην Χαρίτων θαλερὴν ποιήσατ' ἄκοιτιν.

χρυσοκόμης δὲ Διώνυσος ξανθὴν Ἀριάδην,
κούρην Μίνωος, θαλερὴν ποιήσατ' ἄκοιτιν:
τὴν δέ οἱ ἀθάνατον καὶ ἀγήρων θῆκε Κρονίων.

950 Ἦβην δ' Ἀλκμήνης καλλισφύρου ἄλκιμος υἱός,
Ἴς Ἡρακλῆος, τελέσας στονόεντας ἀέθλους,
παῖδα Διὸς μεγάλοιο καὶ Ἦρης χρυσοπεδίλου,
αἰδοίην θέτ' ἄκοιτιν ἐν Οὐλύμπῳ νιφόνετι:
ὄλβιος, ὃς μέγα ἔργον ἐν ἀθανάτοισιν ἀνύσσας
955 ναίει ἀπήμαντος καὶ ἀγήραος ἤματα πάντα.

Ἥελίῳ δ' ἀκάμαντι τέκεν κλυτὸς Ὀκεανίνη
Περσηὶς Κίρκην τε καὶ Αἰήτην βασιλῆα.
Αἰήτης δ' υἱὸς φαεσιμβρότου Ἥελίοιο
κούρην Ὀκεανοῖο τελήεντος ποταμοῖο
960 γῆμε θεῶν βουλῆσι, Ἴδυϊαν καλλιπάρηον:
ἦ δὴ οἱ Μῆδειαν εὐσφυρον ἐν φιλότῃ
γεῖναθ' ὑποδηθεῖσα διὰ χρυσέην Ἀφροδίτην.

ὕμεῖς μὲν νῦν χαίρετ', Ὀλύμπια δώματ' ἔχοντες,
νῆσοί τ' ἠπειροὶ τε καὶ ἄλμυρὸς ἐνδοθι πόντος:
965 νῦν δὲ θεάων φύλον ἀείσατε, ἠδυέπειαι
Μοῦσαι Ὀλυμπιάδες, κοῦραι Διὸς αἰγιόχοιο,
ὄσσα δὴ θνητοῖσι παρ' ἀνδράσιν εὐνηθεῖσαι
ἀθάναται γείναντο θεοῖς ἐπιείκελα τέκνα.

Δημήτηρ μὲν Πλοῦτον ἐγείνατο διὰ θεάων,
970 Ἰασίῳ ἥρωι μιγεῖσ' ἐρατῇ φιλότῃ
νειῶ ἐνι τριπόλῳ, Κρήτης ἐν πίονι δήμῳ,
ἐσθλόν, ὃς εἶσ' ἐπὶ γῆν τε καὶ εὐρέα νῶτα θαλάσσης
πᾶσαν: τῷ δὲ τυχόντι καὶ οὐκ' ἐς χεῖρας ἵκηται,
τὸν δ' ἀφνειὸν ἔθηκε, πολὺν δέ οἱ ὄπασεν ὄλβον.

975 Κάδμῳ δ' Ἀρμονίῃ, θυγάτηρ χρυσέης Ἀφροδίτης,
Ἴνῳ καὶ Σεμέλῃ καὶ Ἀγαθῇ καλλιπάρηον
Αὐτονόῃ θ', ἣν γῆμεν Ἀρισταῖος βαθυχαίτης,
γεῖνατο καὶ Πολύδωρον εὐστεφάνῳ ἐνὶ Θήβῃ.
κούρῃ δ' Ὀκεανοῦ, Χρυσάορι καρτεροθύμῳ

- 980 μιχθεῖς ἐν φιλότητι πολυχρύσου Ἀφροδίτης,
 Καλλιρόη τέκε παῖδα βροτῶν κάρτιστον ἀπάντων,
 Γηρυονέα, τὸν κτεῖνε βίη Ἡρακληεῖη
 βοῶν ἔνεκ' εἰλιπόδων ἀμφιρρύτω εἰν Ἐρυθείη.
 Τιθωνῶ δ' Ἡὼς τέκε Μέμνονα χαλκοκορυστήν,
- 985 Αἰθιοπῶν βασιλῆα, καὶ Ἡμαθίωνα ἄνακτα.
 αὐτὰρ τοι Κεφάλῳ φιλύσατο φαίδιμον υἱόν,
 ἴφθιμον Φαέθοντα, θεοῖς ἐπιείκελον ἄνδρα:
 τὸν ῥα νέον τέρεν ἄνθος ἔχοντ' ἐρικυδέος ἥβης
 παῖδ' ἀταλὰ φρονέοντα φιλομμειδῆς Ἀφροδίτη
- 990 ὄρτ' ἀνερειψαμένη, καὶ μιν ζαθέοις ἐνὶ νηοῖς
 νηοπόλον μύχιον ποιήσατο, δαίμονα δῖον.
 κούρην δ' Αἰήταο διοτρεφέος βασιλῆος
 Αἰσονίδης βουλῆσι θεῶν αἰειγενετῶν
 ἦγε παρ' Αἰήτεω, τελέσας στονόεντας ἀέθλους,
- 995 τοὺς πολλοὺς ἐπέτελλε μέγας βασιλεὺς ὑπερήνωρ,
 ὕβριστῆς Πελῆης καὶ ἀτάσθαλος, ὄβριμοεργός:
 τοὺς τελέσας ἐς Ἴωλκὸν ἀφίκετο πολλὰ μογήσας
 ὠκείης ἐπὶ νηὸς ἄγων ἐλικώπιδα κούρην
 Αἰσονίδης, καὶ μιν θαλερὴν ποιήσατ' ἄκοιτιν.
- 1000 καὶ ῥ' ἦ γε δμηθεῖς ὑπ' Ἰήσωνι, ποιμένι λαῶν
 Μῆδειον τέκε παῖδα, τὸν οὔρεσιν ἔτρεφε Χείρων
 Φιλυρίδης: μεγάλου δὲ Διὸς νόος ἐξετελεῖτο.
 αὐτὰρ Νηρηῖος κοῦραι ἀλίοιο γέροντος,
 ἦτοι μὲν Φῶκον Ψαμάθη τέκε διὰ θεάων
- 1005 Αἰακοῦ ἐν φιλότητι διὰ χρυσέην Ἀφροδίτην:
 Πηλείδῃ δὲ δμηθεῖσα θεὰ Θέτις ἀργυρόπεζα
 γείνατ' Ἀχιλλῆα ῥηξήνορα θυμολέοντα.
 Αἰνεΐαν δ' ἄρ' ἔτικτεν εὐστέφανος Κυθήρεια,
 Ἀγχίση ἦρωι μιγεῖς ἑρατῇ φιλότητι
- 1010 Ἴδης ἐν κορυφῆσι πολυπτύχου ὕλησσης.
 Κίρκη δ' Ἡελίου θυγάτηρ Ὑπεριονίδαο
 γείνατ' Ὀδυσσεύος ταλασίφρονος ἐν φιλότητι
 Ἄγριον ἠδὲ Λατῖνον ἀμύμονά τε κρατερόν τε:

[Τηλέγονον δ' ἄρ' ἔτικτε διὰ χρυσέην Ἀφροδίτην:]

1015 οἱ δὴ τοι μάλα τῆλε μυχῷ νήσων ἱεράων
πᾶσιν Τυρσηνοῖσιν ἀγακλειτοῖσιν ἄνασσον.

Ναυσίθοον δ' Ὀδυσῆι Καλυψὼ δῖα θεάων
γείνατο Ναυσινόον τε μιγεῖσ' ἐρατῇ φιλότητι.

αὔται μὲν θνητοῖσι παρ' ἀνδράσιν εὐνηθεῖσαι

1020 ἀθάναται γείναντο θεοῖς ἐπιείκελα τέκνα.

[νῦν δὲ γυναικῶν φύλον ἀείσατε, ἠδυέπειαι
Μοῦσαι Ὀλυμπιάδες, κοῦραι Διὸς αἰγιόχοιο.]

3- THEOGONIA

Das Musas Helikoníades principiemos o canto!

Hino às Musas

Elas possuem o Hélikon, monte grandioso e divino,
e pelas voltas da fonte violácea com seus pés macios
dançam, e em torno do altar que é do altipossante Kroníon.

- 5 Tendo banhado seus corpos da pele mais tenra ao Permessos,
ou lá na fonte Hippokrene ou lá pelo Olmeio divino,
fazem na alta cimeira do Hélikon danças em coro,
belas, incitam desejo, fluentes com pés irrompendo!

- Logo daí despenhando, ocultas em muita neblina,
10 vão noite adentro alinhadas, lindíssimo som espalhando:
louvam o egífero Zeus com seus hinos, e Hera senhora
de Argos, ela que avança com suas sandálias douradas;
moça do egífero Zeus, a olho-de-glauca, Athena,
Phebo Apollo, radiante, com Ártemis flechivertente;
15 tanto Posêidon sustento-da-terra, o deus treme-terra,
como Aphrodite pálpebra-lépida e Thêmis louvável;
Hebe coroa-dourada e ainda a linda Dione,
Leto e Jápeto ainda, e Krono astúcia-recurva;
Éos e Hélio grandioso, bem como a lampeante Selene,
20 Gaia e Oceano grandioso, assim como Nyx obscura
e dos demais imortais sempre entes a raça sagrada.

Elas um dia a Hesíodo belíssimo canto ensinaram
quando pasteava cordeiros nos baixos divinos do Hélikon.

Estas palavras primeiro de tudo disseram-me as deusas,

- 25 Musas Olympíades, moças do egífero Zeus:
“Rústicos pastoreadores, torpezas ruins, só barrigas,
muitas mentiras sabemos falar indistintas dos fatos;
quando queremos, sabemos também entoar as verdades”.

Isso disseram as moças de Zeus grandioso, eloquentes,

- 30 dando-me um cetro, um galho de altiviçoso loureiro
tendo-o colhido admirável, e assim me inspiraram divina
fala, pra glorificar o que ainda será e que já foi:

clamam que eu louve com hinos a raça feliz sempre ente
e que elas próprias primeiro e por último eu sempre cante.

35 Mas por que a mim essas coisas em torno da pedra ou carvalho?

Vem! Pelas Musas então principiemos, que para Zeus páter
cantam seus hinos e aprazem a mente grandiosa no Olympo
conforme dizem aquilo que é, o que será e que já foi:

vozes confluem, e delas fluindo a fala incansável,

40 tão deleitosa dos lábios, e ri-se o palácio do pai

Zeus altistrondo conforme das deusas a voz feita em lírio
corre dispersa, e ecoa a crista do Olympo nevado

com o palácio imortal. Ambrosíaco som espalhando,

raça louvável de deuses primeiro gloriam no canto

45 desde o princípio, os que Gaia e Urano abrangente geraram

bem como os deles nascidos, os deuses doadores de bens;

já por segundo ainda a Zeus pai de deuses e homens

louvam com hinos no início e então no desfecho do canto,

quanto é o mais bravo dos deuses e o mais grandioso em poder.

50 Inda a raça de humanos e a dos poderosos Gigantes

vão hineando e aprazem a mente de Zeus lá no Olympo,

Musas Olympíades, moças do egífero Zeus.

Quem as pariu na Piéria, unindo-se ao páter Kronida,
foi Mnemosyne, memória-guardiã na morrosa Eleuthera:

55 são esquecimento dos males, das preocupações são repouso.

Por nove noites unia-se a ela Zeus astucioso,

longe dos imortais, elevado ao leito sagrado.

Quando afinal fez um ano e em volta estações revolveram,
meses minguaram e muitos em volta os dias terminaram,

60 ela pariu nove moças de entranha concorde, que o canto

guardam no peito e possuem o ânimo livre de anseios,

próximas todas do topo mais alto do Olympo nevado:

brilham ali suas danças em coro e o lindo palácio.

Junto das Khárites, junto de Hímero, em festas possuem

65 casa, e assim, atraente dos lábios seu som espalhando,

elas celebram, e as leis e os modos cuidadosos de todos

os imortais glorificam, seu som atraente espalhando.

Elas seguiam então ao Olympo exultando em voz linda,
celebração ambrosíaca – grita a terra obscura

70 entre seus hinos; dos pés, atraente o estrondo irrompia
quando a seu pai elas iam, o mesmo que reina no céu
e que detém ele próprio o trovão e o raio abrasante,
tendo vencido em poder o pai Krono, e que bem cada coisa
aos imortais apontou como lei e indicou como honra.

75 Isso o que as Musas cantavam, possuintes do olímpio palácio,
elas que são nove filhas de Zeus grandioso nascidas:
Klio e Euterpe e Thaleia também e Melpômene ainda,
tanto Terpsíkhore, Érato então, e Polýmnia e Urânia,
como Kallíope, ela que está mais à frente de todas:

80 fato é que ela também acompanha os reis venerandos.
A todo aquele que honram as moças de Zeus grandioso
já o contemplando nascer, um dos reis nutridos-de-Zeus,
vertem a ele em cima da língua dulcíssimo orvalho
e pelos lábios lhe fluem de mel as palavras, e o povo
85 todo então o contempla e o vê definindo sentenças
com julgamentos diretos: seguro na ágora fala,
rápido vem perspicaz e até grande briga interrompe.

Eis a prudência entranhada nos reis, quando assim para o povo
na ágora ludibriado terminam as restaurações

90 bem facilmente, suadindo com suas suaves palavras.
Quando ele vai à assembleia, assim como a um deus propiciam
com reverência melíflua, distinto entre todos reunidos.
Tal é das Musas sagrada a dádiva para os humanos!

Sim, afinal pelas Musas e o longicerteiro Apollo

95 homens aedos existem na terra e também citaristas,
como por Zeus reis existem – mas próspero é todo o que as Musas
amam, e doce sua fala lhe vem a fluir pelos lábios.

Pois caso alguém leve angústia no ânimo em novos anseios,
e o coração se resseque com males, mas já um aedo
100 servo das Musas as glórias dos antepassados humanos

louve com hinos, e os deuses felizes possuintes do Olympo,
rápido esquece o entranhado tormento e nenhum dos anseios
lembra, pois já os desviaram tão logo os dotes das deusas.

Salve, ó prole de Zeus! Alegrai e dai canto e desejo!

105 Glórias à raça sagrada dos imortais sempre entes,
os que nasceram provindos de Gaia e de Urano estrelado
como os de Nyx tenebrosa e os que Ponto salgado nutriu.
Inda dissei como os deuses e a terra primeiro nasceram,
rios e o mar infinito também com seu ímpeto inflado,
110 astros também lampejantes e o céu abrangente por cima
bem como os deles nascidos, os deuses doadores de bens,
de que maneira ordenaram riquezas e as honras partiram,
como primeiro possuíram o pluridobrado Olympo.
Isso contai-me, ó Musas possuintes do olímpio palácio,
115 desde o princípio, dissei quem primeiro nasceu dentre eles.

Sim, atenção!, bem primeiro foi Khaos que nasceu, e em seguida
Gaia seio-abrangente, o assento sempre irresvalável
dos imortais que possuem a crista do Olympo nevado,
bem como Tártaro turvo, recessos do chão de amplas vias,
120 e Eros ainda, mais belo de todos os deuses eternos,
o solta-membros, de todos os deuses e todos humanos
doma a mente no peito e a sensata vontade entranhada.

Vindos de Khaos então Érebo e Nyx obscura nasceram;
vindos de Nyx por sua vez é que Éther e Hemera nasceram:
125 ela os pariu fecundada, com Érebo unida em amor.

Sim, então Gaia primeiro gerou como igual a si mesma
logo Urano estrelado, que em toda sua volta a cobrisse
pra ser aos deuses felizes assento sempre irresvalável;
altos os Óreas gerou, os abrigos graciosos das deusas
130 Nymphas, que vão afinal habitar esses montes frondosos;
inda pariu infecundo o pélagos de ímpeto inflado,
Ponto, apartada do amor desejoso; e deitou em seguida
junto de Urano e pariu Oceano fundos-rodeios,
Koio e Krio, Hypérion também, e Jápeto ainda,

Deuses Primordiais

135 Theia e Rheia, Thêmis também, Mnemosyne ainda,
Phebe coroa-dourada, e amável então pariu Téthys –
e o bem-armado caçula, Krono astúcia-recurva,
a mais temível das crias, e odiou o genitor vicejante.

Cýklopes inda gerou, de soberbo-brutal coração:

140 Brontes troante e Estéropes e Arges potente-animoso,
eles que a Zeus o trovão concederam e o raio forjaram;
sim, atenção!, pois no resto eles eram semelhantes aos deuses,
mas repousava sozinho seu olho no meio da face:

Cýklopes eram por nome epônimo, visto que deles

145 cíclico apenas um olho tão só repousava na face –
mas força bruta e vigor com engenho iam sobre suas obras.

Outros ainda provindos de Gaia e de Urano nasceram,
três crias grandes, potentes, que não devem ser nomeadas:

Kotto e Briareu e então Gyges, a prole ilustrada soberba.

150 Uma centena de braços rompia a partir de seus ombros,
inabordáveis, cinquenta cabeças em cada um deles
desde seus ombros brotavam por cima dos membros maciços:
tão poderoso imenso vigor sobre a forma grandiosa.

Fato é que quantos provindos de Gaia e de Urano nasceram,

A Castração Celestial

155 as mais terríveis das crias, por seu genitor são odiados
desde o princípio, e assim que algum deles já fosse nascendo,
encavernava-os todos, e à luz não deixava subirem,
na cavidade de Gaia: gozava a maligna obra

nisso Urano. Por dentro gemia então Gaia portenta

160 abarrotada, e tramou ardilosa e maligna arte:

rápida faz a matéria adamântea do aço grisalho,

grande podão prepara e indica pras crias adoradas.

Diz-lhes ousada e ferida no seu coração adorado:

“Crias de mim e do pai insolente, se logo quiserdes

165 obedecer, vingaremos o ultraje maligno do vosso

pai, já que ele primeiro tramou indigníssimas obras”.

Isso falou, e o temor totalmente os retém, nenhum deles
se pronuncia – mas já o grande Krono astúcia-recurva

ousa de volta abordar com palavras a mãe cuidadosa:

170 “Mãe, tal promessa eu mesmo faria e assim cumpriria
esse trabalho, pois não considero o nosso nefando
pai, já que ele primeiro tramou indigníssimas obras!”

Isso falou, e entranhou grande júbilo Gaia portenta.

Encavernado em tocaia o assenta, nas mãos lhe coloca
175 foice dentada, e assim lhe propõe todo o dolo ardiloso.

Vem grande Urano trazendo a noite, e em torno de Gaia
já desejoso de amor sobreleva-se e logo se alonga

todo, e assim da tocaia sua cria o alcança com a mão
sestra, e então com a destra agarra sua foice portenta,

180 longa e dentada, e pênis e planos do pai adorado

ceifa com fúria e os lança pra trás para serem levados

costas afora – porém nada em vão escapou de sua mão,

pois quantas gotas dali despacharam vermelhas de sangue,

todas as recebeu Gaia, e quando giraram os anos,

185 as poderosas Erínyas gerou e os grandiosos Gigantes

em armações lampejantes, detendo nas mãos longas lanças;

inda as chamadas Melíades, ninfas na terra infinita.

Logo que tem decepado o pênis com aço adamânteo,
do continente pra baixo o atira no mar pluriundoso:

190 cronicamente o levava o pélagos, e branca ao entorno

vinha irrompendo a espuma da carne imortal – e uma moça

nela criou-se, e assim da divina Cythera primeiro

se aproximou, e dali foi à Cypro circunfluída.

Dela é que sai a louvável belíssima deusa, e a relva

195 cresce em redor sob os pés tão esbeltos, e então Aphrodite,

espumogênita deusa e bem-coroadada Cythéria,

deuses e homens a chamam, porque nas espumas afróseas

ela criou-se; e Cythéria por ter alcançado Cythera,

e Cyprogênia, nascida na Cypro circundulosa;

200 e se chamou sorridente porque elucidou-se do gozo.

Acompanhada de Eros, seguida de Hímero belo,

logo ao nascer ela foi se reunir com a tribo dos deuses.

O Berço de Aphrodite

Esta é desde o princípio a honra que tem recebido
como sua parte entre os humanos e os deuses eternos:

205 tanto as conversas das virgens, sorrisos assim como enganos,
doce prazer com amor e afeição e melíflua ternura.

Mas quanto aos outros, o pai os chamou de Titãs por alcunha,
crias com quem grande Urano brigou, dele mesmo geradas:

diz que esticadas tateando fizeram a grande insolente
210 obra, porém que a vingança iria porvir pelas costas.

Nyx pariu Moro execrável assim como Ker obscura e
Thânato, e Hypno pariu, e pariu os Oniros em tribo;

A Prole Noturna

já em seguida foi Momo assim como Oizys dolorida:

214

sem se deitar com alguém os pariu deusa Nyx erebosa,

213

215 como às Hespérides, elas que além do glorioso Oceano
de áureas e belas maçãs são guardiãs, de frutíferas plantas.

Moiras e Keres ainda gerou, punitivo-inclementes –

Klotho, Lákthesis e Átropo, elas que para os mortais

logo que nascem lhes dão possuir o que é bom e o que é mau,

220 tal como as outras perseguem desvios dos homens e deuses:

nem vez alguma repousam as deusas de raiva terrível

té que elas deem seu castigo maligno pra aquele que erra.

E pariu Nêmesis, uma desgraça aos mortais morrediços,

Nyx ruínosa; e pariu depois disso Apaté e Philotes,

225 Geras ruínoso, e também pariu Éris forte-animosa.

Éris foi quem execrável pariu tanto Pono doído,

bem como Lethe e Limo, assim como os Álgeas chorosos;

tanto as Hysminas e as Makhas e Phonos e as Androktasias,

bem como os Nêiceas e Psêudeas e os Logos e as Amphillogias,

230 e Dysnomia e Até, que habituam-se uma com a outra,

e Horko, que muito de fato aos humanos sobreterrâneos

traz a desgraça no caso de alguém cometer um perjúrio.

Sem esquecimento e mentira, Nereu foi gerado por Ponto

As Nereidas

sendo a mais velha das crias, e ainda de ancião é chamado

235 por ser gentil e infalível, e assim de nenhuma sentença

ele se esquece, mas justas ideias gentis compreende.

Ponto também gerou grande Thaumante e o másculo Phórcys
tendo com Gaia se unido, e Ceto lindo-semblante,
bem como Eurýbia, que o ânimo tem entranhado adamânteo.

240 Foi de Nereu que nasceu numerosa a prole de deusas,
elas no mar infecundo, e de Dóris belos-cabelos,
ela que é moça de Oceano, do rio terminal-circulante:
tanto Prothó e Eukrante, Saó e Amphitrite ainda,
bem como Thétis e Eudora, Galene e Glauce ainda;
245 Cymothoé e a veloz Espeió e a amável Thalia,
Pasitheé, também Érato, Eunice também, braços-róseos;
e Melité graciosa, e Eulímene e Agave além disso,
Doto e Proto também, e Pherusa e Dynâmene ainda;
e Nesaié assim como Aktaié como Protomedeia,
250 Dóris também, Panopeia, e formosa também Galateia;
e Hippothoé amável, e Hipponoé braços-róseos,
Cymodocé além disso, que as ondas no mar enturvado,
junto aos sopros dos ventos borrascos, com Cymatolege
fácil abranda, e com Amphitrite belas-canelas;
255 tanto Cymó, Eioné, e a bem-coroadada Halimede,
Glaukonomé sorridente, assim como Pontoporeia,
como Leiágore assim como Evágore e Laomedeia;
Polynoé além disso, e Autonoé e Lysianassa,
inda Evarne, de amável feição, a de forma impecável;
260 e Psamathé graciosa de corpo e a diva Menippe,
Neso e Eupompe também, e também Pronoé e Themisto
e Nemertés, infalível: do pai imortal tem a mente.
Essas provindas então de Nereu impecável nasceram,
cinquenta moças, e são impecáveis as obras que sabem.

265 Já por Thaumante a filha do fundifluente Oceano
foi desposada, Elektra: pariu ligeiríssima Íris,
e as Harpyias belos-cabelos, Aello e Ocýpete –
sim, elas seguem os sopros dos ventos e as aves rapinas,
asas ligeiras nos ares, se impelem no encalço do tempo!
270 Ceto pariu para Phórcys as Graias lindo-semblante,

A Raça dos Monstros

desde nascidas grisalhas, e certo chamaram-nas velhas
tanto os deuses eternos e humanos vagantes do solo:
peplo-benfeito Pempredo e Ênyo peplo-açafrão;
Górgonas inda, que habitam além do glorioso Oceano,
275 lá pros extremos de Nyx, com Hespérides clarivozeantes:
Esthenno, Eurýale e Medusa, por lúgubre fado exclusiva:
era mortal, sendo as outras porém imortais sem velhice –
só junto dela é que o Cyanokhaités, cabeleira-azulada,
suave na grama molhada, deitara entre flores vernais.
280 E quando dela a cabeça Perseu despescoça no corte
surgem o grande Khrysáor e Pégaso ainda, o cavalo.
Nascem epônimos: um entre as fontes do pego de Oceano,
o outro com crócea e áurea espada entre as mãos adoradas –
um sai voando e abandona a terra, a mãe dos rebanhos,
285 vai encontrar imortais, e o palácio de Zeus ele habita,
é portador de trovão e relâmpago a Zeus astucioso;
quanto a Khrysáor, gerou o tricéfalo Geryoneu,
uno com Kallirroé, com a moça de Oceano glorioso,
e ele é que foi exterminado por força brutal heracleia
290 junto dos bois rola-pé lá na circunfluída Erytheia,
no mesmo dia em que foram tocados seus bois de ampla fronte
lá pra Tirynto sagrada através da vereda de Oceano,
Ortho também sendo morto com Eurytião boiadeiro
lá no estábulo turvo, além do glorioso Oceano.
295 Ela pariu implacável outro portento semelhante
nem aos humanos mortais e nem mesmo aos deuses eternos,
em cava gruta: a forte-entranhada divina Ekhidna.
Meia é ninfa de lépidos olhos e lindo semblante,
meia porém é portenta serpente grandiosa e terrível,
300 crua cambiante carnívora funda na terra divina.
Ela ali tem sua gruta, embaixo da côncava pedra,
longe dos deuses eternos, também dos humanos mortais –
deuses ali que lhe deram glorioso palácio habitar.
E sob o chão se retém nos Arimos a lúgubre Ekhidna,

305 ela que é ninfa imortal sem velhice por todos os dias.
Dizem ainda que a ela Typhão em amor foi unir-se,
ímpio, perverso, terrível pra moça de lépidos olhos.
Foi fecundada e pariu uma prole forte-entranhada:
Ortho primeiro, o cão que gerou para Geryoneu;
310 já por segundo pariu implacável alguém indizível,
Cérbero cruento carnívoro, do Hades o bronzivozeante,
o quinquicéfalo, cão de impiedades tal qual poderoso;
e por terceiro gerou então Hydra, do lúgubre sábia:
Lerna foi onde a nutriu deusa Hera cândidos-braços,
315 cheia de imenso rancor contra a força brutal heracleia,
e ela é que o filho de Zeus aniquila com bronze inclemente,
o Amphitryonida, unido a Iolau adorado-de-Ares –
Hérakles, pelo desígnio de Athena guiadora-da-tropa.

E ela pariu a Khimera, que sopra indomável fogueira,
320 grande, terrível, também pé-ligeiro, também poderosa.
Dela são três as cabeças: leão de olho rútilo numa,
noutra uma cabra e noutra serpente, dragão poderoso –
frente um leão e atrás um dragão e no meio uma cabra:
sopra terrível pra fora o furor da fogueira esbraseante.
325 Foi apanhada por Pégaso e Bellerophontes valente.

E ela foi quem pariu Phix ruinosa, aos Kadmeus a ruína,
subjugada por Ortho, e ainda o Leão de Nemeia:
este foi Hera a nutri-lo, famosa esposa de Zeus,
e o abrigou na morrosa Nemeia, desgraça aos humanos.
330 Sim, ele ali residindo danava as tribos humanas
assenhoreado do Treto em Nemeia e também do Apesanto –
mas foi domado na fibra da força brutal heracleia.

Ceto em amor junto a Phórcys pariu bem-armada caçula,
uma terrível serpente, que ao fundo da terra erebosa
335 lá pelos grandes confins as maçãs pandouradas protege.
Essa é de Ceto unida com Phórcys a raça provinda.

Téthys pariu para Oceano os Pótamos rodopiantes:
tanto Nilo e Alpheu, e Eridano fundos-rodeios,

A Prole Oceânica

bem como Estrýmon, Meandro e Istro, o belifluente;
340 Phásis e Rheso também, e Akheloo rodeio-de-prata,
Nesso e Rhódio também, e Haliákmon e ainda Heptaporo;
Grâniko assim como Esepo e então divinal Simoente,
tanto Peneu como Hermo, e Kaiko, o benifluente;
grande Sangário e Ládon também e Parthênio ainda,
345 bem como Eveno e Aldesko, e então divinal Eskamandro.

Raça sagrada das Koras pariu: são as moças que em terra
tornam os moços em homens, e assim com Apollo senhor
e com os Pótamos essa é a parte por Zeus que possuem
tanto Peithó e Admete assim como Janthe e Elektra,
350 bem como Dóris e Prymno, e Urânia formidivina;
Hippo e Klýmene ainda, Rhodeia e Kallirroé,
Zeuxo e Klýtia ainda, Idyia e Pasithoé;
e Galaxaura, Plexaura também, e amável Dione,
e Melobósis, Thoé e também Polydora formosa;
355 olhos-bovinos Plutó e Cerceida de amável feição,
inda Perseida, Janeira, e Akaste e Xanthe então;
tanto a amável Petraia, Menestho também e Europa,
Métis e Eurýnome então, e Telesto peplo-açafrão;
tanto Khryseida e Ásia, e a tão desejável Kalypso,
360 bem como Eudora e Tykhé, como Amphiro e Ocyrróé –
bem como Estyge, aquela que está mais à frente de todas.

Essas, portanto, provindas de Oceano e de Téthys nasceram,
moças mais velhas – mas outras de fato existem, e muitas:
três vezes mil Oceaninas de esguias canelas existem,
365 elas que pluridispersas a terra e as águas profundas
tudo igualmente percorrem, esplêndida prole de deusas!
Tantos também são os outros, os rios ressonantes fluentes,
filhos de Oceano que foram gerados por Téthys senhora:
todos seus nomes ao homem mortal é penoso dizê-los,
370 mas cada um os conhece de quantos habitem suas voltas.

Theia pariu então Hélio grandioso e lampeante Selene,
e Éos também, que se ilustra a todos os sobreterrâneos

A Prole dos Titãs

tal como aos deuses eternos que o céu abrangente possuem –
ela os gerou após ser subjugada em amor por Hypérion.

375 Tendo-se unido com Krio em amor foi que Eurýbia pariu,
diva no meio de deusas, o grande Astreu e Pallante,
bem como Perses, distinto de todos na sabedoria.
Já com Astreu então Éos gerou ventos forte-animosos:
Zéphyro clarificante e Bóreas rápida-viagem,
380 bem como Noto, do amor com que a deusa e o deus se deitaram;
já o astro Heósphoro, a cedo-nascente Erigênia pariu-o
logo após eles, e os astros lampeantes que o céu coroaram.

Filha de Oceano, Estyge pariu quando unida a Pallante
Zelo e Nice lindas-canelas nos próprios salões;
385 Krato e Bia ainda gerou como prole notável:
deles nem casa há longe de Zeus nem assento que seja,
nem há caminho por onde não vá conduzi-los o deus,
mas sempre perto de Zeus gravistrondo eles vão assentar-se.
Foi decidido assim por Estyge, perene oceanina,
390 no mesmo dia em que o próprio Olímpico relampejante
todos os deuses eternos chamou para o alto do Olympo:
ele então disse que ao deus que consigo os Titãs batalhasse
não negaria mercês, e que cada um dos deuses a honra
possuiria como antes entre os deuses eternos;
395 e declarou que aquele sem honra ou mercês sob Krono
honra e mercês galgaria, como é afinal a sentença.
Fato é que veio primeiro Estyge perene ao Olympo
junto das próprias crias, por planos do pai adorado.
Zeus então a honrou e lhe deu magníficos dotes:
400 tanto ela própria foi posta pra ser grande jura dos deuses
como por todos os dias suas crias com ele habitantes.
Tal como foi prometido a todos, assim por inteiro
cumpre ele mesmo e detém grandemente o poder e é senhor.

Phebe com Koio se foi para a pluriamorável alcova,
405 e essa deusa então pelo deus em amor fecundada,
Leto peplo-azulado, melífica sempre, gerou:

Hino a Hékate

ela é gentil aos humanos assim como aos deuses eternos,
 desde o princípio melífica, sempre a mais branda no Olympo.
 Inda gerou de bom nome Astéria, que Perses outrora
 410 trouxe ao seu grande palácio a chamá-la de esposa adorada:
 foi fecundada e afinal pariu Hékate, a quem sobre todos
 Zeus, o Kronida, honrou: concedeu como esplêndidos dotes
 que possuísse sua parte da terra e do mar infecundo;
 e ela do céu estrelado ainda partilha da honra,
 415 e pelos deuses eternos ainda é muitíssimo honrada;
 pois mesmo agora onde alguém dos sobreterrâneos humanos
 faz sacrifícios belos, propícios conforme o costume,
 Hékate é quem ele invoca, e a si sobrevém muita honra
 mui facilmente: propensa a deusa recebe suas preces,
 420 prosperidade confere, pois há poderio ao seu lado!
 Fato é que quantos provindos de Gaia e de Urano nasceram
 e obtiveram sua honra, de todos possui algum lote.
 Nem o Kronida a forçou muito menos privou-a de nada
 quanto ela mesma obteve dos deuses primevos Titãs,
 425 mas o possui como vem do princípio a primeira divisa;
 nem porque deusa unigênita menos partilha de honra
 e outras mercês na terra, no céu ou ainda nos mares,
 mas muito mais além disso, pois ela por Zeus é honrada.
 A quem quiser, ela vem grandemente ao seu lado em auxílio:
 430 no tribunal vai sentar-se ao lado dos reis venerandos, 434
 na ágora ela distingue no meio do povo quem queira; 430
 quando pra guerra homicida vão arrumar-se nas armas 431
 homens, ali vem a deusa ao lado ficar de quem queira: 432
 propensamente confere vitória e fama lhe estende. 433
 435 Nobre ela é aos cavaleiros, ao lado daqueles que queira; 439
 nobre ela é novamente quando homens competem nos jogos: 435
 já para eles ali vem a deusa ao seu lado em auxílio, 436
 e ele que vence afinal pela força e poder, belo prêmio 437
 fácil carrega alegrando, e dá aos genitores a fama. 438

440 E aos que trabalham lavrando o glauco tão turbulento,
preces a Hécate clamam, e ao Ennosigeu altistrondo,
fácil a deusa famosa confere suas pescas, e muitas –
fácil retira as lustrosas se acaso em seu ânimo queira.
Nobre no estábulo junto de Hermes o gado ela aumenta,
445 sejam as tropas de bois ou os largos rebanhos de cabras,
bandos de ovelhas lanosas se acaso em seu ânimo queira:
os que são poucos reforça, e os muitos também faz menores.
Sim, é assim que apesar de unigênita vinda da mãe,
entre todos os imortais com mercês é honrada.
450 Pelo Kronida é nutriz para os jovens, os quais depois dela
viram com olhos o lustre de Éos, a plurividente –
desde o princípio nutriz para os jovens, e tais são as honras!

O Lampejo de Zeus

Rheia domada por Krono pariu uma prole ilustre:
Héstia e Deméter assim como Hera sandália-dourada,
455 Hades veemente, que abaixo do chão seus palácios habita
com coração inclemente, e o Ennosigeu altistrondo –
nasce então Zeus astucioso, senhor pai de deuses e homens!
Dele o trovão sob o qual estremece o chão abrangente!
E os engolia porém grande Krono tão logo algum deles
460 vindos do ventre sagrado aos joelhos da mãe descendesse,
isto entranhado ao pensar: que nenhum excelente uranino,
outro também imortal, detivesse sua honra regente.
Fato é que tinha escutado de Gaia e de Urano estrelado
que era destino que fosse domado por umas das crias
465 sendo apesar poderoso (desígnios de Zeus grandioso!).
Ele por isso mantinha não cega vigia: na espreira,
logo engolia suas crias, com Rheia em angústia incessante.
Mas quando ela afinal a Zeus pai de deuses e homens
ia parir, foi até os genitores então adorados,
470 os dela própria, e rogou para Gaia e Urano estrelado
juntos usarem de astúcia, de modo que oculta parisse o
filho adorado e pagasse as Erínyas do pai e dos mesmos
filhos que outrora engoliu grande Krono astúcia-recurva.

Eles mui bem escutaram sua filha adorada e atenderam,
475 e lhe indicaram então o que iria ocorrer por destino
sobre Krono regente e o filho forte-animoso.

Logo a mandaram a Lykto, farta província de Kreta,
quando ela iria parir bem-armado seu filho caçula,
Zeus grandioso, que foi recebido por Gaia portenta
480 lá na Kreta abrangente, a fim de nutri-lo e criá-lo.

Vem o trazendo através da noite veloz obscura,
chega a Lykto primeiro, e o pega nas mãos e o esconde
dentro de um íngreme antro no fundo da terra divina,
lá sob o monte Egeu, recoberto por basto arvoredos.
485 Ao enfraldar grande rocha, assim para ele a entrega,
ao Uranida grandioso senhor, rei dos deuses primevos:
ele ao tomá-la nas mãos deposita afinal ventre abaixo,
tolo cruel!, sem notar nas entranhas que a si no futuro
em vez da rocha seu filho invicto e livre de anseios
490 ele deixava, que iria na força dos braços domá-lo,
logo da honra expulsá-lo, e ser o senhor dos eternos.

Muito depressa então furor e membros ilustres
para o senhor se alargavam, e assim sobrevindo-se um ano,
por sugestões pluriespertas de Gaia sendo enganado,
495 cospe a progênie afinal grande Krono astúcia-recurva
ao ser vencido por arte e força brutal de seu filho.
Ele primeiro vomita a rocha engolida por último,
e essa foi Zeus quem cravou-a de encontro no chão de amplas vias
lá na Pythó grandivina, pra baixo nos vãos do Parnasso,
500 como sinal ao porvir, um espanto aos mortais morrediços.
Inda livrou os irmãos de seu pai dos grilhões ruinosos,
os Uranidas, que o pai de insensatas entranhas prendera:
eles a ele lembrados da graça das boas ações
deram não só o trovão mas ainda o raio abrasante
505 com o relâmpago, antes por Gaia portenta enterrados:
neles confia, senhor dos mortais e também dos eternos.

Jápeto a moça de lindas canelas, a oceanina

O Mito de Prometheu

Klýmene, leva elevando ao leito comum desposada.
 Ela pra ele gerou filho Atlas, o forte-entranhado,
 510 sobreafamado Menécio pariu e também Prometheu
 múltiplo astuto-cambiante, e errôneo Epimetheu:
 desde o principio um mal para os homens granívoros ele,
 quando primeiro de Zeus aceitou a mulher modelada
 virgem. E quanto ao perverso Menécio foi Zeus ampla-voz
 515 quem para o Érebo abaixo jogou-o com raio fumoso,
 isso por sua insolência e viril presunção sobrearmada.
 Atlas o céu abrangente sustém sob aperto forçoso
 lá pela terra aos confins, com Hespérides clarivozeantes,
 posto de pé com cabeça e braços e mãos incansáveis:
 520 essa é sua parte afinal, atribuída por Zeus astucioso.
 E ele com peias prendeu Prometheu planimúltiplo ainda,
 com aflitivos grilhões num pilar pelo meio passados,
 e sobre ele incitou longialada uma águia, e seu fígado
 ela comia e crescia imortal todo igual pela noite
 525 quanto comesse de dia essa ave de Zeus longialada –
 e essa é que o filho audaz de Alkmena lindas-canelas,
 Hérakles, mata afinal, e da praga maligna defende
 Japetonida e o livra de seus entranhados tormentos,
 não contrariando então Zeus, o Olímpico altirregente,
 530 para que fosse a glória de Hérakles nato tebano
 inda maior do que antes na plurinutrífica terra.
 Ele assim reverente honrava seu filho notável:
 mesmo raivoso cessou o rancor que antes mesmo retinha
 pela discórdia aos desígnios do sobrefurioso Kroníon.
 535 Fato é que num acordo de deuses e humanos mortais
 lá em Mekone, propenso no ânimo grande bovino
 ele partiu e propôs, pra que a mente de Zeus enganasse:
 cá para um, as carnes e vísceras fartas com banha
 sobre as pelancas dispõe, escondidas no bucho bovino;
 540 lá para uns, ossos brancos do boi sob arte dolosa
 tendo arrumado, dispõe escondidos em límpida banha.

Eis que então lhe profere o pai de homens e deuses:

“Japetonida, notável entre todos senhores,
ó tenro meu, quão zeloso de um só dividiste as partes!”

545 Tal disse Zeus a zombar, entendido de planos perenes.

Já lhe profere a seguir Prometheu astúcia-recurva,
leve sorrindo e não esquecido da arte dolosa:

“Zeus, mais famoso, maior dentre os deuses sempre-viventes,
pega qualquer um dos dois que entranhado teu ânimo ordena!”

550 Disse entre dolo, e Zeus entendido de planos perenes
sem dessaber soube o dolo – mas viu em seu ânimo males
para os humanos mortais que iriam ainda cumprir-se.

Logo com ambas as mãos ele pega a branca gordura:
raiva por suas entranhas, rancor em seu ânimo surge!

555 Foi quando viu ossos brancos do boi sob arte dolosa.

Desde então aos eternos as tribos humanas na terra
fazem queimar ossos brancos em cima de altares fragrantos.

Grande no ódio já lhe profere Zeus junta-nuvem:

“Japetonida, de todos o mais entendido de planos,

560 ah, tenro meu, inda não esqueceste a arte dolosa!”

Tal disse Zeus a raivar, entendido de planos perenes.

Já depois disso e além, do rancor então sempre lembrado,
ele nos freixos não dava o furor incansável do fogo
para os humanos mortais, habitantes de cima da terra –

565 mas mesmo assim o enganou o bom filho de Jápeto logo:

rouba a longevisível clareza incansável do fogo
com uma férula oca, e morde-se no ânimo fundo
Zeus altitroante com raiva no seu coração adorado
vendo a longevisível clareza do fogo entre humanos.

570 Logo ele forja um mal aos humanos em troca do fogo:

plasma-o da terra o ambicoxo, o Amphigyeu muiglorioso,
feito uma virgem louvável, por ser do Kronida o desígnio.

Cinge-lhe adornos a deusa olho-de-glauca Athena:

alvas as vestes e um véu a descer pela sua cabeça

575 artificioso suspende com as mãos, um espanto vistoso!

Em seu redor folhas novas, coroas de flores da relva,
põe desejáveis rodeando sua crista então Pallas Athena;
em seu redor a dourada coroa lhe põe na cabeça,
essa que a fez ele próprio, o Amphigyeu muiglorioso,
580 tendo operado na palma das mãos, agraciando Zeus páter.
Nela forjou artifícios, e muitos, espanto vistoso!
Feras terríveis de quantas nutridas da terra e dos mares,
delas de fato pôs muitas, e a graça soprou sobre todas,
tão espantosas semelhantes às vivas possuintes de vozes.
585 Tendo forjado afinal belo mal em troca do bem,
leva até ali onde estavam os outros dos deuses e humanos:
vem exultante no adorno da patripotente Glaukópis,
toma de espanto os deuses eternos e humanos mortais,
eles aos verem o dolo implacável e árduo aos humanos.
590 Fato é que dela é a raça das afeminadas mulheres –
dela ruinosa é a raça, as tribos enfim das mulheres,
grande desgraça aos mortais elas mesmas que habitam com homens,
não da ruinosa pobreza parceiras, no entanto, do luxo.
Tal como quando em colmeias arqueadas então as abelhas
595 dão de comer aos zangões, companheiros de obras maldosas –
elas por todo o dia, até que o sol se mergulhe
todas diurnas se apressam e brancos os favos dispõem,
e eles esperam lá dentro, no abrigo de suas colmeias
amontoando o esforço alheio na própria barriga –
600 tanto também para os homens mortais como mal as mulheres
Zeus altitroante as impôs: vieram ser companheiras de obras
tão aflitivas – e deu outro mal em troca do bem:
ele que foge das núpcias e obras ruins das mulheres,
não se querendo casar, a ruinosa velhice ele atinge,
605 faltam cuidados ao velho; se sem carecer de sustento
vive, ao ter falecido seus víveres são divididos
por parentelas distantes; e a quem cabe a parte das núpcias
tendo uma esposa cuidosa e bem ajustada ao seu cerne,
desde bem cedo pra ele o mal contra o bem se abalança

610 constantemente; e aquele com uma de laia perversa
vive retendo no peito uma inquietação incessável,
no ânimo e no coração, e afinal esse mal é incurável.

Eis que pra Zeus não existe quem furte sua mente ou perpasse.

Nem mesmo o Japetonida, o remediador Prometheu,
615 pôde da raiva pesada livrar-se, e assim sob aperto
sendo apesar plurissábio por grande grilhão é retido.

A Obriareu, logo quando seu pai em seu ânimo odiou-o,
bem como a Kotto e a Gyges, prendeu em grilhão poderoso,
pasma com sua viril presunção sobrearmada e sua forma,
620 com sua grandeza, e então os meteu sob o chão de amplas vias.

Lá, detentores das dores, abaixo do chão habitando,
iam sentar-se aos extremos confins da terra grandiosa,
longos e muitos pesares, e em seu coração grande angústia.

Esses porém o Kronida e os outros deuses eternos,
625 natos de Rheia belos-cabelos amada por Krono,
pelos conselhos de Gaia de volta à luz os ergueram.
Fato é que ininterrupta contara-lhes tudo ela mesma,
que alcançariam com eles vitória e esplêndido triunfo –
pois se enfrentavam há muito com o ânimo em dor de labores,

630 uns contra os outros través de brutais poderosos combates, 631
tanto os deuses Titãs como quantos de Krono nasceram: 630
uns a partir das alturas do Óthrys, Titãs excelentes, 632
uns a partir do Olympo, os deuses doadores de bens,
natos de Rheia belos-cabelos deitada com Krono.

635 Uns contra os outros então, com seu ânimo em dor de batalha,
já batalhavam perpétuos ao longo de dez anos cheios:
nunca soltura nenhuma da dura discórdia nem término
de lado algum, e parelho estendia-se o termo da guerra.

Sim, porém quando ofertou para aqueles todos aprestos,
640 néctar e ainda ambrosia, que só os próprios deuses consomem,
junto do peito de todos o másculo ânimo inchou-se;
e ao ingerirem o néctar e ainda a atrativa ambrosia,
logo falou entre eles o pai de homens e deuses:

A Titanomaquia

“Vós, escutai-me!, de Gaia e Urano esplêndida prole,
645 para que eu diga as coisas que o ânimo ao peito me ordena.
Já longamente e muito, opondo-nos uns contra os outros,
pela vitória e poder enfrentamo-nos todos os dias
tanto os deuses Titãs como quantos de Krono nascemos.
Vós grandiosa a força brutal e intocáveis os braços
650 ide ilustrar aos Titãs, oponentes na lúgubre luta –
já vos lembrai desse amor amistoso e de quanto sofrestes,
como pra luz reascendestes do baixo grilhão excruciante
pelos desígnios nossos, dos baixos da treva turvada”.

Isso falou; sucedeu-lhe de pronto então Kotto impecável:

655 “Divo!, não é ignorado o que manifestas, e mesmo
nós bem sabemos que além tu discernes, além tu meditas;
contra a glacial maldição, protetor te tornaste aos eternos.
Por tuas entranhas sensatas, dos baixos da treva turvada
ora de volta outra vez de amelíferos baixos grilhões
660 viemos, ó filho de Krono e senhor, ao sofrer o imprevisto.
Já com a mente retesa, propensos no ânimo agora,
defenderemos o vosso poder no sinistro conflito
e enfrentaremos Titãs em brutais poderosos combates!”

Isso falou, e aclamaram os deuses doadores de bens

665 tendo escutado o discurso, e o ânimo ansiava por guerra
mais do que antes ainda: despertam infausta batalha
fêmeas assim como machos, todos ali nesse dia,
tanto os deuses Titãs como quantos de Krono nasceram,
e esses que do Érebo Zeus sob o chão lançou para a luz:
670 são poderosos, terríveis, brutal presunção sobrearmada!
Uma centena de braços rompia a partir de seus ombros,
tal para todos, cinquenta cabeças em cada um deles
desde seus ombros brotavam por cima dos membros maciços.

Eles então aos Titãs contrapõem-se na lúgubre luta,

675 íngremes pedras carregam sobre seus braços maciços.
Logo os Titãs do outro lado reforçam as suas falanges
propensamente, e ilustram suas obras de braço e bruteza

ambos: terrível ecoa no entorno o mar infinito,
grande a terra retumba e geme o céu abrangente
680 já sacudindo, e do pé vem vibrando o altíssimo Olympo
sob impulsões imortais, e o tremor gravemente atinge
Tártaro turvo, provindo dos pés, com o árduo somido
do indizível assalto com seus poderosos remessos.
Uns sobre os outros assim lançavam seus dardos gementes:
685 de ambas as partes a voz atingia o céu estrelado
feita em clamores ao irem de encontro com grande berreiro.
Nem mais instante então Zeus refreou seu furor, mas agora
desse furor as entranhas de pronto se enchem e toda
força brutal ele ilustra, e logo do céu e do Olympo
690 relampejante ele avança com marcha perpétua, e os raios
em profusão com trovão e relâmpago juntos revoam
vindos do braço maciço, revolvem a chama sagrada
raios espessos, e em volta retumba a vivífera terra,
queima, crepita grandioso em volta arvoredos indizíveis,
695 ferve todo o chão, também as fluências de Oceano,
mar infecundo também: são rodeados por quente mormaço
térreos Titãs, e a chama atinge o éter divino
tão indizível, e os priva dos olhos embora veementes
a cintilante clareza do raio e relâmpago juntos.
700 Queima divina se apossa do abysmo de Khaos, e parece
ao se enxergar com os olhos e ouvir tanto som com ouvidos
tal como quando de Gaia Urano abrangente por cima
se aproximava, pois tão grandioso o estrondo irrompia
dela tombada e dele de cima então se tombando –
705 tanto era o estrondo surgindo dos deuses de encontro em discórdia.
Juntos os ventos engrossam ainda o tremor e a poeira,
tanto o trovão e o relâmpago bem como o raio abrasante,
setas de Zeus grandioso, trazendo assim grito e bramido
ao meio de ambas as partes: imenso clangor irrompia
710 da pavorosa discórdia, poder ilustrava sua obra.

Logo a batalha se inclina, pois uns sobre os outros levavam

firme batalha através de brutais poderosos combates,
mas na primeira fileira despertam aguda batalha
Kotto, Briareu e então Gyges, o insaciável de guerra:

715 sim, eles mesmos trezentas as pedras dos braços maciços
mandam de um após outro, e assim com balaços sombreiam
logo os Titãs, e em seguida pra baixo do chão de amplas vias
eles os mandam, e então com grilhões aflitivos os prendem,
tendo-os vencido no braço, por sobreanimosos que fossem,
720 tanto pra baixo da terra quão longe o céu é da terra:
tanto é o espaço que vai desde a terra ao Tártaro turvo.

Por nove noites e dias se alguma bigorna de bronze
vem a cair desde o céu, só no décimo à terra ela chega;
mais uma vez, é igual desde a terra ao Tártaro turvo:
por nove noites e dias se alguma bigorna de bronze
725 vem a cair desde a terra, no décimo ao Tártaro chega.

Tártaro Desvelado

723a

Muro de bronze percorre sua volta, e a noite no entorno
tríplice vem derramar-se ao redor da garganta, e acima
vão germinando raízes da terra e do mar infecundo.
Deuses Titãs afinal são ali, sob a treva turvada,
730 encavernados pelo desígnio de Zeus junta-nuvem –
úmida e turva região nos extremos da terra portenta!
Não há saída pra eles: Posêidon impôs os portões
feitos de bronze, muralha percorre por ambos os lados;
logo ali Gyges e Kotto e o grandianimoso Obriareu
735 vão habitar, confiáveis guardiães do egífero Zeus.

Tanto da terra ali tenebrosa, do Tártaro turvo,
tanto do mar infecundo e ainda do céu estrelado
continuados estão os confins e as fontes de tudo,
úmidos tão aflitivos que até os próprios deuses execram.

740 Grande abertura abissal: nem ao término de um ano todo
atingiria o chão quem primeiro os portais adentrasse,
mas por ali e por ali furacão furacões o trariam
tão aflitivos, terrível também para os deuses eternos
esse prodígio – e as casas terríveis de Nyx erebosa

745 erguem-se ocultas em nuvens de caliginoso azulado.

Diante, a cria de Jápeto o céu abrangente sustenta
posto de pé com cabeça e braços e mãos incansáveis,
inabalável, por onde vêm próximas Nyx e Hemera
e uma saúda a outra cruzando o umbral grandioso

750 feito de bronze: pra dentro uma desce e a outra aos portões
vem, e sua casa jamais as retém ambas juntas lá dentro,
mas sempre alguma das duas, fora da casa ficando,
sobrerrodeia a terra, e a outra, na casa ficando,
espera a hora do próprio caminho até que ela chegue;

755 uma pros sobreterrâneos tem plurividente seu lustre,
outra nos braços tem Hypno, de Thânato o irmão procriado:
essa é Nyx ruínosa, oculta no turvo da nuvem.

Crias de Nyx erebosa ali suas casas possuem,
Hypno e Thânato, deuses terríveis, e nunca esses dois

760 Hélio luzente jamais sobrevê com seus raios brilhosos,
nem quando ao céu vai subindo, nem quando do céu vem descendo.

Um desses dois pela terra e ao dorso abrangente dos mares
calmo rodeia-se todo, melífico para os humanos;

outro, com ferro cardíaco, seu coração é de bronze

765 dentro do peito inclemente, pois logo retém quem for pego
dentre os humanos, odioso também para os deuses eternos.

Diante dali o telúrico deus tem a casa ecoante,
Hades veemente senhor com Perséphone terrificante:

ergue-se a casa, terrível o cão que na frente a protege,

770 cão inclemente, maligna arte possui: aos que entram,

ele igualmente balança seu rabo e as duas orelhas,

não permitindo que partam de volta, e assim, espreitando,

come afinal quem for pego a sair para além dos portais

de Hades veemente senhor e Perséphone terrificante.

775 Deusa habita ali, execrável estigma aos eternos:

Estyge terrível, a filha do rio refluyente Oceano,

sendo a mais velha, e habita sem deuses glorioso palácio:

arcos de altíssimas pedras o cobrem, e toda sua volta

tem prateadas colunas em rumo do céu afixadas –
780 e de Thaumante a filha, de pés ligeiríssimos Íris,
pouco ali vai anunciar pelo dorso abrangente dos mares:
quando a discórdia e a briga em meio aos eternos irrompem,
ou quando mente alguém possuinte do olímpio palácio,
Zeus manda Íris ali pra buscar grande jura dos deuses:
785 vinda de longe, num jarro dourado, plurínoma água;
fria, provindo da íngreme pedra derrama-se abaixo;
alta, e assim é que muito por baixo do chão de amplas vias
vem desde o rio sagrado fluir pela noite obscura –
ramo de Oceano, lhe foi dividida a décima parte:
790 nove nas voltas da terra e do dorso abrangente dos mares,
com seus rodeios de prata, girando no sal ele afunda;
ela proflui só da pedra, e é grande desgraça pros deuses.
Todo aquele que dela fizer libações com perjúrio,
dos imortais que possuem a crista do Olympo nevado,
795 jaz com seu fôlego nulo até que um ano termine,
nem da ambrosia nem mesmo do néctar então se aproxima
para comer, e jazendo sem fala e também sem respiro,
fica num leito estendido, e um coma maligno o encobre.
Quando termina a doença no grande final desse ano,
800 outra é a prova que segue daquela, e é bem mais penosa:
por nove anos então é afastado dos deuses sempre entes,
nem no conselho se une com eles nem mesmo em banquetes
por nove anos de todo; no décimo, se une de volta
nas reuniões imortais possuintes do olímpio palácio.
805 Tal juramento os deuses fizeram de Estyge perene,
água ogígia que pela região escarpada se lança.

Tanto da terra ali tenebrosa, do Tártaro turvo,
tanto do mar infecundo e ainda do céu estrelado
continuados estão os confins e as fontes de tudo,
810 úmidos tão aflitivos que até os próprios deuses execram.

Ficam ali os cintilantes portais e o umbral todo em bronze,
ininterruptas raízes regulam-nos inabaláveis,

autobrotados; e diante, distantes de todos os deuses,
vão habitar os Titãs, sob as trevas do abysmo de Khaos.

815 Já de Zeus altirretumbo depois os gloriosos aliados
vão habitar um palácio no fundo alicerce de Oceano,
Kotto com Gyges – porém Briareu, sendo bom ele mesmo,
foi por sua vez feito genro do Ennosigeu gravistrondo:
este lhe deu que casasse com Cymopoleia, sua filha.

820 Quando afinal os Titãs lá do céu são expulsos por Zeus,
nasce Typhheu, bem-armado caçula de Gaia portenta,
ela por Tártaro amada através da dourada Aphrodite:
braços que sobrevigoram nas obras por ele detidas,
pés incansáveis de deus poderoso, e então de seus ombros
825 vinham-lhe cem serpentinhas cabeças, terrível dragão,
línguas lambendo-se tão tenebrosas, e então de seus olhos
pelas divinas cabeças o fogo chispava pros cílios,
vindo de todas cabeças o fogo queimava da vista.

Vozes também existiam em todas terríveis cabeças,
830 tudo que é som inarráveis lançavam, pois ora de um lado
como pra um deus entender se expressavam, pois ora de outro
de um touro altiberrante indomável furor, som altivo;
ora também de leão, detentor de animosa impiedade,
ora também semelhava cãezinhos, espanto de ouvir-se,
835 ora também sibilava, e abaixo altos montes ecoavam.

E surgiria pra já uma obra implacável no dia,
e ele de fato aos mortais e aos eternos seria senhor
caso não fosse notá-lo o sagaz pai de homens e deuses:
duro troveja, potente, e então nos entornos a terra
840 vem retinir pavorosa e o céu abrangente por cima,
mar com os fluxos de Oceano e os tártaros todos da terra.
Já sob os pés imortais estremece grandioso o Olympo
com o senhor irrompendo, e geme a terra em retorno.
Queima abaixo de ambos retém todo o mar violáceo,
845 vem do trovão e relâmpago e fogo a partir do portento
desses tornados e ventos, do raio também chamejante.

A Tifonomaquia

Ferve todo o chão, e o céu e os mares ainda:
ímpeto em torno das praias, em volta do entorno altas ondas
sob impulsões imortais – imparável tremor irrompia!

850 Tanto amedrontam-se Hades, senhor dos defuntos abaixo,
como os Titãs subtartáreos que encontram-se em torno de Krono,
com o barulho imparável, com esse sinistro conflito.

Zeus logo após encristar seu furor agarrava suas armas,
tanto o trovão e o relâmpago bem como o raio abrasante:

855 ele o golpeia pulando do Olympo e em torno incendeia
todas divinas cabeças então do terrível portento.

Já quando o tem dominado no açoite de suas pancadas,
faz com que tombe aleijado – e geme a terra portenta.

Chama se vai despachando por esse senhor fulminado
860 entre os vales do monte escurente nas trilhas rugosas
junto com golpes, e muito se queima a terra portenta
com o mormaço divino: derrete-se tal como estanho
na arte dos homens robustos disposto em crisol perfurado
quando aquecido, ou ferro, que mais poderoso de todos
865 entre os vales do monte, domado por fogo queimante,
vai derretendo no chão divinal pelas palmas de Hephesto –
tal se derrete a terra com fogo abrasante na flama.

Lança-o, com o ânimo em males, ao Tártaro tão abrangente.

Vem de Typhéu o furor de outros ventos que sopram aquosos,
870 longe de Noto, de Bóreas e Zéphyro clarificante –
estes da raça de deuses provêm, aos mortais grande ajuda;
outras rajadas porém vão inúteis soprar sobre os mares:
elas de fato conforme caindo pro mar enturvado,
grande desgraça aos mortais, furacão impetuum maligno,
875 ora sopram diversas e assim é que as naus despedaçam,
nautas devastam assim, e não há contra o mal resistência
para esses homens que ao longo do mar se deparam com elas.

Inda são elas que ao longo da terra infinita e florida
obras amáveis devastam, de humanos nascidos no solo:
880 chegam com cheias de poeira, com conturbação aflitiva.

Já quando os deuses felizes então seu labor terminaram
e pros Titãs definiram as honras por meio da força,
logo de fato incitaram que fosse senhor e reinasse,
pelos conselhos de Gaia, o Olímpico Zeus ampla-voz
885 entre os demais imortais – e ele bem dividiu-lhes as honras.

Zeus rei dos deuses primeiro fez Métis parceira de leito,
ela a mais sapiente dos deuses e humanos mortais.

Mas quando ela a deusa olho-de-glauca Athena
ia parir, ele então enganou suas entranhas com dolo,
890 com sedutor palavreado, e a depositou ventre abaixo
pelos conselhos de Gaia e ainda de Urano estrelado –
isso indicaram a fim de que nunca a honra regente
outro tomasse de Zeus dentre os deuses sempre-viventes.

Dela o destino traria a prole de entranhas muissábias:

895 a Tritogênia primeiro, a moça dos olhos de glauca,
tal como o pai em furor e sensata vontade entranhada;
logo em seguida um filho, um rei aos humanos e deuses,
ela iria parir, de soberbo-brutal coração.

Zeus entretanto adiantou-se e a depositou ventre abaixo,
900 para que a deusa afinal lhe indicasse o que bom e o que é mau.

Leva em segundo então Thêmis brilhante, que as Horas pariu:
são Eunomia, Dicé e Irene também, vicejante,
elas que olham por onde laboram mortais morrediços;
e pariu Moiras, a quem maior honra deu Zeus astucioso:

905 Klotho, Lákthesis e Átropo, essas que logo concedem
para os humanos mortais possuir o que é bom e o que é mau.

Três lhe pariu Eurýnome Khárites lindo-semblante,
ela que é moça de Oceano e é pluriamorável nas formas:
nascem Aglaia, Euphrosyne e ainda a amável Thalia –
910 desde suas pálpebras pinga de Eros o amor, deslumbrantes,
o solta-membros: e sob seus cílios lindos deslumbres.

E ele também foi ao leito da pluricevante Deméter:
nasce Perséphone cândidos-braços, a quem Edoneu
veio a raptar de sua mãe – concedida por Zeus astucioso.

915 E ele ainda amou Mnemosyne lindos-cabelos:
dela afinal é que as Musas grinalda-dourada nasceram,
e se deleitam as nove com festa e prazeres do canto.

Leto então a Apollo com Ártemis flechivertente,
mais desejável progênie que todo e qualquer uranino,
920 veio a gerar quando uniu-se em amor ao o egífero Zeus.

E ele de Hera por último fez vicejante sua esposa:
ela pariu então Hebe e Ares e ainda Ilithyia,
tendo-se unido em amor com o rei dos homens e deuses.

E ele da própria cabeça gerou Athena Glaukópis,
925 ergue-tropel inexausta, terrível guiadora-da-hoste,
essa senhora deleitam barulhos, batalhas e guerras;
e Hera então o glorioso Hephesto em amor não unida
veio a gerar, pois ficou furiosa em discórdia ao esposo:
ele nas artes se excede de todo e qualquer uranino.

930 E por sua vez de Amphitrite e do Ennosigeu altistrondo
grande Tritão ampla-força nasceu, e a base dos mares
ele possui com seu pai senhoril e sua mãe adorada,
casa dourada ele habita, terrível o deus; já pra Ares
fura-couraça a Cythéria pariu então Phobo e Deimo –
935 ambos terríveis, aturdem robustas falanges de homens
quando na gélida guerra com Ares devasta-cidade –
e Harmonia, que Kadmo sobreanimoso desposa.

Maia Atlântica já para Zeus pariu Hermes de fama,
dos imortais mensageiro, ao leito sagrado elevada.

940 Quanto a Semele Kadmeia, também lhe pariu filho ilustre
tendo-se unido em amor: plurijúbilo nasce Dionyso,
um imortal da mortal – porém ambos são deuses agora.

Quem Alkmena pariu foi a força brutal heracleia,
tendo-se unido em amor também ela com Zeus junta-nuvem.

945 Logo de Aglaia Hephesto, o grandiglorioso ambicoxo,
dessa caçula das Khárites, fez vicejante sua esposa.

Já o cabeleira-dourada Dionyso da loira Ariadne,
dessa moça de Minos, fez vicejante sua esposa,

e para ele a tornou imortal sem velhice o Kroníon.

950 Hebe o filho audaz de Alkmene lindas-canelas –
fibra de Hérakles, ao terminar suas provas gementes,
filha de Zeus grandioso com Hera sandália-dourada –
veio a tornar sua esposa louvável no Olympo nevado:
próspero entre os eternos, cumprida sua obra grandiosa,
955 vai habitar sem desgraça e velhice por todos os dias.

Já para Hélio incansável, Perseida, gloriosa oceanina,
veio a parir então Circe e ainda Eetes regente.

Quanto a Eetes, o filho de Hélio luz-dos-mortais,
casa com moça de Oceano, do rio terminal-circulante,
960 pelos desígnios dos deuses: Idyia lindo-semblante.
Ela então lhe gerou Medeia belas-canelas,
subjugada em amor através da dourada Aphrodite.

Vós, alegrai nesta hora, possuintes do olímpio palácio,
ilhas também, continentes, e o mar nesse meio salgado:
965 tribo das deusas agora cantai, ó dulcivalavras,
Musas Olympíades, moças do egífero Zeus,
quantas de fato ao lado dos homens mortais se deitaram
sendo imortais e geraram a prole semelha aos deuses.

Diva no meio de deusas, Deméter gerou então Pluto,
970 tendo com Jásio heroico se unido atraída em amores
sobre um torrão triarado em farta província de Kreta:
vai valeroso por terra e ao dorso abrangente dos mares,
segue por tudo, e com quem se depara alcançando suas mãos,
torna opulento e confere muitíssima prosperidade.

975 Já para Kadmo, Harmonia, a filha da áurea Aphrodite,
Ino e Semele gerou, e Agave lindo-semblante
e Autoñoé, que esposou Aristeu cabeleira-profunda,
e Polydoro, na bem-coroadada cidade de Thebas.

Moça de Oceano, então com Khrysáor forte-animoso
980 tendo-se unido em amor pela pluridourada Aphrodite,
Kallirroé pariu filho mais forte de todos mortais:
Geryoneu, mas matou-o a força brutal heracleia

As Divinas e os Mortais

pelos seus bois rola-pé lá na circumfluída Erytheia.

Para Tithono então Éos pariu Mêmnon elmo-de-bronze,
985 rei dos etíopes ele, e ainda o senhor Emathião.

Já para Céphalo ela brotou mais um filho ilustre,
o veemente Phaethonte, um homem semelhante aos deuses:
novo, na mais tenra flor da altífama e sã juventude,
cria de entranha imatura, Aphrodite então sorridente
990 o arrebatou irrompendo, e assim de seus templos divinos
veio a fazê-lo vigia intrínseco, daimon divino!

Quanto à moça de Eetes, do rei nutrido-de-Zeus,
o Esonida, em desígnios dos deuses sempre-viventes,
leva de Eetes após terminar suas provas gementes,
995 muitas, por ordem de um rei grandioso e viril na soberba:
Pélias obra-potente, perverso, também insolente.
Ao terminá-las chegou a Iolko, após muitas penas,
em nau ligeira trazendo a moça de lépidos olhos
o Esonida, e então dela fez vicejante sua esposa.
1000 Subjugada ela foi por Jasão, o pastor de guerreiros,
filho Medeio pariu, lá nos montes nutrido por Khíron,
o Phillyrida – e cumpriu-se o que mentalizou grande Zeus.

Quanto às moças que vem de Nereu, salso velho marinho,
sim, atenção! Psamathé pariu Phoko, e é diva entre deusas,
1005 ela por Éako amada através da dourada Aphrodite;
subjugada a Peleu, deusa Thétis pés-prateados
gera Akhilles rompente-de-homem leonino-animoso.

Quanto a Eneas, pariu-o a bem-coroadada Cythéria,
tendo a Ankhises heroico se unido atraída em amores
1010 lá sobre os topos ventosos do Ida pluridobrado.

Circe ainda, a filha de Hélio Hyperionida,
veio a gerar pelo amor do tenaz-entranhado Odysseu
Ágrio e Latino também, impecável tal qual poderoso;
e ela Telégono ainda pariu pela áurea Aphrodite,
1015 e eles de fato bem longe, internos das ilhas sagradas,
eram senhores de todos os grandígloriosos tirrenos.

Com Odysseu, além disso, Kalypso, diva entre deusas,
gera Nausíthoo e Nausínoo, unida e atraída em amores.

Essas portanto ao lado dos homens mortais se deitaram
1020 sendo imortais e geraram a prole semelha aos deuses.

Já das mulheres a tribo cantai, ó dulcipalavras,
Musas Olympíades, moças do egífero Zeus!

4- NOTAS E COMENTÁRIOS

Nestes comentários, organizados de acordo com o número dos versos aos quais correspondem, proponho uma abordagem variada: desde leituras tradicionais sobre a *Theogonia* e aspectos gerais da épica antiga, dificuldades constatadas no texto original ou trechos controversos, até observações e conjecturas sobre o que enxergo na obra, bem como justificativas e contextualizações sobre minhas escolhas de tradução mais significativas. Ainda, achei interessante acrescentar traduções alternativas para determinadas passagens, e não me eximi de estabelecer alguma intertextualidade mais ou menos despojada como forma de expandir a experiência de leitura.

Minha intenção não é tecer comentários minuciosos ou me aprofundar em reflexões estritamente filológicas; nesse quesito, recomendo especialmente a edição comentada de M. L. West (1966). Quando cito o filólogo nesta seção, assim como estudos e traduções anteriores, o faço principalmente com o intuito de ressaltar o que me parece mais significativo como matéria para complementar/aprofundar a leitura da obra e viabilizar ao leitor um entendimento mais acentuado sobre a *Theogonia*, inclusive enquanto obra traduzida. Espero que estes comentários também apontem para o fato de que a tradução, principalmente de um texto tão antigo, não é uma prática estabilizada de mera correspondência interlinguística; antes, é sempre um processo de escolhas que partem de toda uma tradição de leituras e discussões (tanto de ordem filológica como de ordem estética), traduções anteriores e pontos de vista conflitantes que envolvem a obra e reconstroem nosso olhar sobre ela.

1: A invocação às Musas no início do canto trata-se de uma convenção da poesia épica: é assim quando Homero recorre à “deusa” no primeiro verso da *Ilíada* e à “musa” no da *Odisseia*, e assim quando Hesíodo chama pelas “Musas da Piéria” em *Trabalhos e Dias* e faz sua exortação a partir das “Musas Helikoníades” na *Theogonia*. O aedo se põe como servo das deusas, por meio do qual o canto será entoado. No que concerne à *Theogonia*, porém, há duas questões bastante peculiares no verso de abertura, uma das quais praticamente foge à tradução:

1) Como de costume, entende-se que a primeira palavra do poema propõe o assunto do canto. Assim, a “raiva” (*mênin*) inaugura a *Ilíada*, o “homem” (*ándra*), a *Odisseia*, enquanto as próprias Musas (*Mousáon*) fundam a *Theogonia* e são o tópico da primeira seção do poema. Contudo, como bem destaca o professor Jaa Torrano (HESÍ-

ODO, 2003, p. 21), se o emprego do genitivo *Mousáon* (“das Musas/pelas Musas”) com o verbo médio-passivo *arkhómetha* (“principiemos/sejamos dirigidos”) sugere que o canto se efetua *a partir* das deusas como princípio-inaugural, sugere também que, simultaneamente, as Musas realizam o canto atuando como princípio-dirigente; em outras palavras, as Musas são ao mesmo tempo assunto inicial e fundamento do canto (pois elas o geram e dirigem, *a partir* delas ele se realiza).

2) O mero emprego da primeira pessoa do plural com *arkhómetha* é bastante inusual. É comum que o aedo se dirija às Musas e as exorte a cantar; na *Theogonia*, porém, o que Hesíodo parece fazer é incluir as deusas em seu canto e considerá-lo uma produção colaborativa (CLAY, 2003, p. 51-52). Nesse sentido, o “nós” do verso não se refere a uma generalização como “nós, mortais” ou “nós, aedos”, mas sugere que, a partir do momento em que o nome “Musas” é invocado, a voz inspirada do poeta passa a ser indissociável da voz das deusas. Essa emergência do “eu” ocorre de modo mais acentuado nos versos 22-32.

13: Em grego, o epíteto *glaukôpis* para Athena não necessariamente se refere à cor glauca. Embora a relação com “coruja” (*gláúks*) – como em “olhos-de-coruja”, na tradução de Christian Werner (HESÍODO, 2013) – seja possível, bem como a interpretação do adjetivo *glaukós* como simplesmente “cintilante”, minha escolha por “olho-de-glauca” segue um critério subjetivo de beleza, principalmente devido à sua sonoridade. Contudo, também encontro amparo na tradição de interpretar o epíteto como atributo de cor nas traduções em língua portuguesa (por exemplo, Odorico Mendes, Carlos Alberto Nunes e Frederico Lourenço em Homero, e Jaa Torrano em Hesíodo).

22-24: É significativo o fato de o aedo nomear-se em terceira pessoa para, logo adiante, referir-se a si mesmo em primeira pessoa (v. 24, 30), pois não há paralelo para isso em nenhum dos dois épicos homéricos. Na verdade, a emergência do “eu” – inclusive do “eu” nomeado – é comumente característica da lírica grega arcaica, o que torna Hesíodo um pouco mais singular dentre os épicos antigos que sobreviveram.

26-28: O anúncio das Musas sobre saberem falar “muitas mentiras indistintas dos fatos” já foi matéria para muito debate. A professora Jenny Clay elenca algumas interpretações (2003, p. 58): tradicionalmente, entende-se que Hesíodo esteja enaltecendo a verdade de seu canto como se oposto aos cantos de outros aedos, nos quais “muitas mentiras” são

misturadas aos fatos; mais especificamente, a declaração poderia ser uma referência indireta a Homero e sua representação dos deuses. De modo diverso, as palavras das Musas se refeririam não aos aedos em geral, mas somente àqueles que compunham teogonias locais, tendo em vista que a *Theogonia* de Hesíodo se pretenderia verdadeira enquanto pan-helênica. Ainda, as “muitas mentiras indistintas dos fatos” poderiam se referir à habilidade de persuasão de muitas pessoas (como Odysseu) que não necessariamente possuem o dom divino do canto.

Indo um pouco além, Clay destaca que as Musas não garantem que o canto concedido a Hesíodo será verdadeiro; antes, toda a situação parece colocar em questão um amplo contraste entre a bruteza dos mortais e a sublimidade das deusas (2003, p. 60). É desse modo que o aedo poderia estar chamando atenção para sua total dependência com relação às Musas e, ao mesmo tempo, para o abismo entre o conhecimento humano e o divino, uma vez que ele mesmo não poderia garantir a absoluta veracidade de sua canção (2003, p. 62-63).

Sem descartar a força de contraste entre o mortal e o divino, filio-me à interpretação de Jacyntho Brandão (2000, p. 19): Hesíodo quer declarar ao público que seu canto provém das Musas, mas que se trata de uma produção única e extraordinária, e não do canto comum, no qual as mentiras são “indistintas dos fatos” como artifício poético costumeiro. Entendo que no ato seguinte das Musas haja uma declaração indireta de que o canto concedido de fato entoará verdades, tendo-se em vista a progressão do enunciado: “se por um lado sabemos X, por outro, Y”, com a ratificação máxima desse Y a partir do momento em que as deusas entregam a Hesíodo o galho de loureiro (v. 30), símbolo da autoridade poética garantida pelas Musas e das propriedades oraculares de Apolo, com quem as deusas são relacionadas no verso 94 (WEST, 1966, p. 164). Isso converge com as considerações no comentário ao verso 35.

29-34: Em grego, a declaração de Hesíodo no verso 32, sobre glorificar “*tá t' essómēna pró t' eónta*”, pode nos levar a crer que as deusas lhe concederam o canto para que celebrasse o futuro e o passado. West entende que o verso expressa a correlação entre poder poético e profético, comum na literatura antiga, tendo-se em vista que cantar o passado remoto (na ausência de registros escritos) não é menos maravilhoso do que entoar o futuro (1966, p. 166). De fato, em nenhum momento na *Theogonia* é feita qualquer predição, sendo somente o passado remoto a revelação do poema; em *Trabalhos e Dias*, porém, Hesíodo anuncia um vago futuro (v. 176-201, tradução de Christian Werner):

De fato agora a linhagem é de ferro: nunca de dia
se livrarão da fadiga e da agonia, nem à noite,
extenuando-se: os deuses darão duros tormentos.
Todavia, para eles ao males juntar-se-ão benesses.
Zeus destruirá também essa linhagem de homens mortais
quando, ao nascer, cãs nas têmporas tiverem.
Nem o pai semelhante aos filhos, nem os filhos a ele,
nem anfitrião a hóspede, e companheiro a companheiro,
nem irmão será querido como o foi no passado.
Aos genitores, tão logo envelhecerem, desonrarão;
deles se queixarão, falando com palavras duras –
terríveis, ignorantes do olhar dos deuses –, nem eles
aos genitores idosos retribuiriam a criação.
Mão-justa: um aniquilará a cidade do outro.
Não haverá gratidão pelo honesto nem pelo justo
nem pelo bom, e mais ao feitor de males, ao varão
violento, honrarão: justiça, nas mãos, e vergonha
não haverá, e o mau prejudicará o homem melhor,
enunciando discursos tortos sobre os quais jurará.
E inveja a todos os homens lastimáveis
cacofônica, seguirá, sádica, horripilante.
Então, de fato, da terra largas-rotas rumo ao Olimpo,
a bela pele tendo encoberto com brancas capas,
para junto da tribo de imortais irão, deixando os homens,
Respeito e Indignação. Isso deixarão, aflições funestas,
aos homens mortais; e defesa não haverá contra o mal.

Clay (2003, p. 65-66), por outro lado, acredita que o verso 32 não se refere a duas categorias distintas, i. e., 1) “o que será”, e 2) “o que foi”; para ela, Hesíodo nos apresenta uma única categoria a ser glorificada: a do que será & foi. O esclarecimento sobre isso vem logo em seguida, quando o aedo informa que é impelido a louvar “a raça feliz sempre ente” (v. 33). Nesse sentido, “o que será & foi” nada mais é do que “o conjunto de seres que perduram”, ou seja, “os imortais”.

Em minha tradução, sigo a leitura de Clay. Embora não ignore as considerações de West sobre a imbricação profético-poética do canto, não acredito que o verso 32 em específico esteja ressaltando esse poder de previsão; antes, trata-se de uma breve constatação sobre a natureza divina que será matéria do canto de um mero mortal.

35: Expressão enigmática e controversa (WEST, 1966, p. 167-169), que aparece de forma semelhante também na *Iliada* (22, v. 126) e na *Odisseia* (19, v. 163). Verdenius (1958) propõe que, originalmente, a expressão girasse em torno da ideia de “descendência”, a partir da qual se derivou a noção de “assuntos pessoais”. Nesse sentido, Hesíodo estaria perguntando algo como “por que me estender com questões pessoais?”. West, porém, considera forçada essa leitura, e propõe que o sentido geral do verso na *Theogo-*

nia tivesse a ideia de “por que estou falando dessas coisas desimportantes?”, “por que divago?” (o que faz mais sentido se considerarmos o carvalho e a pedra como elementos banais da vida rústica). Essa acaba por ser uma interpretação recorrente nas traduções da obra; contudo, não existe consenso sobre a origem da expressão e tampouco alguma relação sólida com as ocorrências nos dois épicos homéricos.

Tendo em conta o trato difuso entre poesia e profecia na Grécia Arcaica (WEST, 1966, p. 166; comentário aos versos 29-34), há também estudos que associam “carvalho e pedra” a poderes oraculares (tenha-se como exemplo o carvalho do oráculo de Dodona e a pedra-ônifalo de Delfos), e remontam, com uma leitura conjunta da questão em Homero e alguns malabarismos argumentativos, a ocorrências anteriores à Grécia Arcaica, no ciclo ugarítico de Baal (O’BRYHIM, 1996; FORTE, 2015). O’Bryhim, inclusive, aponta no Antigo Testamento indícios dessa relação divinatória (Gênesis, 12:6-7, 18:1-15, 28:10-12; Josué, 24:26-27; Juízes, 6:11-12; Habacuque, 2:18-19), e defende o verso da *Theogonia* como uma pergunta retórica de Hesíodo, por meio da qual performaria surpresa e insegurança diante de sua conversão de mero pastor a um encarregado “do que acontece nos entornos do carvalho e da pedra” (i. e., rituais divinatórios), um aedo capaz de cantar a genealogia dos deuses desde os primórdios, por isso reinvocando em seguida o auxílio das Musas na retomada do assunto numinoso (sobre isso, o paralelo com Amós, 7:14-16, no Antigo Testamento, é digno de nota).

Apesar de Hesíodo ser apenas um “rústico pastoreador” (v. 26), não é possível que considerasse irrelevante o relato de sua iniciação poética, uma vez que acaba por ressaltar o poder dadivoso das Musas. Não deixo de flertar com as associações oraculares; por outro lado, acho difícil não entender o verso também como *break off* para uma retomada de assunto, o que afastaria do verso a interpretação de O’Bryhim sobre a perplexidade de Hesíodo. Nesse ponto, vale a pena retomar a passagem: nos versos 30-35, Hesíodo fala de si mesmo, de como recebeu o galho de loureiro, de como *ele* foi inspirado (v. 31), de como *ele* deve cantar o que foi e será e louvar os deuses (v. 32-33), de como *ele* deve invocar as Musas no início e no fim da canção (v. 34); em seguida, indaga por que *a ele/com ele* tais coisas, e retoma: agora são *as Musas* que cantam seus hinos e apazem os deuses, são *as Musas* que dizem o que foi e será (v. 36-43). Hesíodo de fato parece questionar seu próprio papel, retirando de si o foco e o passando às Musas; isso, contudo, não implica que o aedo considerasse desimportante o relato de sua iniciação, mas apenas que deve retornar ao assunto principal. De maneira um pouco diversa, não precisamos associar o carvalho e a pedra às Musas, como se o aedo pergun-

tasse: “por que atribuir a mim (e não às Musas) tais dons oraculares?”; na verdade, talvez o carvalho e a pedra evocassem de fato alguma relação com o sagrado e com a divinação, mas ainda atrelada à vida dos mortais, aos rituais divinatórios como prática humana, enquanto a potência numinosa do canto das Musas podia ir além e celebrar o plano puramente imortal e vedado a nós mortais não-iniciados. Com esse *break off*, portanto, Hesíodo pode simplesmente indicar que há algo ainda maior do que si próprio e sua iniciação profético-poética para ser cantado. Assim, a ideia geral, contextualizada, seria não “por que atribuir a mim, e não às Musas, tais dons oraculares?”, mas sim “por que me deter em mim com relação a essas práticas oraculares mundanas?”. De fato, é isso que o aedo abandona logo após o verso em questão, retomando o domínio imortal que celebrava antes de mencionar seu primeiro contato com as Musas.

Em outras palavras, se cabem a Hesíodo o carvalho e a pedra, i. e., a prática divinatória enquanto manifesta no mundo mortal (como a iniciação profético-poética de um pastor, o galho de loureiro, os baixos do Hélikon divino, etc.), esse assunto é menor do que a potência real do canto das Musas, que alegra até a mente de Zeus e o palácio dos imortais, e que a partir de então será entoado.

Certamente, minha tradução do verso não comporta todos os sentidos suspeitados acima. Porém, dada a complexidade da questão (e o fato de que qualquer verdade está no abismo), achei prudente, nesse caso, optar pelo que pude conceber como a tradução mais “literal” possível.

54-55: Sendo filhas de *Mnemosýne* (“memória”), é possível entender que as Musas têm o poder de, ao entoar as verdades (*alethéa*, v. 28), tirar as coisas do esquecimento (etimologicamente, *a-létheia* pode ser hipertraduzida como “não-esquecimento”), o que na leitura de Jaa Torrano leva essas mesmas verdades à condição de “revelações” (HESÍODO, 2003, p. 25-26, 29-31). Paradoxalmente, as deusas também são capazes de produzir *lesmosýne* (= *léthe*, “esquecimento”) para as aflições humanas, ideia que é desenvolvida nos versos 98-103 e torna ainda mais complexa a dinâmica de seus dons aos mortais. Nos versos em questão, Hesíodo compõe esse jogo a partir da consonância *mnemosýne-lesmosýne*, acomodando essas palavras, prosodicamente idênticas, na mesma posição de versos distintos.

75-79: Como experimento (e algum gracejo), registro uma tradução alternativa para o trecho, indo ao encontro de traduções anteriores que tentam reproduzir a inventividade dos nomes das Musas.

Isso o que as Musas cantavam, possuintes do olímpio palácio,
elas que são nove filhas de Zeus grandioso nascidas:
Glória e então Prazerícia, Festívia e também Celebrina,
e Dançaprázia, Atrátívia, e ainda Hinária e Celeste,
como Vozlinda, aquela que está mais à frente de todas.

Vale notar como esses nomes já são prenunciados em versos anteriores a partir de palavras que definem as ações das Musas: “hinos”, “aprazem”, “danças”, “festas”, “atraente”, “celebram”, “glorificam”, “voz linda”, “céu” (v. 36-71).

88: Verso ambíguo. Entre as traduções possíveis: “por isso os reis são prudentes”, “por isso existem reis prudentes”, “por isso homens prudentes são reis”. Contudo, pelo contexto, Hesíodo parece dizer que os reis se mostram de fato prudentes quando usam da persuasão para restaurar a justiça entre o povo, pois o dom dessas “suaves palavras” não é dado a todos os reis, mas apenas àqueles que as Musas honram dentre “os reis nutridos-de-Zeus” (o domínio da justiça e da soberania ainda se dá diretamente por Zeus). Nesse sentido, efetivamente prudentes seriam apenas os reis que praticam tais ações com as “palavras de mel”, dádiva das Musas.

116: A sonoridade da palavra “Khaos” (ou a vernaculização mais comum “Caos”) pode ser enganadora. Nosso entendimento da palavra vai ao encontro do que Ovídio apresenta nos versos 5-9 do livro I de suas *Metamorfoses* (CARVALHO, 2010, p. 39):

Antes do mar, da terra e céu que tudo cobre,
a natureza tinha, em todo o orbe, um só rosto
a que chamaram Caos, massa rude e indigesta;
nada havia, a não ser o peso inerte e díspares
sementes mal dispostas de coisas sem nexos.

Antes de remeter a uma confusão de elementos, como a palavra portuguesa sugere, a palavra grega neutra *kháos* sugere a ideia de uma “abertura indefinida”. Entre muito debate sobre seu aspecto ontológico (WEST, 1966, p. 192-193; BUSSANICH, 1983; MONDI, 1989), há leituras que entendem a divindade primordial *kháos* como um vácuo apenas, espaço vazio e ilimitado; de fato, já foi traduzida como “Vácuo” (AUBRETON, 1956, p. 12).

O professor Jaa Torrano, contudo, defende que, salvo o pedantismo, caberiam para a palavra as traduções “Cissura” ou “Cissor”; para ele, como se oposta à força de união de *éros*, “a imagem evocada pelo nome *Kháos* é a de um bico (de ave) que se abre, fendendo-se em dois o que era um só” (HESÍODO, 2003, p. 44). Seria, inclusive, tão arriscado quanto possível pressupor um todo indistinto preexistente, e que só com *kháos*-separação – primeiríssimo nascimento e princípio do cosmos posto na temporalidade do discurso dos mortais – definiu-se em três aspectos primordiais distintos: Gaia-terra, Tártaro e *éros*, antes não só unidos como desde sempre indissociados pela força deste último, que também fazia parte dessa indissociação. Ainda, Flores (2009, p. 11-12), a partir da linhagem de *kháos* e da relação etimológica com “bocejo”, ressalta a potência poética do termo e o entende como um “despertar” do cosmos, elo entre a existência e o mistério de sua anterioridade, e assim a manutenção desse mesmo mistério como fator irracional.

West (1966, p. 192) sugere que a melhor tradução para *kháos* seja *chasm*; na mesma linha, o professor Christian Werner (HESÍODO, 2013) traduz a entidade como “Abismo”. Vou pelo mesmo caminho (v. 700, 814), e, sem o pressuposto do todo indistinto preexistente, prefiro entendê-lo, especialmente no verso 116, como uma abertura sem amparo e irrestrita, imagem mitopoética do insondável, em contraste com Gaia-terra, “assento sempre irresvalável” (v. 117) posta como mundo manifesto. Se esse abismo primordial de Hesíodo trazia também a noção de um fender-se contínuo e irrestrito, bem como de uma oposição – ou complemento – também a *éros* (ou seja, entre cisão-expansão e união-contenção como duplo princípio cosmogônico), é algo que me escapa.

A título de curiosidade, vale destacar os versos iniciais do *Völuspá* e a menção a um *yawning gap* primordial na tradução de Bellows (1936, p. 4), tão semelhante ao *kháos*-abismo de Hesíodo:

*Of old was the age / when Ymir lived;
Sea nor cool waves / nor sand there were;
Earth had not been, / nor heaven above,
But a yawning gap, / and grass nowhere.*

Diretamente dos *Edda*, ecos do abismo se encontram inclusive na obra de J. R. R. Tolkien; mais especificamente, na primeira estrofe de *Völsungakviða en Nýja* (TOLKIEN, 2010, p.58)

*Of old was an age
when was emptiness,
there was sand nor sea
nor surging waves;
unwrought was Earth,
unroofed was Heaven –
an abyss yawning,
and no blade of grass.*

116-132: Acho interessante apresentar uma tradução alternativa que dê relevo ao aspecto cosmogônico do trecho, embora sem deixar de imprimir a beleza da cadência datílica aos versos:

Sim, atenção!, bem primeiro o abysmo nasceu, e em seguida terra seio-abrangente, o assento sempre irresvalável dos imortais que possuem a crista do Olympo nevado, bem como tártaros turvos, recessos do chão de amplas vias, e o amor, o mais belo de todos os deuses eternos, o solta-membros, de todos os deuses e todos humanos doma a mente no peito e a sensata vontade entranhada. Vindos do abysmo, nasceram o escuro e também negra noite; vindos da noite, nasceram o éter e ainda o dia: ela os pariu fecundada, unida em amor com o escuro. Sim, e a terra primeiro gerou como igual a si mesma logo o céu estrelado, que em toda sua volta a cobrisse pra ser aos deuses felizes assento sempre irresvalável; altos os montes gerou, os abrigos graciosos das deusas Nymphas, que vão afinal habitar esses montes frondosos; inda pariu infecundo o pélagos de ímpeto inflado, mar, apartada do amor desejoso [...]

119-120: A passagem é ambígua. Desde a antiguidade é discutido se “Tártaro” está posto como aspecto primordial em seu nascimento ou se é objeto de “possuem”, coordenado com “Olympo”. West prefere a primeira opção (1966, p. 194-195), bem como consta nas traduções de Torrano (HESÍODO, 2003) e Werner (HESÍODO, 2013). De minha parte, tentei preservar algo dessa ambiguidade na tradução, embora, de acordo com o argumento de West, também considere Tártaro um aspecto primordial, principalmente pelo fato de que não faz tanto sentido entender Gaia-terra (enquanto superfície terrestre) como assento irresvalável também para os imortais que possuem o escabroso domínio subterrâneo do Tártaro.

120: “Deuses eternos” é a tradução hexamétrica para a expressão formular *athanátoisi theoîsi*, já vastamente utilizada nas traduções de Carlos Alberto Nunes. Não fosse a res-

trição métrica, a tradução por “imortais” seria mais segura ($a + thánatos =$ “não mortal”); portanto, não se deve aqui, a princípio, levar em conta a concepção filosófica da eternidade, segundo a qual algo nem nasce nem morre, mas é somente, alheio à temporalidade. “Eternos”, nesse contexto, é empregado em sua acepção mais ordinária: indica simplesmente o caráter imperecível das divindades. De todo modo, seria no mínimo complicado inferir que os deuses não nasçam justamente em uma obra chamada *Theogonia*.

134: Segundo as convenções para a vernaculização de nomes gregos, *Koîos* é mais conhecido como “Céos”. Minha ressalva para “Koio” se dá pela proximidade sonora indesejada entre “Céos” e a palavra “céu” (apesar de soar coincidentemente apropriado para um filho de Urano-céu).

136: Qualquer associação entre o titã *Krónos* com a palavra grega para “tempo”, *khronos*, é precipitada. Na verdade, há pouca evidência sobre a natureza do titã além de seus atributos explícitos como predecessor de Zeus (WEST, 1966, p. 204-205). Ainda assim, pode ser interessante arriscar algumas conjecturas sobre o deus a partir do que nos é apresentado na *Theogonia* e da tradição posterior, principalmente no que se refere a seu nome e a possíveis associações.

Primeiro, existe a coincidência consonantal entre *Krónos* e o verbo *kríno*, que significa “separar, distinguir, decidir”. Sem dúvida, não se trata de uma relação etimológica – até porque, muito provavelmente, o nome *Krónos* tem origem pré-helênica –, mas a semelhança sonora não deixa de chamar atenção a partir do momento em que um deus de nome “Krono” usa de uma foice (recurva como a astúcia de quem a empunha) para decididamente separar do resto do corpo o pênis de seu próprio pai (ainda que não seja esse o verbo empregado na *Theogonia*). Alternativamente, existe a mesma correspondência consonantal entre o nome do deus e o verbo *kraíno* (“completar” ou “governar”).

As *Krónia*, festival ateniense em honra a Krono (celebrado também em algumas regiões da Jônia) no intervalo entre colheita e lavoura da terra, são uma vaga indicação do seu estatuto como “deus da ceifa” quando somadas à imagem da foice do titã (WEST, 1966, p. 205). Com isso, é possível forçar a ideia de “temporada da colheita, estação” e a consonância do nome do deus com a palavra *khronos* para vislumbrar sua

associação com o “tempo” em sentido mais abstrato, essa figura inexorável que, alegoricamente, devora seus próprios filhos (*Theogonia*, v. 459-467).

A única vez em que a palavra *khronos* aparece na *Theogonia* é no contexto em que Krono se desfaz do pênis decepado do pai, quando é dito que o membro boiava entre as ondas *poulùn khronon* (“por muito tempo”, v. 190, traduzido por “cronicamente” para manter o potencial da associação). A própria linhagem do deus convida a algumas observações genéricas: é filho do céu, que guarda os números do tempo em seus astros, e pai de “Zeus junta-nuvem” (v. 730), que exerce sua influência também no domínio climático (*hóra* = “período, estação, clima”).

195-198: Em grego, simplesmente *Aphrodíte* porque nasceu a partir da *aphrós* (“espuma”). O adjetivo “afróseas” foi cunhado da própria palavra grega para “espuma”; desse modo, as espumas são etimológica e redundantemente espumosas em função do jogo de palavras que Hesíodo propõe para explicar a origem do nome da deusa. Trata-se de uma espécie de subversão tradutória que, apesar da ilogicidade, faz parte do jogo poético; assim, ao longo de toda a minha *Theogonia*, são utilizadas palavras portuguesas para explicar antigos nomes gregos (“Titãs”, v. 207-210; “Khrysáor” e “Pégaso”, v. 281-283; “Estige”, v. 775-776; etc.), de modo a resgatar e renovar alguns efeitos da obra. De todo modo, o retorno à palavra grega para derivação e sustento da nova etimologia só se deu no caso de Afrodite.

200: Numa exploração semântica, “a que ama os genitais masculinos” (*philommeidéa*) porque nasceu “dos genitais masculinos” (*medéon*). Acontece que aqui Hesíodo propõe um dos vários jogos com nomes e epítetos de divindades presentes na poética da *Theogonia*: nesse caso, está em jogo implícito com *philommeidéa* a forma tradicional do epíteto, *philommeidés*, “a que ama sorrisos” (que inclusive aparecerá no verso 989 adjetivando Afrodite e no verso 256 para uma das Nereidas). Desse modo, a tradução de “gozo” para *medéon* pretende verter o jogo sonoro/gráfico para um jogo de sentidos, e assim transitar entre uma conotação sexual (mais especificamente, sobre o próprio esperma de Urano-céu) e um sentido de “fruição, graça, alegria” quando proposto com a tradução “sorridente” para *philommeidéa/philommeidés*.

211-232: O trecho ressalta os aspectos funestos da vida com tanta vivacidade que requer ao menos uma tradução alternativa; logo, repito aos ouvidos mortais em escólio modesto:

Noite então fado execrável e fatalidade obscura e
morte e sono pariu, e pariu toda a tribo dos sonhos;
logo em seguida, o ridículo e a dolorida lamúria:
sem se deitar com alguém os pariu deusa noite erebosa
[...]
Partes e fatalidades gerou, punitivo-inclementes,
[...]
E indignação pariu como desgraça aos mortais morrediços
noite ruinosa; pariu depois disso engano e amor,
inda velhice arruinada e discórdia forte-animosa.
Já a discórdia execrável pariu o labor doloroso,
o esquecimento e a fome, e ainda as dores chorosas;
tanto combates, batalhas, massacres e carnificinas,
brigas, mentiras, também palavreados e então discussões;
inda desordem e então perdição, que habituam-se mútuas,
e juramento, que muito pros sobreterrâneos humanos
traz a desgraça no caso de alguém cometer um perjúrio.

Na medida do possível, achei interessante manter uma correspondência biunívoca entre os nomes gregos da prole de Nyx-noite/Éris-discórdia e as palavras pelas quais os traduzi em determinados contextos, de modo que tais palavras se referissem exclusivamente às entidades em questão e vice-versa. Por exemplo: *Mákhe* e derivados foram sempre traduzidos como “batalha” e derivados desta, o mesmo entre *Éris* e “discórdia” etc., a fim de evidenciar a influência exclusiva dessas entidades no desenrolar da *Theogonia*. Contudo, nem sempre foi possível corresponder o gênero da palavra grega na tradução.

Faço ainda uma observação importante sobre as palavras *Éros* e *Philótes*: a primeira designa “amor” como princípio de atração, desejo e languidez; a segunda, “amor” enquanto laço social, com sentido explícito de “afeição, amizade” e implícito de união sexual. Por exemplo, a palavra *phílos* (“caro, adorador, íntimo, próprio”) pode adjetivar membros da família e do corpo, mas a recorrente fórmula “uniu-se em amor” emprega a palavra *philótes*, num efeito quase eufêmico para a união sexual. Em meu trabalho, decidi traduzir *éros* e derivados por “amor” ou “atração” e derivados destes; para *philótes* e cognatos, “amor” ou “adorador” (*phílos*).

233: Depois da perniciosa linhagem de Nyx-noite, surge em contraste a figura benéfica de Nereu. Em grego (ou se considerarmos a tradução dos nomes, como consta na nota

anterior), o efeito é ainda mais evidente: Éris-discórdia gera *Léthe* (“esquecimento”) e os *Pseúdea* (“mentiras”), mas em seguida nasce Nereu, *apseudés* (“sem mentira”) e *aléthés* (“sem esquecimento, verdadeiro”). O mais interessante é que Hesíodo estabelece a recorrente associação etimológica entre as palavras *alétheia* (“verdade”) e *léthe*, sendo a primeira uma negação da segunda a partir do *a-* privativo (vide nota aos versos 54-55). Desse modo, ambos os adjetivos atribuídos a Nereu podem ter o sentido de “verdadeiro” ao mesmo tempo em que remetem a um par oposto de palavras distintas entre si.

267-269: Em grego, Hesíodo é bastante enfático sobre o nome das Harpyias: são *Aelló* e *Okypéte* porque, como o nome já diz, *íallon* (“se impelem”) *okeíeis pterýgessi* (“com asas ligeiras”). A forma verbal *íallon* foi provavelmente empregada não por um jogo etimológico, mas simplesmente como eco aliterativo, uma vez que o nome *Aelló* evoca imediatamente a palavra *áella* (“vento tempestuoso, furacão”). De todo modo, dada a dificuldade em manter a correlação explícita sem traduzir os nomes gregos, mantive na tradução um tímido jogo aliterativo entre “Ocýpete/Aello” e “se impelem”.

Ainda, no contexto do verso 269, o adjetivo *metakhróniai* é relativamente problemático. Morfologicamente, pode-se deduzir o sentido como “atrasadas, depois do tempo”, mas, de acordo com West, na poesia essa palavra geralmente tem a ideia de “no alto do ar”, como o adjetivo grego *metéoros* (1966, p. 242-243). Propondo alguma elucidação sobre o caso, o filólogo considera a possibilidade de esse emprego ser fruto de uma associação entre *metéoros*, *hóra* (“período, estação”) e *khrónos* (“tempo”). Segui o argumento de West e traduzi como “nos ares”, mas, no mesmo verso, agreguei minha interpretação, “no encaço do tempo”. De fato, o prefixo *meta-* pode denotar, além da acepção temporal “depois” e espacial “entre”, a ideia de “perseguição”, como no verbo *metérkhomai* (“ir atrás, perseguir”); e se é inegável a pouca plausibilidade desse sentido para o adjetivo (uma vez que a preservação do sentido “tempo” tenderia a definir o prefixo *meta-* em sua acepção temporal), ainda assim considero que a fundamentação estritamente filológica deve dar espaço para uma solução mais inventiva enquanto reforço do potencial poético da obra.

278: A vernaculização “Cyanokhaités” para o epíteto de Posêidon, *kyanokhaítes*, não é atestada em traduções anteriores. Sua tradução como “cabeleira-azulada”, porém, se baseia numa interpretação recorrente: de fato, a palavra *kýanos* pode designar uma coloração azul-escura, usada, por exemplo, para adornar armaduras (*Iliada*, 11, v. 24). É

nesse sentido que Frederico Lourenço traduz o epíteto como “o deus de cabelos azuis” na *Ilíada*, 20, v. 144 (HOMERO, 2013), denotando uma tonalidade escura que transparece o azulado a depender do movimento na luz. Contudo, alguns tradutores preferem simplesmente dar destaque à escuridão dos cabelos: se, na *Theogonia*, Christian Werner traduz o epíteto como “Coma-Cobalto” (HESÍODO, 2013), para Jaa Torrano, Posêidon é o “Crina-preta” (HESÍODO, 2003); do mesmo modo, na *Odisseia*, 3, v. 6, o deus marinho é o “juba-cobalto” para Christian Werner (HOMERO, 2014), mas “o deus de cabelos escuros” para Carlos Alberto Nunes (HOMERO, 2015).

Minha escolha de tradução se deve à vivacidade inusitada que observo nessa qualidade do deus, além da relação que podemos traçar com o azul do mar.

289: Raramente Hérakles é referenciado de modo direto na *Theogonia*, sendo mais recorrentes as expressões “força heracleia” e “fibra de Hérakles” para designá-lo. É, portanto (ignorado o teor poético da expressão), Hérakles o agente dos feitos a partir do extermínio de Gerioneu.

295: A partir desse verso, o catálogo de monstros faz uso recorrente do pronome “ela”, mas em muitos casos é difícil afirmar quem de fato é referido. Segui a interpretação de West (1966), que acaba por ser a mais difundida. No verso em questão, “ela” possivelmente não se refere nem a Kallirroé, nem a Medusa, mas a Ceto.

319: O pronome “ela” pode tanto se referir a Ekhidna como à Hydra de Lerna. Contudo, o fato de anteriormente as crias de Ekhidna terem sido enumeradas como um grupo fechado (v. 308-313) pode apontar para a segunda opção.

326: O pronome “ela” provavelmente se refere à Khimera, tendo-se em vista os traços da compleição física comuns ao casal e à prole.

398: O trecho *phílou dià médea patrós* pode muito bem ser traduzido como “pelos planos de seu próprio pai/do pai amado”. É desconhecido, contudo, o motivo pelo qual Oceano, sendo um dos Titãs e, a princípio, inimigo de Zeus, mandaria sua filha unir-se a um olímpico. Essa é provavelmente uma maneira indireta de dizer que Oceano na verdade não se aliou aos seus irmãos na batalha contra Zeus, e que por isso seu fluxo perdura após a derrota dos Titãs. De modo diverso, uma leitura mais arriscada poderia con-

siderar que a palavra “pai” não se refere a Oceano, mas ao próprio Zeus, que é “pai de deuses e homens”.

411-452: O caráter quase universal de Hékate na *Theogonia* torna difícil precisar seus domínios. Certamente, aqui a deusa está destituída de qualquer atribuição característica dos séculos posteriores: não há nenhuma relação com a lua, com magia, com sangue ou domínios ctônicos (WEST, 1966, p. 277).

Hékate é apresentada como uma deusa relativamente independente e propensa na esfera de atuação dos mortais, desde as competições até o trabalho no campo, no mar, e na guerra. Contudo, toda área em que a deusa pode manifestar sua influência – o que parece crucial para o sucesso da empreitada dos homens – pertence também a uma divindade mais específica: as sentenças dos reis, a Zeus (v. 430); a guerra, a Ares (v. 432); a pesca, a Posêidon (v. 440) o pastoreio, a Hermes (v. 444); etc. (CLAY, 2003, p. 133-134). Além disso, o que chama atenção no intermédio da deusa frente aos domínios das demais divindades é o fator de sua vontade, reiterado em toda sua seção na *Theogonia* pelo verbo *ethélein* (querer); e justamente com isso Hesíodo parece indicar um domínio mais definido para Hékate, embora também mais abstrato.

Segundo Clay, Hékate é a deusa *por cuja vontade* as preces aos deuses são atendidas (2003, p. 136). Essa leitura ganha mais sustento quando, para além da reiteração do verbo *ethélein*, consideramos o advérbio *hékati/héketi* (“pela vontade de”): embora Hesíodo não o empregue diretamente em seu hino a Hékate, é difícil contestar que o aedo etimologize o nome da deusa a partir de expressões comuns como *héketi Diós* e *ouk aéketi theôn* (CLAY, 2003, p. 137) – inclusive, além das abundantes ocorrências da palavra apontadas pela autora nos épicos homéricos, vale ainda destacar seu uso na *Theogonia*, v. 529, e em *Trabalhos e Dias*, v. 4. Assim, se o nome “Hékate” sozinho não necessariamente evoca a ideia de “vontade”, é inevitável que com a reiteração seguida do verbo *ethélein* a associação semântica seja feita com o advérbio *hékati*. Hékate é, portanto, dentro da abrangente partilha que lhe cabe, a deusa intercessora das preces dos mortais; em outras palavras, a propensão de Hékate conjugada aos domínios mais definidos das demais divindades é a chave para o cumprimento das preces, que só serão atendidas *pela vontade* dos deuses, i. e., *hékati theôn*.

440: “Glauco” se refere simplesmente ao mar, aludindo ou à sua coloração ou à sua peculiaridade de oscilar sob a luz (vide nota ao verso 13).

493: “Senhor” se refere a Zeus, quase como num *flashforward* de sua soberania vindoura com a subjugação não só do pai Krono, mas sim de todo os Titãs.

501: Os irmãos de Krono em questão são os Cýklopes: Brontes, Estéropes e Arges. Sua prisão é mencionada nos versos 154-159, e aparentemente perdurou durante o reinado do irmão Krono. De fato, os Cýklopes, assim como os Hekatônkhiros (v. 617-626), representam uma ameaça à soberania, o que Zeus só elimina ao conquistar sua aliança militar.

571: Decidi traduzir o epíteto *amphigyééis* como “ambicoxo” principalmente porque Hephesto já é conhecido como um deus coxo na tradição homérica (*Ilíada*, 18, v. 397). Apesar disso, é possível ler o epíteto como “ambidestro” (como faz, por exemplo, Frederico Lourenço em sua tradução da *Ilíada*, 1, v. 608; 14, v. 239 etc.), especialmente apropriado para o contexto no qual se ressaltam as habilidades de artesão do deus do fogo na *Theogonia*. De fato, *amphigyééis* pode ter relação com “membros” (*gyía*), a partir do que derivaria a ideia de “bem munido, habilidoso”; o verbo *gyiío*, no entanto, aparece na *Theogonia* (v. 858) e na *Ilíada* (8, v. 402, 416) com o sentido de “aleijar”, e em *Trabalhos e Dias* (v. 427, 436) *gyés* é uma parte do arado feita com pedaço curvado de madeira.

Não é insensato considerar que a palavra funcionasse como uma espécie de trocadilho, de modo a ressaltar tanto o domínio mais elevado do deus como também seu aspecto falho, i. e., inesperado para uma divindade. Nesse sentido, essa expressão inventiva poderia ser parafraseada por algo como “o famoso deus de membros notáveis”, que tanto tem fama de coxo como de habilidoso, cabendo ao ouvinte assimilar o jogo proposto entre as duas ideias. Mesmo que minha tradução resulte de uma escolha definida, ainda assim tentei manter um diálogo externo entre falha e excelência com “ambicoxo” e “muiglorioso”.

590-612: O episódio de Prometheu é etiológico, i. e., se propõe a explicar origens, mais especificamente a origem do sacrifício, a conquista do fogo e a criação da mulher. A lógica da sucessão dos eventos talvez não seja tão evidente; em resumo: deuses e homens pactuavam entre si, e coube a Zeus escolher as porções de cada qual nas oferendas; Prometheu, em prol dos humanos, tenta enganá-lo e disfarça a aparência de cada

porção; Zeus entende o dolo, mas se faz de enganado e escolhe o que vem a ser a pior porção (os ossos do animal sacrificado) para que possa punir os homens, preferidos por Prometeu; Zeus retira o fogo dos homens, para que não possam cozinhar a boa carne que obtiveram no pacto; Prometeu o engana, rouba o fogo e o entrega aos mortais; Zeus aprisiona Prometeu e manda que os deuses criem a mulher (sem nome na *Theogonia*, mas chamada “Pandora” em *Trabalhos e dias*), de modo que os homens, apesar de munidos do fogo como marco civilizacional, tenham de trabalhar a mais para alimentar suas esposas.

Para Hesíodo, a mulher foi criada como um castigo divino. Maria Brasete ressalta a dualidade dessa criação hesiódica: “[a mulher] inunda a terra de males, mas, apesar de ser um ‘flagelo terrível’, torna-se necessária para a perpetuação da raça humana” (2012, p. 218); se espelha as dádivas divinas de Aphrodite, Hera e Athena (*Pandóra* = “todas as dádivas”), é também um simulacro para as atividades basilares dos mortais: o sacrifício, o trabalho e o casamento (p. 219). Tal é o dilema misógino de Hesíodo: se casar, o homem está muito provavelmente condenado à fadiga e à infelicidade; se não casar, condena sua linhagem ao não perpetuá-la. Mas além de ser um dos registros mais antigos da misoginia na literatura grega, essa passagem da *Theogonia* inaugura também um tópico recorrente ainda nos dias de hoje: a sofrença do varão amargurado com o casamento. As queixas do aedo, principalmente nos versos 610-612, bem podem traduzir certo lirismo decadente de alguns boêmios desiludidos.

614: O significado do epíteto *akáketa*, traduzido como “remediador”, é incerto. É possível interpretá-lo como *a-* privativo + *kakós* (mal), daí “benfeitor, remediador, inocente”. Existe alguma coerência nas duas primeiras acepções (e alguma ironia na última), tendo-se em vista as ações de Prometeu para com a raça dos homens.

O epíteto é também aplicado ao deus Hermes na *Iliada* (16, v. 185) e na *Odisseia* (24, v. 10). West (1966, p. 336) ressalta pontos de contato entre Prometeu e Hermes: ambos são ardilosos por natureza e ambos estão associados à descoberta do fogo.

639: O pronome “aqueles” se refere aos Hekatônkhios dos versos 617-618, Obriareu, Kotto e Gyges.

700: Assim como no verso 814, a expressão “abysmo de Khaos”, cujo correspondente no texto grego é apenas a palavra *kháos*, tenta ao mesmo tempo resgatar o nome grego

divinizado, pouco recorrente no poema, e contextualizá-lo com sua ideia de “abertura insondável” (vide nota ao verso 116). Não há como saber se aqui está pressuposta uma localização para *kháos* após a progressão cosmogônica ou se a passagem apenas ressalta a conflagração da batalha e o poder de Zeus, que remontam aos extremos mais remotos do cosmos.

746: West (1966, p. 366) lê a passagem como uma incoerência, uma vez que nos versos 517-518 Atlas é posto nos confins da terra, diante das Hespérides – as quais, por sua vez, se encontram com as Górgonas “além do glorioso Oceano,/lá pros extremos de Nyx” (v. 274-275) – mas agora está supostamente situado no mundo subterrâneo. Não vejo motivo, contudo, para não entender que Atlas esteja ao lado de fora do Tártaro, diante de seus portões por onde sobem e descem Nyx-noite e Hemera-dia e, portanto, no mesmo local dos versos anteriores. Nesse sentido, também os portões do Tártaro se localizariam além do glorioso Oceano, na região das Hespérides, das Górgonas, nos extremos de Nyx e de suas casas terríveis.

814: (Vide notas aos versos 116 e 700.) Em grego, os Titãs estão postos *péren kháeos zopheroîo*, “além do *kháos* trevoso”; ao mesmo tempo, sabe-se que se encontram no Tártaro (v. 717-721, 725-735). Ao traduzir como “sob as trevas do abysmo de Khaos”, considero razoável pressupor o ponto de vista do aedo que aponta para baixo, estando *kháos* posto como limiar entre a terra e o Tártaro (MONDI, 1989, p. 12).

Uma interpretação mais arriscada pode conceber *kháos* como o próprio espaço da “abertura abissal” (*khásma* v. 740) no Tártaro, com a qual compartilha mesma origem etimológica. Nesse mesmo sentido se situaria a mudança de assunto abrupta nos versos 744-745 (WEST, 1966, p. 365), na qual Nyx-noite seria posta perto de seu pai-mãe *khásma-kháos* para reforçar a ideia de que *khásma* é *kháos*.

Ainda, de modo bastante diverso, seria possível pensar *kháos* como uma abertura no fundo ou nos limites do próprio Tártaro, a qual (se) desemboca no mistério primordial – mais ou menos como Flores propõe (2009, p. 13, 14), embora sua tradução de *péren* para “diante” seja questionável (a acepção da palavra tem quase que exclusivamente a ideia de “para lá de, acolá, mais adiante, do outro lado”, como na fórmula *péren klutoû Okeanoîo*, nos versos 215, 274, 294 da *Theogonia*). De todo modo, suposta sua localização no fundo do Tártaro, podemos supor que 1) como fim definitivo de sua soberania, os Titãs tenham sido jogados para além do *kháos*-abertura, perdidos no espaço do inde-

finido e diante dos portões que resguardam essa região primitiva; ou 2) os Titãs se encontrem ainda no Tártaro, mas do outro lado do *kháos*-abertura, em sentido horizontal, numa região exclusiva guardada pelos mesmos portões.

É preciso reconhecer que definir racionalmente o “além de *kháos*” sequer fosse uma questão hesiódica, dado o efeito impressionístico ao qual a passagem pode se propor. Para fruição da obra, contudo, sigo parcialmente a interpretação de West (1966, p. 192) e as considerações de Bussanich (1983, p. 216) para situar *kháos* entre Gaia-terra e o Tártaro, mas gosto de interpretar a situação do texto que chegou até nós da seguinte maneira: *khásma* não é *kháos*. Este, de fato, é um limiar entre a terra e o Tártaro; já o *khásma* é o próprio Tártaro, grande espaço abissal nos recessos da terra. Relacionam-se na medida em que um é o limiar do outro, mas *kháos* é mais denso que uma mera passagem: é o próprio abysmo primordial, agora amparado pela progressão cosmogônica, mas ainda abertura insondável, pois aos mortais resguarda os mistérios do Tártaro e do princípio. É imageticamente contraposto ao éter nos versos 697-700, este como lugar de clareza e elevação divina, o outro como princípio de treva e mistério – embora misteriosamente ascendente do primeiro. Finalmente, reservado aos deuses, os mortais apenas o contemplam, e dentre eles o conhece e o profere apenas quem as deusas permitem: Hesíodo o abysmo viu.

821: O “Typhão” do verso 306 é provavelmente uma variante para “Typheu” no verso em questão. Existe, porém, a possibilidade de “Typhão” ser um patronímico; portanto, um dos filhos de Typheu mencionados a partir do verso 869.

841: Ao longo da *Theogonia*, o Tártaro é mencionado de duas formas diferentes: *tártara* (neutro plural, nos versos 119 e 841) e *tártaros* (masculino singular, nas demais ocorrências). Embora o emprego do neutro plural possa sugerir uma ideia de “unidade” – algo como “o conjunto de tártaros”, no sentido de “todas as regiões íferas” –, a diferença é expressiva.

A professora Jenny Clay (2003, p. 22-23) vê a questão como um caso de evolução durante a progressão cosmogônica: inicialmente, o neutro plural *tártara* representa as regiões interiores da terra; numa fase cósmica subsequente, essas regiões evoluem para uma região mais definida, o *tártaros* singular onde os Titãs são aprisionados. Finalmente, Tártaro se torna suficientemente diferenciado de Gaia-terra para se manifestar como entidade masculina definida, com quem a própria Gaia-terra se reúne para engen-

drar o teratofome Typhéu. E embora Clay não se detenha na expressão “tártaros da terra” (v. 814), retomada após a evolução da entidade, é possível encontrar amparo na sugestão de West (1966, p. 389), de que a expressão é mais antiga do que o *tártaros* singular e, portanto, passível de um uso cristalizado.

Em minha tradução, empreguei a forma “Tártaro” no verso 119 para não gerar grandes dissonâncias, embora tenha me preocupado em manter seu aposto no plural (“recessos no chão de amplas vias”); já no verso 841, fiz uso da expressão cristalizada. Ressalto ainda que a expressão “tártaros da terra” poderia ser um resquício da indistinção pressuposta na nota ao verso 116: nesse caso, não é à toa que da re-união amorosa entre Gaia-terra e Tártaro nasça uma criatura como Typhéu, manifestação tardia da a-cosmia que supostamente teria perdurado antes do nascimento do suposto *kháos*-separação.

860: O texto grego utilizado apresenta o raro adjetivo *aidnês*, que significa “escuro, opaco”, mas há quem entenda que Hesíodo estivesse falando do próprio monte Etna (*Aítnes*). West menciona dois manuscritos que de fato registram o nome *Aítnes* (1966, p. 393), e a tradução de Catherine Schlegel e Henry Weinfield opta por essa leitura (HESIOD, 2010, p. 49).

Há uma tradição que fomenta essa escolha. Píndaro, em sua Ode Pítica I, v. 13-28, coloca Typhéu abaixo do Etna (ANTUNES, 2012, p. 204-206):

Os não-diletos de Zeus, contudo, tem receio quando
Ouvem cantar as Piérias, tanto os térreos quanto os do mar invencível
E o que jaz no Tártaro terrível, inimigo aos deuses,
Criado na gruta famosa da Cilícia,
Tífon centicéfalo. Agora, contudo, os montes Címios,
Tendo o mar por muro ao redor de si mesmos,
Pesam sobre o seu felpudo peito junto da Sicília e do sustentáculo aos céus,
O nevado Etna, onde há neve aguda o ano inteiro.

II

Gorgolejam de sua profundidade as nascentes mais sacras
De intocável fogo. Fumaça fúlgida circula de dia de rios de magma.
Quando é noite um fogo púrpuro e
Volvente carrega rochedos para o fundo da amplidão do mar com um baque sonoro.
Esse monstro nos envia as mais terríveis
Fontes de fogo hefestino. São sinais que causam espanto de ver ou mesmo
de ouvir um relato de quem viu.
Confinado sob os campos do Etna com os seus picos
De sombrosas folhas, as farpas de seu leito pungem seu dorso por todo lado.

Ésquilo apresenta uma situação semelhante em *Prometeu Acorrentado*, v. 351-372 (GRIFFITH, 1983, p. 53, tradução minha):

O filho térreo lá dos antros da Cilícia,
portento destrutor, eu vi e me apiedei –
o centicéfalo por força manejado,
Typhão furioso: contrapôs-se aos deuses todos,
mandíbulas atrozes sibilando o medo,
dos olhos lampejando o brilho da gorgópis
pra exterminar por força a tirania de Zeus.
Mas desde Zeus foi contra ele o dardo insone,
cadente o raio que exalava sua chama
e o expulsou de seus grandíloquos alardes:
pois para dentro das entranhas foi golpeado,
pulverizado e fulminada sua potência!
E agora inútil e alastrado jaz o corpo
nos arredores lá do estreito litorâneo
contra as raízes que o pressionam sob o Etna.
Sentado às altas cristas, lá metalurgiza
o deus Hephesto, de onde então explodirão
os rios de fogo devorando em feros dentes
as terras plainas da frutífera Sicília.
Assim Typhão em cólera efervesce
com dardos quentes da borrasca flamejante,
embora Zeus com raio o tenha incinerado.

Essa tradição é posterior à datação tradicionalmente atribuída a um Hesíodo-
autor. West, além disso, aponta para a improbabilidade de uma palavra como “Etna”,
tão bem ajustada ao contexto e supostamente familiar, desviar-se para um adjetivo tão
raro na transmissão do texto (1966, p. 393), e sugere um processo contrário. Atentei a
essas considerações, também com alguma peculiaridade vocabular (“escurente”); apesar
disso, tentando valorizar a sobrevida da obra em sua difusa transmissão, considerei o
potencial de *aidnês* vir a ser mais um jogo de palavras característico da poesia hesiódica
e, nesse caso, evocar o nome do monte Etna sem indicá-lo diretamente. Assim, escondi
a palavra “Etna” na sonoridade do verso 860 em minha tradução. Também o emprego
da palavra *aithómenos* (“abrasante”) no verso 867, com a semelhança sonora da raiz
aith-, reforça o potencial jogo poético.

884: Em grego, o epíteto *euríopa* pode tanto significar “o de ampla vista” como “o de
ampla voz”. Tendo em vista que as traduções anteriores optam pela primeira opção,
decidi seguir a segunda; há, contudo, uma leitura relevante que fundamenta essa esco-
lha: na *Theogonia*, o emprego desse epíteto se dá em contextos que ressaltam o domínio
sônico de Zeus (GOSLIN, 2010). No verso 514, adjectiva Zeus logo antes de o deus tro-

vejar com seu “raio fumoso” para punir a híbris de Menécio; em 884, ocorre após a derrota do tumultuoso e ressonante Typheu (v. 829-835) pelo trovejar potente do Kronida (v. 839-841, 853-856), triunfo que pode representar a soberania deste na ordenação sonora a partir da supressão da acosmia declamada pelo monstro (GOSLIN, 2010, p. 370). Nesse sentido, “Zeus ampla-voz” evocaria a abrangência do trovão (e, conseqüentemente, de suas manifestações visuais) como supremacia do deus nesse domínio.

É verdade que a percepção visual do Kronida também entra em cena e é crucial para a conquista de sua soberania (v. 836-838); interessante, o epíteto *eurúopa* pode designar os dois âmbitos de Zeus ao mesmo tempo.

886-923: Após provar-se na astúcia (contra Prometheu), na guerra (contra os Titãs), nas alianças (com Estyge, os Olímpicos, os Cýklopes e os Hekatônkhios) e no poder individual de combate (contra Typheu), Zeus instaura sua soberania e amplia seus domínios por meio dos diversos casamentos, estabelecendo sua condição de patriarca do cosmos. Assim, se sua arte já se sobressaía contra a astúcia-recurva alheia (v. 496, 546), é ao engolir a esposa Métis-astúcia usando de seu próprio dolo que o deus perfaz seu estatuto de Zeus *metíeta* (“astucioso”), ao mesmo tempo em que previne a geração do filho macho que o destronaria e interrompe em definitivo a sucessão de intrigas que se iniciou com a castração de seu avô Urano-céu; em outras palavras, ao sobrepujar a própria astúcia e assimilar para si esse atributo feminino (presente também nos conselhos de Gaia-terra em toda a *Theogonia* como potência universal de mudança), Zeus garante seu lugar permanente como senhor do mundo.

Em seguida, a ordenação progride com a geração das *Hórai* (“zeladoras”, nota ao verso 901), integradas ao cosmos a ordem, a justiça e a paz a partir da união de Zeus e Thêmis-norma (i. e., “aquilo que está estabelecido por sentença divina” enquanto costume imemorable); dessa mesma união, renascem as *Moîrai* (“partes, porções”, nota aos versos 904-906), agora como aspecto positivo da partilha divina aos mortais.

Ao desposar *Eurynóme* (“ampla partilha”), deusa “pluriamorable”, amplia seu domínio para o aspecto prazeroso da vida: são geradas as *Khárites* (“graças”), que se manifestam na radiância (*Aglaía*), na alegria (*Euphrosýne*) e na exuberância das festas (*Thalía*), e que despertam a atração amorosa de Eros.

Como esposo de Deméter e pai de Perséphone, estende sua influência à agricultura e à potência subterrânea de fecundidade. Com *Mnemosýne* (“memória”), gera as Musas, que presidem o dom do canto e da palavra (vide notas aos versos 26-28, 54-55,

88); com Leto, eleva esse dom à profecia ao gerar Apollo (vide notas aos versos 26-28, 35), e intervém na vida selvagem como pai de Ártemis.

Finalmente, com Hera, deusa do matrimônio, precede o domínio da juventude (*Hébe*), da guerra e da destruição (*Áres*), e do parto (*Eileíthya*), gerando irmãos que se vinculam na sucessão das gerações: a raça dos homens adolece (Hebe), consoma-se na guerra (Ares) e se renova (Ilithya) (TORRANO, in. HESÍODO, 2003, p. 66).

895: O epíteto “Tritogênia” se refere à deusa Athena, mas não existe consenso para seu significado: *trito-* pode tanto ter relação com o número três como com possíveis locais do nascimento da deusa associados à água, especialmente o lago Tritônis, na Líbia. Não deixa de ser interessante a recorrência do afixo em contextos aquáticos, como nos nomes *Amphitríte* (neta de Ponto-mar, filha de Nereu, esposa de Posêidon), *Trítion* (filho de Amphitrite e Posêidon), e o próprio tridente (*tríaina*) de Posêidon.

Na *Theogonia*, em específico, interessa o contexto no qual esse epíteto não ingenuamente foi empregado para prenunciar o nascimento da deusa, e não parece de todo insensato lê-lo como “a que nasceu por três”: por si mesma, por seu irmão não nascido (v. 897) e por Métis-astúcia, antes engolida por Zeus. Se por si mesma Athena possui, tal como o pai, “furor e sensata vontade” (v. 896), o “soberbo-brutal coração” (v. 898) de seu irmão não nascido se manifesta na deusa em seu quinhão considerável na guerra (v. 925-926), bem como a sabedoria-astúcia de Métis nos estratégias militares (“guiadora-da-hoste”, v. 925) e em seu *status* como deusa maior da sabedoria. O número três ainda está na sequência de seus epítetos *egrekýdoimon agéstraton atrytónen*, respectivamente, “ergue-tropel, guiadora-da-hoste, inexausta” (assim dispostos sem interrupção no verso grego) e de seus interesses *kéladoi, pólemoi, mákhai*, respectivamente, “barulhos, guerras, batalhas”.

Assim, mesmo que o entendimento de *tritogéneia* assumisse outros sentidos em contextos os mais diversos, não consta gratuitamente na *Theogonia*, e é possível que se pretenda explicado pelo número três como contextualização da natureza da poderosa deusa. Essa intenção didático-poética de evidenciar e ressignificar nomes e epítetos na *Theogonia* não é novidade (v. 144-145, 195-200, 207-209, etc.).

901: Comumente associadas às estações, ao cultivo e à maturação (*hóra* = “estação, período”), as *Hórai* recebem uma relação etimológica com o verbo *oreúousi* (“olham, zelam”) em Hesíodo, sendo possível entendê-las como “as vigilantes, as zeladoras”

(WEST, 1966, p. 406). Esse título é coerente com seus nomes: legalidade (*Eunomia*), justiça (*Dike*) e paz (*Eiréne*).

904-906: Se as *Moîrai* (“partes, porções”) já apareceram nos versos 217-219 como filhas de Nyx-noite, assumem uma nova face enquanto filhas de Zeus e Thêmis-norma. Situadas na linhagem noturna, representam a fatalidade dos lotes de bem e de mal, inexoravelmente atribuídos à vida restrita dos mortais; como descendentes do pai supremo e da mãe judiciosa, constituem o aspecto positivo dessa partilha sob a sentença divina de ordenação (TORRANO, in. HESÍODO, 2003, p. 65).

1019-1022: Os quatro versos em questão anunciam outro poema atribuído a Hesíodo: o *Catálogo das Mulheres*, que só sobreviveu na forma de fragmentos. Nele, o aedo traçaria outra genealogia, narrando vidas das antigas heroínas e suas uniões amorosas com os deuses, bem como o decorrente nascimento de semideuses e heróis.

5- APÊNDICE: OS NOMES DA *THEOGONIA*

Este apêndice apresenta um resumo de personagens e localizações registradas na *Theogonia*, com breves menções a aspectos que as distinguem, sùmulas genealógicas e esclarecimentos sobre nomes que não foram traduzidos na obra. Na tradução desses nomes, proponho ora uma ideia mais estável, ora uma ideia mais geral sobre sua significação (no caso de nomes compostos, mais difíceis de precisar). Em alguns casos, essas explicações onomásticas não passam de conjecturas etimológicas; em outros, julguei prudente não arriscar qualquer conjectura sem um estudo mais aprofundado. Assim, a redundância dos casos em que nada mais é dito além do que já está posto na *Theogonia* serve também como uma declaração indireta sobre a obscuridade dessas figuras mitológicas. Ressalto ainda que apenas mantive a grafia estrangeirizante nos nomes que constam na *Theogonia*; para referentes externos à obra, mantive a vernaculização habitual.

É certamente um equívoco colocar os deuses em “caixinhas”, como se seus domínios fossem plenamente definidos em uma esfera de atuação restrita no mundo dos mortais. O politeísmo grego podia incorporar, em sua vivência essencialmente plural, um trato bastante difuso entre suas divindades de culto; um deus, inclusive, podia ter muitas atribuições, tantas quantas demandasse determinada comunidade. No entanto, o objetivo deste apêndice é, acima de tudo, situar os leitores: antes de exposições exaustivas, proponho um guia rápido como ferramenta de leitura, na esperança de que possa enriquecer a experiência principalmente daqueles que não estão familiarizados com a literatura antiga. O caráter muitas vezes reiterativo desta seção decorre da função meramente instrumental à qual ela se pretende.

Admete: “Indomada, virgem”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Aello: “Tempestuosa, rajada”, uma das Harpyias, filha de Elektra e Thaumante.

Agave: “Ilustre”, 1) uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu; 2) princesa de Thebas, filha de Harmonia e Kadmo.

Aglaia: “Radiância”, uma das Khárites, filha de Eurýnome e Zeus, esposa de Hephesto.

Ágrio: “Agreste”, soberano tirreno (na Península Itálica, mas não necessariamente associado apenas aos etruscos), filho de Odysseu e Circe.

Akaste: Uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Akheloo: Um dos Pótamos, rio da Etólia, filho de Oceano e Téthys.

Akhilles: Célebre guerreiro grego, personagem principal da *Ilíada*, filho de Peleu e Thétis.

Aktaié: “Costeira”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Aldesko: Um dos Pótamos, rio da Trácia, filho de Oceano e Téthys.

Álgeas: “Dores”, filhos de Éris (“discórdia”).

Alkmena: Mãe de Hérakles, esposa de Amphitryão.

Alpheu: Um dos Pótamos, rio da Arcádia, filho de Oceano e Téthys. Seu nome talvez fosse associado às palavras “branco” ou “cevada”.

Amphigyeu: “Torto em ambos os lados”. Traduzido como “ambicoxo”, é um epíteto do deus Hephesto (vide nota ao verso 571). A vernaculização do epíteto como “Anfigieu” já é atestada na tradução da *Theogonia* de Ana Elias Pinheiro e José Ribeiro Ferreira.

Amphillogias: “Discussões”, filhas de Éris (“discórdia”).

Amphiro: “Circunfluida”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Amphitrite: Rainha do mar, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu, esposa de Posêidon e mãe de Tritão.

Amphitryão: Pai adotivo de Hérakles, esposo de Alkmena.

Amphitryonida: “Filho de Amphitryão”; nesse caso, filho de criação, já que se trata de Hérakles.

Androktasias: “Homicídios, carnificinas”, filhas de Éris (“discórdia”).

Ankhises: Chefe troiano, amante mortal de Aphrodite e pai do célebre Eneias.

Apaté: “Engano, traição”, filha de Nyx e irmã próxima de Philotes (“amor”, como relação de intimidade).

Apesanto: Monte localizado em Nemeia, no Peloponeso.

Aphrodite: Célebre deusa olímpica do amor e da sexualidade, descendente de Urano, mãe de Phobo, Deimo, Harmonia e Eneias.

Apollo: Um dos mais influentes olímpicos, deus da luminosidade, da música, da poesia, da profecia, da cura, dentre outros domínios. Filho de Zeus e Leto, irmão gêmeo de Ártemis.

Ares: Deus olímpico da guerra e da devastação, filho de Zeus e Hera.

Arges: “Clarão”, um dos Cýklopes, filho de Urano e Gaia.

Argos: Cidade grega da Argólida, na região do Peloponeso.

Ariadne: Princesa de Kreta e, posteriormente, esposa do deus Dionyso.

Arimos: Desde a antiguidade não é claro se se trata de um povo ou de uma região montanhosa, nem é clara sua localização. É comumente associado ao monstro Typhão/Typheu.

Aristeu: “O melhor”, deidade menor da vida campestre, filho de Apollo, esposo de Autooné e pai do caçador Akteão.

Ártemis: Deusa olímpica da caça, senhora das feras, filha de Leto e Zeus e irmã gêmea de Apollo.

Ásia: Uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Astéria: “Estelar”, filha de Phebe e Koio, esposa de Perses e mãe de Héka-te.

Astreu: “Estrelado”, filho de Krio e Eurýbia, esposo de Éos, pai dos ventos Zéphyro, Bóreas e Noto e do astro Héosphoro.

Até: “Perdição, loucura, ruína”, filha de Éris (“discórdia”).

Athena: Poderosa deusa olímpica da guerra estratégica e da sabedoria, filha de Zeus e Métis, tardiamente também associada às artes e à democracia.

Atlântica: “Filha de Atlas”.

Atlas: Filho de Jápeto e Klýmene, irmão de Prometheu, condenado por Zeus a sustentar o céu sobre seus braços.

Átropo: “Inescapável, inflexível”, uma das Moiras, responsável por cortar o fio da vida.

Autonoé: “Cônscia”, 1) uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu; 2) princesa de Thebas, filha de Harmonia e Kadmo, esposa de Aristeu e mãe do caçador Akteão.

Bellerophontes: Célebre herói grego, conhecido principalmente por matar a Khimera e montar o cavalo Pégaso. O sufixo *-phontes* significa “matador”.

Bia: “Força bruta, violência”, filha de Estyge e Pallante, irmã próxima de Krato (“poder”) e acompanhante de Zeus.

Bóreas: Vento do Norte, filho de Astreu e Éos.

Briareu: “Robusto”, um dos Hekatônkhios, filho de Urano e Gaia, esposo de Cymopoleia.

Brontes: “Trovejante”, um dos Cýklopes, filho de Urano e Gaia.

Céphalo: Amante mortal de Éos, pai de Phaethonte.

Cérbero: Cão de cinquenta cabeças, guardião do Hades, filho de Typhão e Ekhidna.

Cerceida: Talvez “tecelã, lançadeira”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Ceto: Matriarca da linhagem de monstros, filha de Gaia e Ponto, esposa de Phórcys e mãe das Graias, Górgonas e Ekhidna. Seu nome é também usado para designar criaturas marinhas de grande porte em geral, principalmente a baleia.

Circe: Poderosa feiticeira, filha de Perseida e Hélio, amante de Odysseu, mãe de Ágrio, Latino e Telégono.

Cyanokhaités: Também traduzido como “cabeleira-azulada”, é um epíteto do deus Posêidon. De modo diverso, é possível entender o adjetivo simplesmente como “o de cabelos escuros” (vide nota ao verso 278).

Cýklopes: “Os de olho circular”, Bron-tes, Estéropes e Arges, gigantes de apenas um olho no meio da testa, filhos de Urano e Gaia, doadores do raio e do trovão a Zeus.

Cymatolege: “A que cessa ondas”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Cymó: “Ondina”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Cymodocé: “A que recebe ondas”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Cymopoleia: “A que vagueia pelas ondas”, filha de Posêidon e esposa de Briareu.

Cymothoé: “Onda veloz”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Cypro: Do grego *Kýpros*, trata-se da ilha de Chipre, um dos principais locais de culto à deusa Aphrodite.

Cyprogênia: “Nascida em Cypro (Chipre)”, epíteto da deusa Aphrodite.

Cythera: Ilha grega ao sul do Peloponeso, local de culto à deusa Aphrodite.

Cythéria: Epíteto de Aphrodite, relativo à ilha de Cythera. “Citereia” é uma forma alternativa de vernaculização.

Daimon: “Nume, gênio, demônio”, deidade menor, geralmente um espírito guardião.

Deimo: “Terror”, filho de Ares e Aphrodite.

Deméter: Deusa olímpica da agricultura e da fertilidade, filha de Rheia e Krono. Desposada por Zeus, é mãe de Per-

séphone; pelo amante Jásio, mãe de Pluto. Originalmente, talvez seu nome significasse “mãe terra”.

Dicé: “Justiça”, no domínio dos mortais. É uma das Horas, filha de Thêmis e Zeus.

Dione: Uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano. Seu nome pode funcionar como versão feminina de “Zeus”. Em Homero, uma Dione diversa é posta como mãe de Aphrodite.

Dionyso: Deus olímpico do vinho e do florescimento, filho de Zeus e Semele, esposo de Ariadne.

Dóris: “Dádiva”, 1) uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano, esposa de Nereu e mãe das Nereidas; 2) uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Doto: “Dadivosa”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Dynâmene: “Potente”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Dysnomia: “Ilegalidade, desordem”, filha de Éris (“discórdia”). Do grego *dys-* (“mau”) + *nómos* (“lei”). Oposta a Eunomia, filha de Zeus e Thêmis.

Éako: Rei mítico da ilha de Egina, filho de Zeus e da ninfa Egina, amante de Psamathé e pai de Phoko. Como esposo da rainha Endeis, foi pai de Peleu e, portanto, avô de Akhilles. Posteriormente, foi posto como um dos juízes do submundo.

Edoneu: Variante de “Hades”, deus dos mortos.

Eetes: Rei da Cólquida, filho de Hélio e Perseida, esposo de Idyia e pai de Medeia

Egífero: Versão latinizada do epíteto “egíaco”, i. e., “aquele que detém a égide”, escudo lendário de Zeus e Athena. Ambas as formas vernáculas já constam na *Ilíada* de Odorico Mendes.

Eioné: “Praiana”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Ekhidna: “Víbora”, filha de Ceto e Phórcys, amante de Typhão e mãe de Ortho, Cérbero e da Hydra de Lerna.

Elektra: “Ambarina”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano, esposa de Thaumante e mãe de Íris e das Harpyias.

Eleuthera: Cidade entre a Ática e a Beócia, um dos locais de culto à deusa Mnemosyne.

Emathião: Um dos reis etíopes (tribo mítica do norte de África, ainda não associada à Etiópia atual), filho de Tithono e Éos, irmão de Mêmnon.

Eneias: Guerreiro troiano, filho de Anchises e Aphrodite, personagem principal de *Eneida* e ancestral dos romanos.

Ennosigeu: Traduzido como “tremeterra”, é um epíteto do deus Posêidon. A vernaculização desse adjetivo já é atestada na *Ilíada* de Odorico Mendes.

Ênyo: Uma das Graias, filha de Ceto e Phórcys. Em Homero, uma “Ênyo” diversa é posta como divindade menor da guerra.

Éos: “Aurora”, ilustre filha de Theia e Hypérion. Como esposa de Astreu, é mãe dos ventos Zéphyro, Bóreas e Noto, e do astro Heósphoro; como amante de Tithono, foi mãe de Mêmnon e de Emathião; como amante de Céphalo, foi mãe de Phaethonte.

Epimetheu: “Pós-vidente, o que pensa depois”, irmão tolo de Prometheu, filho de Jápeto e Klýmene.

Érato: “Amável, atraente”, 1) uma das Musas, filha de Mnemosyne e Zeus; 2) uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Érebo: “Escuridão”, mais especificamente das regiões do Tártaro, prisão dos imortais por excelência.

Erídano: Talvez “o queimado cedo” (aludindo ao mito de Phaethonte, filho de Hélio), um dos Pótamos, rio lendário do Norte, filho de Oceano e Téthys.

Erigênia: Traduzido como “cedo-nascente”, é um epíteto de Éos, a auro-ra.

Erínyas: Deidades da vingança, filhas de Gaia e do sangue de Urano. Seu equivalente latino são as Fúrias.

Éris: “Discórdia, disputa”, filha de Nyx e mãe das aflições.

Eros: “Amor”, como princípio universal da atração, uma das divindades primordiais e, posteriormente, acompanhante de Aphrodite.

Erytheia: “Rubra”, também vernaculizada como “Erítia”, trata-se de uma ilha mítica além do Oceano, onde Geryoneu guardava seu gado.

Esão: Antigo rei de Iolko, pai de Jasão. Teve o trono usurpado por seu meio-irmão, Pélias.

Esepo: Um dos Pótamos, rio da antiga Trôade, filho de Oceano e Téthys.

Eskamandro: Um dos Pótamos, rio da antiga Trôade próximo à cidade de Troia, filho de Oceano e Téthys.

Esonida: “Filho de Esão”, i. e., Jasão.

Espeió: “Gruta”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Estéropes: “Relampejante”, um dos Cýklopes, filho de Urano e Gaia.

Esthenno: “Vigorosa”, uma das Górgonas, filha de Ceto e Phórcys.

Estrýmon: Um dos Pótamos, rio da Trácia, filho de Oceano e Téthys.

Estyge: “Execrável”, mais proeminente das Oceaninas, deidade aquática e rio do submundo, filha de Téthys e Oceano. Como esposa de Pallante, foi mãe de Zelo, Nice, Krato e Bia; por Zeus, suas águas foram estabelecidas como “grande juramento dos deuses”.

Éther: “Éter, ar superior”, filho de Érebo e Nyx, irmão de Hemera.

Eudora: “Bela dádiva”, 1) uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu; 2) uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Eukrante: “Belo êxito”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Eulímene: “Bela baía”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Eunice: “Bela vitória”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Eunomia: “Legalidade, ordem”, uma das Horas, filha de Thêmis e Zeus. Do grego *eu-* (“bom”) + *nómos* (“lei”). Oposta a Dysnomia.

Euphrosyne: “Alegria”, uma das Khárites, filha de Eurýnome e Zeus.

Eupompe: “Boa guia”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Europa: “Ampla visão/face/voz”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Eurýale: “Ampla andança”, uma das Górgonas, filha de Ceto e Phórcys.

Eurýbia: “Ampla força”, filha de Gaia e Ponto, esposa de Krio e mãe de As-treu, Pallante e Perses.

Eurýnome: “Ampla partilha”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano, terceira esposa de Zeus e mãe das Khárites.

Eurytião: Talvez “amplo valor” ou “bom defensor”, pastor do gado de Geryoneu na ilha mítica de Erytheia, parceiro do cão Ortho.

Euterpe: “Belo prazer”, uma das Músicas, filha de Mnemosyne e Zeus.

Eváгоре: “A que reúne bem”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Evarne: “Bela cordeira/a do bom rebanho”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Eveno: Um dos Pótamós, rio da Etólia, filho de Oceano e Téthys.

Gaia: “Terra”, divindade primordial, sede irresvalável da vida, grande matriarca do cosmos, suma potência de fecundidade e mudança. Mãe e esposa de Urano, com quem gerou os Titãs, os Cýklopes e os Hekatônkhios; mãe e esposa de Ponto, com quem gerou Nereu, Thaumante, Phórcys, Ceto e Eurýbia; esposa de Tártaro, com quem gerou Typhéu; mãe dos Óreas, das Erínyas, dos Gigantes e das ninfas Melíades.

Galateia: “Láctea”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Galaxaura: “Brisa láctea”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Galene: “Plácida”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Geras: “Velhice”, filho de Nyx.

Geryoneu: Talvez “o berrante”, mortal de três cabeças, habitante da ilha mítica de Erytheia, onde guardava seu gado até Hérakles roubá-lo. Filho de Khrysáor e Kallirroé, dono do cão Ortho. Alternativamente chamado “Gérion/Gerião”.

Glauce: “Glauc”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Glaukonomé: “Partilha glauca (do mar)”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Glaukópis: Traduzido como “olho-de-glauc”, é um epíteto da deusa Athena, embora também possa significar “a dos olhos cintilantes” (vide nota ao verso 13). A vernaculização para “Glaucopide” é atestada na *Ilíada* de Odorico Mendes.

Górgonas: Esthenno, Eurýale e Medusa, tradicionalmente tidas como mulheres serpentina que petrificam só de olhar, filhas de Ceto e Phórcys. Geralmente entendidas como “as torvas” (do adjetivo *gorgós*), embora o próprio adjetivo talvez tenha derivado do nome em questão.

Graias: “Velhas”, Pemphredo e Ênyo, filhas de Ceto e Phórcys. Apesar de tradicionalmente conhecidas como seres caquéticos que compartilham apenas um olho entre si, esse provavelmente não é o caso na *Theogonia*, onde apenas o fato de serem grisalhas é mencionado (além de terem, ironicamente ou não, um “lindo semblante”).

Grâniko: Um dos Pótamós, rio da antiga Trôade, filho de Oceano e Téthys.

Gyges: Talvez “membrudo” ou “encurvado” (a partir da variante grega *Gýes*),

um dos Hekatônkhiros, filho de Urano e Gaia.

Hades: Deus dos mortos e do submundo, filho de Krono e Rheia, esposo de Perséphone. Seu nome também é usado para designar o próprio reino dos mortos.

Haliákmon: Talvez “bigorna do mar”, rio da Macedônia (Grécia), filho de Oceano e Téthys.

Halimede: “Guardiã/senhora do mar”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Harmonia: Deusa da harmonia e da concórdia, filha de Aphrodite e Ares, esposa de Kadmo, mãe de Ino, Semele, Agave, Autonoé e Polydoro.

Harpurias: “Raptoras”, Aello e Ocýpete, criaturas com corpo de ave de rapina e busto de mulher, filhas de Elektra e Thaumante.

Hebe: “Juventude”, filha de Hera e Zeus, esposa de Hérakles após este se tornar imortal.

Hékate: Filha de Astéria e Perses, poderosa deusa intercessora das preces e dos sacrifícios (vide nota aos versos 411-452). Sua associação com a magia é tardia.

Hekatônkhiros: “Os de cem braços, centímanos”, Kotto, Briareu e Gyges, filhos de Urano e Gaia, aliados de Zeus na guerra contra os Titãs.

Hélikon: “Sinuoso”, grande e numinoso monte da Beócia, uma das habitações das Musas, local da iniciação poética de Hesíodo.

Hélio: “Sol”, esplêndido filho de Hypérion e Theia; unido a Perseida, foi pai de Circe e Eetes.

Hemera: “Dia”, filha de Nyx (“noite”) e Érebo (“escuridão”).

Heósphoro: “O que traz a aurora”, filho de Astreu e Éos, equivalente à estrela d’alva (o planeta Vênus). Dentre seus nomes alternativos, está “Phósphoro” (“o que traz a luz”), cujo correspondente latino é “Lúcifer”.

Hephesto: Deus olímpico do fogo e da metalurgia, filho somente de Hera na *Theogonia*, esposo de Aglaia. De acordo com a tradição homérica, desposou Aphrodite, é coxo e corno.

Heptaporo: “Sete vias”, um dos Pótamos, rio da antiga Trôade, filho de Oceano e Téthys.

Hera: Célebre deusa olímpica do matrimônio, filha de Rheia e Krono, perseverante esposa de Zeus e mãe de Hebe, Ares e Ilithyia. Sozinha, ainda gerou o deus Hephesto.

Hérakles: “Glória de Hera”, famoso herói grego, filho de Zeus e Alkmene (e adotivo de Amphitryão), esposo de Hebe após se tornar imortal.

Hermes: Deus olímpico do comércio, das estradas, dos viajantes e dos arautos,

mensageiro dos deuses, filho de Zeus e Maia.

Hermo: Um dos Pótamoi, rio da antiga Lídia, filho de Oceano e Téthys.

Hespérides: “Vespertinas”, deidades do poente nos confins do mundo, guardiãs das maçãs douradas, filhas de Nyx.

Héstia: “Lareira”, deusa olímpica do lar, da família e do fogo doméstico, posteriormente também do Estado, filha de Rheia e Krono.

Hímero: “Desejo”, seguidor de Aphrodite e Eros; nas festas, acompanhante das Musas e das Khárites.

Hippo: “Equina”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Hippokrene: “Fonte do cavalo”, nascente localizada no monte Hélikon; segundo a lenda, foi fendida pelos cascos do cavalo Pégaso e despertava inspiração poética a quem bebesse de suas águas.

Hippoité: “Égua sagaz”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Hippoité: “Égua veloz”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Horas: A palavra significa “estações”, mas Hesíodo a propõe como “as zeladoras” (vide nota ao verso 901) enquanto divindades do bem-estar social. São Eunomia, Dicé e Irene, filhas de Thêmis e Zeus.

Horko: “Juramento”, filho de Éris (“discórdia”).

Hydra: Serpente aquática de várias cabeças que se multiplicavam ao serem cortadas, clássica inimiga de Hérakles, filha de Ekhidna e Typhão e talvez mãe da Khimera. Seu nome está diretamente associado à palavra “água”.

Hypérion: “O que está acima”, um dos Titãs, filho de Urano e Gaia, esposo de Theia e pai de Hélios, Selene e Éos.

Hyperionida: “Filho de Hypérion”, i. e., Hélios.

Hypno: “Sono”, filho de Nyx (“noite”), irmão próximo de Thánatos (“morte”).

Hysminai: “Combates, lutas”, filhas de Éris (“discórdia”).

Ida: Famoso monte da antiga Tróade, na atual Turquia, local de diversos episódios da mitologia antiga, tradicionalmente consagrado à deusa frígia Cibele. Um monte homônimo se localiza na ilha de Kreta.

Idia: “Sábida”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano, esposa de Eetes e mãe de Medeia.

Ilithia: Deusa da gestação e do parto, filha de Hera e Zeus. Seu nome talvez fosse associado à ideia de “vir/trazer”.

Ino: Rainha mítica de Orcômeno, na Beócia, filha de Harmonia e Kadmos, posteriormente transformada na deidade marinha Leucoteia.

Iolau: Herói tebano, sobrinho e companheiro de Hérakles, com destaque na batalha contra a Hydra de Lerna.

Iolko: Cidade da Tessália onde reinou Pélias, usurpador do trono de seu meio-irmão, Esão, o pai de Jasão.

Irene: “Paz”, uma das Horas, filha de Thêmis e Zeus.

Íris: “Arco-íris”, mensageira dos deuses (sempre relacionada ao ar), filha de Elektra e Thaumante.

Istro: Um dos Pótamos, rio do nordeste da Europa e da antiga Cítia (atual Rio Danúbio), filho de Oceano e Téthys.

Janeira: Uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Janthe: “Violeta”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Jápeto: Um dos Titãs, filho de Urano e Gaia, esposo de Klýmene e pai de Atlas, Menécio, Prometheu e Epimetheu. Seu nome pode ser associado ao verbo “disparar, ferir”.

Japetonida: “Filho de Jápeto”, i. e., Prometheu.

Jasão: Famoso líder dos Argonautas, incumbido de roubar o Velocino de Ouro; filho de Esão, esposo de Medeia e pai de Medeio.

Jásio: Atraído por Deméter durante o casamento de Kadmo e Harmonia, foi amante da deusa e pai de Pluto. Alternativamente chamado “Jasión”.

Kadmeia: “Filha de Kadmo”.

Kadmeus: Descendentes de Kadmo.

Kadmo: Célebre herói grego, fundador e primeiro rei de Thebas, matador do

dragão de Ares e semeador dos guerreiros “espartos”, esposo de Harmonia e pai de Ino, Semele, Agave, Autonoé e Polydoro.

Kaiko: Um dos Pótamos, rio no sul da antiga Mísia, filho de Oceano e Téthys.

Kallíope: “Bela voz”, uma das Musas, filha de Mnemosyne e Zeus.

Kallirroé: “Bela fluência”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano, esposa de Khrysáor e mãe de Geryoneu.

Kalypso: “Ocultadora”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano, amante de Odysseu, mãe de Nausíthoo e Nausínoo. Em algumas versões, é tida como filha de Atlas.

Ker: “Fatalidade”, filha de Nyx.

Keres: “Fatalidades”, enquanto divindades que apontam a fatalidade propriamente dita, filhas de Nyx.

Kháos: “Abysmo” (vide nota aos versos 116, 700, 814), divindade primordial indefinida e insondável, primeiríssimo nascimento do cosmos, pai-mãe de Nyx (“noite”) e Érebo (“escuridão”).

Khárites: “Graças”, Aglaia, Euphrosyne e Thalia, divindades da beleza e companheiras das Musas, filhas de Eurýnome e Zeus.

Khimera: “Cabra”, criatura esdrúxula de três cabeças (leão, cabra e serpente), provavelmente filha da Hydra de Lerna, amante do cão Ortho e mãe de Phix e do Leão de Nemeia.

Khíron: Centauro filho de Philyra, célebre instrutor de inúmeros heróis, dentre os quais estão Akhilles e Jasão.

Khrysáor: “Espada dourada”, filho de Medusa, irmão do cavalo Pégaso, esposo de Kallirroé e pai de Geryoneu.

Khryseida: “Dourada”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Klio: “Gloriosa”, uma das Musas, filha de Mnemosyne e Zeus.

Klotho: “Fiandeira”, uma das Moiras, responsável por tecer o fio da vida.

Klýmene: “Afamada”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano, esposa de Jápeto e mãe de Atlas, Menécio, Epimetheu e Prometheu.

Klýtia: “Famosa”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Koio: O mesmo que “Céos” (vide nota ao verso 13), um dos Titãs, filho de Urano e Gaia, esposo de Phebe e pai de Leto e Astéria. Seu nome grego evoca a expressão “qual, de que tipo?”, e pode sugerir uma vaga associação com o conhecimento ou com a investigação dos astros.

Koras: “Moças”, coletivo genérico pelo qual são chamadas as Oceaninas, filhas de Téthys e Oceano.

Kotto: Talvez “o rancoroso”, um dos Hekatônkhíros, filho de Urano e Gaia.

Krato: “Poder”, filho de Pallante e Estyge, irmão próximo de Bia (“força”) e acompanhante de Zeus.

Kreta: Ilha grega no sul do Egeu, principalmente associada ao nascimento de Zeus e ao mito de Theseu e o Minotauro.

Krio: Um dos Titãs, filho de Urano e Gaia, esposo de Eurýbia e pai de Astreu, Pallante e Perses. Seu nome pode significar “carneiro, arietino” e ter relação com a constelação de Áries.

Kronida: “Filho de Krono”, epíteto de Zeus.

Kroníon: O mesmo que “Kronida”, i.e., “filho de Krono”, epíteto de Zeus.

Krono: O mais proeminente dos Titãs, segundo regente na sucessão da linhagem celestial, filho de Urano e Gaia, pai de Posêidon, Hades, Deméter, Héstia, Hera e Zeus. Não possui nenhum atributo explícito como “deus do tempo” (vide nota ao verso 136).

Ládon: Um dos Pótamos, rio da Arcádia e afluente do Alpheu, filho de Oceano e Téthys.

Lákthesis: “Sorteadora”, uma das Moiras, responsável por puxar o fio da vida e distribuir o quinhão de cada mortal.

Laomedeia: “Rainha/guardiã do povo”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Latino: Soberano tirreno (na Península Itálica, mas não necessariamente associado apenas aos etruscos), filho de Odysseu e Circe.

Leiágore: “A que reúne o povo”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Lerna: Região alagadiça na costa leste do Peloponeso, ao sul de Argos, famosa morada da Hydra.

Lethe: “Esquecimento”, filha de Éris (“discórdia”).

Leto: Filha de Phebe e Koio, amante de Zeus e mãe de Ártemis e Apolo.

Limo: “Fome”, filha de Éris (“discórdia”).

Logos: “Palavras, palavreados, enredos”, filhos de Éris (“discórdia”).

Lykto: Importante cidade da ilha de Kreta, associada ao nascimento de Zeus.

Lysianassa: “Senhora da soltura”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Maia: Filha de Atlas, amante de Zeus e mãe do deus Hermes. Seu nome significa “mãe”, especialmente como forma de tratamento respeitoso a mulheres mais velhas.

Makhas: “Batalhas”, filhas de Éris (“discórdia”).

Meandro: Um dos Pórtamos, rio da antiga Cária, filho de Oceano e Téthys.

Medeia: Filha de Idyia e Eetes, esposa de Jasão e mãe de Medeio. É tradicionalmente associada à feitiçaria, como sacerdotisa da deusa Hécate, e conhecida por ter matado dois de seus filhos depois de ser abandonada por Jasão. Seu nome significa “ponderada, ardilosa”.

Medeio: Único filho de Jasão e Medeia mencionado na *Theogonia*. Alternativamente chamado “Medo”, pode ser uma versão grega do rei epônimo dos medos, antigo povo do Planalto Iraniano.

Medusa: “Rainha, guardiã”, única mortal e mais famosa das Górgonas, filha de Ceto e Phórcys, amante do deus Posêidon e mãe de Khrysáor e Pégaso depois de ser morta por Perseu.

Mekone: Talvez o antigo nome da cidade de Sícion, no norte do Peloponeso. É onde Prometeu tentou enganar Zeus, durante o acordo entre deuses e mortais para estabelecer as regras sacrificiais.

Meliádes: “As dos freixos”, ninfas belicosas nascidas de Gaia e do sangue de Urano. Da madeira do freixo eram fabricadas lanças.

Melité: “Doce (como o mel), suave”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Melobósis: “Nutriz das ovelhas”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Melpômene: “Celebrante”, uma das Musas, filha de Mnemosyne e Zeus.

Mêmnon: Um dos reis etíopes (tribo mítica do norte de África, ainda não associada à Etiópia atual), filho de Tithono e Éos, irmão de Emathião.

Menécio: Filho de Jápeto e Klýmene, irmão de Atlas, Epimetheu e Prome-

theu. Por conta de sua arrogância, foi lançado ao Tártaro por Zeus. Seu nome talvez significasse “o de furor malfadado”.

Menestho: Talvez “resistente” ou “intensa”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Menippe: “Furor equino”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Métis: “Astúcia” e, de modo geral, toda manifestação de sabedoria em sua forma prática. Uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano, primeira esposa de Zeus e mãe de Athena.

Minos: Rei mítico de Kreta associado ao labirinto do Minotauro, filho de Zeus e da princesa fenícia Europa, esposo de Pasífae e pai de Ariadne. Posteriormente, foi posto como um dos juízes do submundo.

Mnemosyne: “Memória”, uma das Titânides, filha de Gaia e Urano, amante de Zeus e mãe das Musas.

Moiras: “Partes, porções, sinas”, Klotho, Lákhesis e Átropo, 1) filhas de Nyx, como aspecto negativo do destino que rege a vida dos mortais; 2) filhas de Thêmis e Zeus, como estabelecimento da ordenação divina sobre a humanidade (vide nota aos versos 904-906).

Momo: “Reprimenda, escárnio, ridículo”, filho de Nyx.

Monte Egeu: “Monte da cabra”, localizado na ilha de Kreta, sob o qual o recém-nascido Zeus foi escondido.

Moro: “Lote, fado”, filho de Nyx.

Musas: As nove filhas de Mnemosyne e Zeus, que presidem o dom do canto, da eloquência e da poesia.

Nausínoo: “Nau sagaz”, filho de Odysseu e Kalypso, irmão de Nausíthoo.

Nausíthoo: “Nau veloz”, filho de Odysseu e Kalypso, irmão de Nausínoo. Na *Odisseia*, chama-se Nausíthoo o rei dos feácios da geração anterior à de Odysseu, pai de Alcínoo (que recebe Odysseu em sua corte) e filho de Posêidon.

Nêiceas: “Conflitos, brigas”, filhos de Éris (“discórdia”).

Nemeia: Antiga região no norte do Peloponeso, onde Hérakles derrotou o famoso Leão de Nemeia.

Nemertés: “Infalível”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Nêmesis: “Indignação, retribuição”, filha de Nyx.

Nereidas: “Filhas de Nereu”, cinquenta moças/deidades aquáticas que refletem os aspectos positivos do mar.

Nereu: Filho de Ponto (“mar”) e Gaia (“terra”), velho sábio e benevolente, esposo de Dóris e pai das Nereidas.

Nesaié: “Ilhoa”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Neso: “Ilheia”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Nesso: Um dos Pótamos, rio da Trácia, filho de Oceano e Téthys.

Nice: “Vitória”, filha de Estyge e Palante, irmã próxima de Zelo (“zelo, inveja, rivalidade”) e acompanhante de Zeus.

Nilo: Um dos Pótamos, rio do Egito, filho de Oceano e Téthys.

Noto: Vento do Sul, filho de Astreu e Éos.

Nymphas: “Moças, noivas”, deidades menores ligadas à natureza (árvores, montanhas, fontes). O uso genérico da palavra pode simplesmente designar “uma moça jovem e graciosa”.

Nyx: “Noite”, filha de Kháos (“abysmo”) irmã de Érebo (“escuridão”), mãe dos aspectos lúgubres e obscuros da vida; como amante de Érebo, porém, é também de Hemera (“dia”) e Éther (“éter, ar superior”).

Obriareu: Uma variante de “Briareu”, um dos Hekatônkhios.

Oceaninas: “Filhas de Oceano, oceânicas”, deidades associadas ao mar, às brisas, às fontes, aos campos, e inclusive às bênçãos divinas, alternativamente chamadas de “Oceânides”.

Oceano: O mais velho dos Titãs, rio supremo que circunda a terra e estabeleceu os limites do mundo habitável, filho de Urano e Gaia, esposo de Téthys, pai das Oceaninas e dos Pótamos.

Ocýpete: “Voo veloz”, uma das Harpýias, filha de Elektra e Thaumante.

Ocyroó: “Fluxo veloz”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Odysseu: Célebre herói grego e rei de Ítaca, personagem principal da *Odisseia*, conhecido por sua astúcia. Esposo de Penélope, com quem teve o filho Telêmaco; amante de Circe e de Kalypso.

Oizys: “Aflição, lamúria”, filha de Nyx.

Olmeio: Localizado no Monte Hélikon, provavelmente se trata de um manancial, tal como o Permesse e a fonte Hippokrene, em torno dos quais as Musas costumam dançar após se banharem.

Olympo: Monte da Tessália, local do palácio de Zeus e morada definitiva dos deuses maiores após a derrota dos Titãs.

Oniros: “Sonhos”, filhos de Nyx (“noite”), irmãos próximos de Hypno (“sono”).

Óreas: “Montes”, filhos de Gaia (“terra”) sozinha, abrigo das Nymphas.

Ortho: “Ereto” (ou “crepúsculo, antemanhã”, segundo a variante “Orthro”), cão de duas cabeças que, com Eurytião, guardava os rebanhos de Gerioneu, morto por Hérakles. Era filho de Typhão e Ekhidna, amante da Khimera e pai de Phix (Esfinge) e do Leão de Nemeia.

Óthrys: Monte localizado no sul da Magnésia, base dos Titãs durante os dez anos da Titanomaquia.

Pallante: Filho de Krio e Eurýbia, esposo de Estyge, pai de Zelo (“zelo, rivalidade”), Nice (“vitória”), Krato (“poder”) e Bia (“força”). Também vernaculizado como “Pallas”, seu nome talvez fosse associado ao verbo “brandir” (*pálla*), considerada ainda a natureza de sua prole.

Pallas: Epíteto da deusa Athena, de significado incerto. 1) Talvez fosse associado ao verbo “brandir” (*pálla*), dado seu estatuto de deusa da guerra. 2) De modo diverso, é possível que tenha derivado de uma palavra antiga relacionada a “moça, donzela”. 3) Posteriormente, alguns mitos variados explicam que Athena assumiu o título depois da morte de alguém chamado “Pallas”; em especial, de um gigante assassinado pela deusa.

Panope: “Onividente”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Parnasso: Monte localizado ao norte do Golfo de Corinto, na encosta do qual se encontrava a antiga cidade de Delfos.

Parthênio: “Virginal, da virgem”, um dos Pótamos, rio da Paflagônia, filho de Oceano e Téthys.

Pasitheé: “Onidivina”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Pasithoé: “Oniveloz”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Pégaso: Cavalinho alado que fendeu a fonte Hippokrene, tradicional companheiro

de Bellerophontes ou de Perseu, filho de Medusa e irmão de Khrysáor.

Peithó: “Persuasiva”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Peleu: Rei da Ftia, filho de Éako, esposo de Thétis e pai do guerreiro Akhilles.

Pélias: Rei de Iolko, tendo usurpado o trono de seu meio-irmão, Esão, pai de Jasão. Foi ele quem mandou Jasão em busca do Velocino de Ouro.

Pemphredo: Uma das Graias, filha de Ceto e Phórcys.

Peneu: Um dos Pótamos, rio da Tessália, filho de Oceano e Téthys.

Permesso: Localizado no Monte Hélikon, provavelmente se trata de um manancial, tal como o Olmeio e a fonte Hippokrene, em torno dos quais as Musas costumam dançar após se banharem.

Perseida: Uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano. Seu nome pode significar “destrutiva”, algo inusual para a natureza dessas deidades.

Perséphone: Deusa da vegetação e da fertilidade, grande rainha do submundo, filha de Deméter e Zeus e esposa de Hades.

Perses: Talvez “destruidor”, filho de Krio e Eurýbia (“ampla força”), esposo de Astéria e pai de Hékate.

Perseu: Herói grego, célebre por cortar a cabeça de Medusa e ser o fundador lendário de Micenas, filho de Zeus e da mortal Dânae. Seu nome talvez fosse

associado à ideia de “destruidor, saqueador”, embora a origem do nome provavelmente seja pré-helênica.

Petraia: “Pétrea”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Phaethonte: “Fulgêncio”, filho de Céphalo e Éos, daimon de Aphrodite (não confundir com o filho de Hélio, que conduziu a carruagem solar).

Phásis: Um dos Pótamos, rio da antiga Cólquida (atual Rio Rioni), filho de Oceano e Téthys.

Phebe: “Radiante”, uma das Titânides, filha de Gaia e Urano, esposa de Koio e mãe de Leto e Astéria.

Phebo: “Radiante”, epíteto do deus Apollo.

Pherusa: “Portadora”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Phillyrida: “Filho de Philyra”, i. e., o centauro Khíron, célebre instrutor de inúmeros heróis, dentre os quais estão Akhilles e Jasão.

Philotes: “Amor”, como manifestação da intimidade nas relações sociais e sexuais (diferente de “Eros”). É filha de Nyx e irmã próxima de Apaté (“enganho”).

Philyra: Filha de Oceano e Téthys, embora não conste na *Theogonia*; fecundada por Krono, foi mãe do centauro Khíron.

Phix: Trata-se de uma variante dialetal beócia para “Esfinge”, criatura com

corpo de leão, asas de águia e cabeça de mulher, filha de Ortho e Khimera.

Phobo: “Medo”, filho de Ares e Aphrodite.

Phoko: Príncipe da ilha de Egina, filho de Éako e Psamathé, meio-irmão de Peleu.

Phonos: “Assassinatos, massacres”, filhos de Éris (“discórdia”).

Phórcys: Patriarca da linhagem de monstros, filho de Ponto e Gaia, esposo de Ceto e pai das Graias, Górgonas e Ekhidna.

Piéria: Região no sul da Macedônia (Grécia), local de nascimento das Musas.

Plexaura: “Brisa trançada”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Pluto: “Riqueza”, filho de Jásio e Deméter.

Plutó: “Riqueza”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Polydora: “Muita dádiva”, uma das Oceaninas, filha de Téthys de Oceano.

Polydoro: “Muita dádiva”, um dos reis de Thebas, filho de Kadmo e Harmonia.

Polýmnia: “A dos muitos hinos”, uma das Musas, filha de Mnemosyne e Zeus.

Polynoé: “Muito sagaz”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Pono: “Fadiga, labor”, filho de Éris.

Ponto: “Mar”, filho e amante de Gaia (“terra”), com quem gerou Nereu, Thaumante, Phórcys, Ceto e Eurýbia.

Pontoporeia: “Travessia marinha”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Posêidon: Deus olímpico do mar e dos terremotos, filho de Krono e Rheia, esposo de Amphitrite e pai de Tritão e Cymopoleia.

Pótamos: “Rios”, filhos de Oceano e Téthys, irmãos das Oceaninas.

Prometheu: “Previdente, o que pensa antes”, filho de Jápeto e Klýmene, adversário de Zeus na astúcia, doador do fogo aos homens e, por isso, acorrentado a uma rocha para ter seu fígado eternamente devorado por uma águia.

Pronoé: “Previdência”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Prothó: “A que propele”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Proto: “Dianteira”, uma das Nereidas, filha de Dória e Nereu.

Protomedeia: “Rainha prima”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Prymno: “Última”, talvez em relação à popa da nau ou às profundezas das águas, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Psamathé: “Arenosa”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu, amante de Éako e mãe de Phoko.

Psêudeas: “Mentiras”, filhos de Éris (“discórdia”).

Pythó: Região onde se encontrava o célebre oráculo de Delfos, chamado

“umbigo do mundo” pelos gregos em referência à pedra oval que o sinalizava (a mesma que Krono engoliu e vomitou). O nome da região se refere à antiga guardiã daquela terra, a serpente Pýthon, aniquilada pelo deus Apollo.

Rheia: Uma das Titânides, filha de Gaia e Urano, esposa de Krono, mãe de Posêidon, Hades, Deméter, Héstia, Hera e Zeus. Seu nome evoca a ideia de “fluxo” (do verbo *rhéo*), mas talvez tenha derivado por metátese de uma antiga palavra para “terra, chão” (*éra*) enquanto símbolo da fertilidade; era inclusive pelo título de “mãe dos deuses” que Rheia costumava ser associada à deusa frígia Cibele.

Rheso: Um dos Pótamos, rio da antiga Trôade, filho de Oceano e Téthys.

Rhodeia: “Rósea”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Rhódio: Talvez “o rosado”, um dos Pótamos, rio da antiga Trôade, filho de Oceano e Téthys.

Sangário: Um dos Pótamos, rio da antiga Frígia, filho de Oceano e Téthys.

Saó: “Salvante”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu.

Selene: “Lua”, ilustre filha de Theia e Hypérion.

Semele: Filha de Harmonia e Kadmo, amante de Zeus e mãe do deus Dionyso. Foi fulminada após contemplar Zeus em seu pleno esplendor, mas tornou-se

também ela uma deusa depois de resgatada do Hades por seu filho.

Simoente: Um dos Pótamos, rio da antiga Trôade, filho de Oceano e Téthys.

Tártaro: Divindade primordial, trevosa e abissal região subterrânea que serve de prisão aos imortais, especialmente aos Titãs. Como amante de Gaia (“terra”), foi pai do monstruoso Typhéu.

Telégono: “Nascido longe”, soberano tirreno (na Península Itálica, mas não necessariamente associado apenas aos etruscos), filho de Odysseu e Circe.

Telestó: “A que perfaz, concludente”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Terpsíkhore: “Dança prazerosa”, uma das Musas, filha de Mnemosyne e Zeus.

Téthys: Rainha das águas, uma das Titânides, filha de Gaia e Urano, esposa de Oceano, mãe das Oceaninas e dos Pótamos.

Thaleia: “Exuberante, festiva”, uma das Musas, filha de Mnemosyne e Zeus.

Thalia: “Exuberância, festa”, 1) uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu; 2) uma das Khárites, filha de Eurýnome e Zeus.

Thânato: “Morte”, filho de Nyx (“noite”), irmão próximo de Hypno (“sono”).

Thaumante: “Maravilha, espanto” (talvez em relação ao aspecto arrebatador do mar), filho de Ponto de Gaia, esposo de Elektra, pai de Íris e das Harpyias.

Thebas: Cidade na região da Beócia, célebre por conta de seu fundador lendário, Kadmo, por ser o local onde se passa a tragédia de Édipo, e por sua muralha de sete portões (daí, “bem-coroadá”).

Theia: “Vidente” ou “divina”, uma das Titânides, filha de Gaia e Urano, esposa de Hypérion e mãe de Hélio (“sol”), Selene (“lua”) e Éos (“aurora”).

Thêmis: “Norma, sentença”, especialmente o que está estabelecido por lei divina/costume imemorável. Uma das Titânides, filha de Gaia e Urano, segunda esposa de Zeus, mãe das Horas e das Moiras.

Themisto: “A das sentenças, normativa”, uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu. Pode ter relação com as leis naturais/divinas do mar e sua interpretação, dada a natureza de suas irmãs próximas, Pronoé (“previdente”) e Nemer-tés (“infallível”).

Thétis: Uma das Nereidas, filha de Dóris e Nereu, esposa de Peleu e mãe do guerreiro Akhilles.

Thoé: “Veloz”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Tiryntho: Antiga cidade grega localizada na Argólida, onde Hérakles foi incumbido de realizar seus doze trabalhos.

Titânides: Feminino de “Titãs”, filhas de Gaia e Urano.

Titãs: Filhos de Urano e Gaia, que depuseram o próprio pai, reinaram sobre a terra e foram subjugados pelos Olímpicos, estando desde então aprisionados no fundo do Tártaro. Segundo Hesíodo, Urano os chamou “Titãs” por terem se esticado (do grego *titaínontas*) para realizar a revolta.

Tithono: Irmão de Príamo (o famoso rei de Troia), amante de Éos e pai de Mêmnon e Emathião. Foi imortalizado por Zeus a pedido de Éos, mas seu envelhecimento perdura, visto que a deusa esqueceu-se de solicitar a juventude eterna do amante.

Treto: Monte localizado em Nemeia.

Tritão: Deus marinho, filho de Posêidon e Amphitrite, tradicionalmente representado com uma cauda de peixe a partir da cintura.

Tritogênia: Talvez “a que nasceu por três” (vide nota ao verso 895), um epíteto da deusa Athena.

Tykhé: “Sorte”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Typhão: Provavelmente uma variante de “Typheu”, ou então um de seus filhos (vide nota ao verso 821). Amante de Ekhidna e pai de Ortho, Cérbero e da Hydra de Lerna.

Typheu: Monstruoso e disforme filho de Tártaro e Gaia, pai dos ventos devastadores, gerado como desafio derradeiro para a soberania de Zeus. Talvez seja o

mesmo “Typhão” amante de Ekhidna e pai de Ortho, Cérbero e da Hydra de Lerna.

Urânia: “Celeste”, 1) uma das Musas, filha de Mnemosyne e Zeus; 2) uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Uranida: “Filho de Urano”, i. e., Kro-no.

Uranino: “Celestial”, adjetivo genérico para designar qualquer membro da linhagem de Urano.

Urano: “Céu”, primeiro regente da linhagem celestial, filho e esposo de Gaia, pai dos Titãs, Cýklopes e Hekatônkhiros. De seu sangue unido a Gaia, foram geradas as Erynías, os Gigantes e as ninfas Melíades; de seu esperma ao mar, a deusa Aphrodite.

Xanthe: “Loura”, uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

Zelo: “Zelo, inveja, rivalidade”, filho de Estyge e Pallante, irmão próximo de Nice (“vitória”) e acompanhante de Zeus.

Zéphyro: Vento do Oeste, filho de Astreu e Éos.

Zeus: Deus olímpico supremo, senhor do raio e do trovão, detentor da égide, terceiro regente na sucessão da linhagem celestial e ordenador último do mundo, filho de Krono e Rheia.

Zeuxo: “A que junge” (talvez em relação à união matrimonial), uma das Oceaninas, filha de Téthys e Oceano.

6- REFERÊNCIAS

Dicionários consultados

BEEKES, Robert. *Etymological dictionary of greek* (2 vols). Leiden: Brill, 2010.

PEREIRA, Isidro. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. 6 ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1976.

Perseus – Greek Word Study Tool. Disponível em:

<<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/morph>>.

Traduções consultadas

HESIOD. *Theogony and Works and Days*. Translated with introduction by Catherine M. Schlegel and Henry Weinfield. 5 ed. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2010.

_____. *Theogony. Works and Days. Testimonia*. Edited and translated by Glenn W. Most. Cambridge: Harvard University Press, 2006.

HESÍODO. *Obras y fragmentos*. Introducción, traducción y notas de Aurelio Pérez Jiménez y Alfonso Martínez Díez. Madrid: Gredos, 1978.

_____. *Os trabalhos e os dias*. Edição, tradução, introdução e notas e Alessandro Rolim de Moura, Curitiba: Segesta, 2012.

_____. *Teogonia. Trabalhos e dias*. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Introdução, tradução e notas de Ana Elias Pinheiro e José Ribeiro Ferreira. 2 ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2014.

_____. *Teogonia*. Tradução, introdução e notas de Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013.

_____. *Teogonia, a origem dos deuses*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. 5 ed. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____. *Trabalhos e dias*. Tradução, introdução e notas de Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013.

HOMERO. *Iliada*. Tradução de Manoel Odorico Mendes. Organização, prefácio e notas de Sálvio Nienkötter. Cotia: Ateliê Editorial; Campinas: Editora Unicamp, 2008.

_____. *Iliada*. Tradução e introdução de Carlos Alberto Nunes. 25 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

_____. *Iliada*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. *Odisseia*. Tradução e introdução de Carlos Alberto Nunes. 25 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

_____. *Odisseia*. Tradução de Christian Werner. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Outras referências

ANTUNES, C. L. B. *Ritmo e sonoridade na poesia grega antiga: uma tradução comentada de 23 poemas*. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, FFLCH-USP, São Paulo, 2009.

_____. *Métrica e rítmica nas Odes Píticas de Píndaro*. Tese (Doutorado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, FFLCH-USP, São Paulo, 2012.

AUBRETON, Robert. *Introdução a Hesíodo*. Boletim n. 215, Língua e Literatura Grega, n. 6. São Paulo: Gráfica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1956.

BELLOWS, H. A. *The Poetic Edda, translated from the Icelandic with an introduction and notes*. Princeton: Princeton University Press, 1936.

BRANDÃO, J. L. As Musas ensinam a mentir (Hesíodo, Teogonia, 27-28). *Ágora*, v. 2, p. 7-20, 2000.

BRASETE, M. F. A criação da mulher, segundo Hesíodo. *Teografias*, n. 2, p. 211-220, 2012.

BUSSANICH, John. A theoretical interpretation of Hesiod's Chaos. *Classical Philology*, v. 78, n. 3, p. 212-219, 1983.

CAMPOS, Haroldo de. *Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011.

CARVALHO, R. N. B. *Metamorfoses em tradução*. Relatório (Pós-Doutorado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, FFLCH-USP, São Paulo, 2010.

CLAY, J. S. *Hesiod's cosmos*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

FLORES, G. G. Caos hesiódico: agonia cosmogônica do mistério. *REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários*, n. 5, p. 1-16, 2009.

FLORES, G. G.; GONÇALVES, R. T. *Algo infiel – corpo performance tradução*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

FORTE, A. S. W. Speech from tree and rock: recovery of a Bronze Age metaphor. *American Journal of Philology*, v. 136, p. 1-35, 2015.

GONÇALVES, R. T. Tradução e ritmo: *rêver le vers* de Lucrécio. *MORUS – utopia e renascimento*, v. 11, n. 1, p. 181-197, 2016.

- GOSLIN, Owen. Hesiod's typhonomachy and the ordering of sound. *Transactions of the American Philological Association*, v. 140, n. 2, p. 351-373, 2010.
- GRIFFITH, Mark (ed.). *Aeschylus, Prometheus bound*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- _____. Personality in Hesiod. *Classical Antiquity*, v. 2, n. 1, p. 37-65, 1983.
- MILTON, John. *Tradução: teoria e prática*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MONDI, Robert. $\chi\alpha\omicron\sigma$ in hesiodic cosmogony. *Harvard Studies in Classical Philology*, v. 92, p. 1-41, 1989.
- MONTANARI, Franco; RENGAKOS, Antonios; TSAGALIS, Christos (ed.). *Brill's companion to Hesiod*. Leiden: Brill, 2009.
- NETO, J. A. O.; NOGUEIRA, Érico. O hexâmetro dactílico vernáculo antes de Carlos Alberto Nunes. *Scientia Traductionis*, n. 13, p. 295-311, 2013.
- NETO, J. A. O. O hexâmetro datílico de Carlos Alberto Nunes: Teoria e Repercussões. *Revista Letras*, n. 89, p. 184-201, 2014.
- O'BRYHIM, Shawn. A new interpretation of Hesiod, *Theogony* 35. *Hermes*, 124. Bd., p. 131-139, 1996.
- ORTEGA Y GASSET, José. Miseria y esplendor de la traducción. *Scientia Traducionis*, n. 13, p. 5-50, 2013.
- PIETERSMA, Albert; WRIGHT, Benjamin (ed.). *A new English translation of the Septuagint*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- POUND, Ezra. *A Arte da Poesia*, São Paulo: Cultrix, 1976.
- PUCCI, Pietro. *Inno alle Muse (Esiado, Teogonia, 1-115)*. Testo, introduzione, traduzione e commento a cura di Pietro Pucci. Pisa: Fabrizio Serra, 2007.
- SALE, William. The dual vision of the *Theogony*. *Arion*, v. 4, n. 4, p. 668-699, 1965.
- SMILEY, Charles. Hesiod as an ethical and religious teacher. *The Classical Journal*, v. 17, n. 9, p. 514-522, 1922.
- SOLMSEN, Friedrich. The gift of speech in Homer and Hesiod. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, v. 85, p. 1-15, 1954.
- SULLIVAN, Shirley. The mind and heart of Zeus in the poetry of Hesiod. *Archiv für Begriffsgeschichte*, v. 38, p. 34-47, 1995.
- TÁPIA, Marcelo. Questões de equivalência métrica em tradução de poesia antiga. *Revista Letras*, n. 89, p. 202-218, 2014.
- TOLKIEN, J. R. R. *A lenda de Sigurd e Gudrún*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- TORRANO, J. A. A. A noção mítica de *Kháos* na *Teogonia* de Hesíodo. *Ide*, v. 35,

p. 29-38, 2012.

VERDENIUS, W. J. Hesiod *Theogony* 35. *Mnemosyne*, v. 11, p. 20-24, 1958.

_____. Notes on the proem of Hesiod's *Theogony*. *Mnemosyne*, v. 25,
p. 225-260, 1972.

WEST, M. L. *Hesiod, Theogony: Edited with Prolegomena and Commentary*. Oxford:
Oxford University Press, 1966 .

_____. *Greek Metre*. Oxford: Clarendon Press, 1996.